UM MANUAL DE TEOSOFIA

C. W. Leadbeater

Autor de 'A Vida Interna', 'Sonhos', 'Clarividência', etc.

Edições em 1912, 1914, 1918, 1925, 1937

ÍNDICE

[Capítulo 1 - O QUE É TEOSOFIA](#)

[Capítulo 2 - DO ABSOLUTO ATÉ O HOMEM](#)

[Capítulo 3 - A FORMAÇÃO DO SISTEMA SOLAR](#)

[Capítulo 4 - A EVOLUÇÃO DA VIDA](#)

[Capítulo 5 - A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM](#)

[Capítulo 6 - APÓS A MORTE](#)

[Capítulo 7 - REENCARNAÇÃO](#)

[Capítulo 8 - O PROPÓSITO DA VIDA](#)

[Capítulo 9 - AS CADEIAS PLANETÁRIAS](#)

[Capítulo 10 - O RESULTADO DO ESTUDO TEOSÓFICO](#)

Capítulo 1

O QUE É TEOSOFIA

"Ainda existe escola de filosofia que a cultura moderna perdeu de vista." Com estas palavras o Sr. A. P. Sinnett iniciou seu livro *The Occult World*, a primeira exposição popular da Teosofia, publicado há trinta anos (em 1881). Durante os anos que se passaram desde então, milhares têm aprendido a sabedoria nesta escola, mesmo que à maioria seus ensinamentos ainda sejam desconhecidos, e possam dar só a mais vaga das respostas à pergunta "O que é Teosofia?".

Já existem dois livros respondendo esta questão: *O Buddhismo Esotérico*, de A. P. Sinnett, e *A Sabedoria Antiga*, de A. Besant. Não pretendo competir com estes trabalhos modelares; o que desejo é apresentar uma exposição, tão clara e simples quanto a possa fazer, que possa ser considerada introdutória para eles.

Com freqüência falamos da Teosofia como sendo não uma religião em si, mas a verdade que subjaz em todas as religiões igualmente. Assim é; já, de um outro ponto de vista, podemos seguramente dizer que ela é a um tempo uma filosofia, uma religião e uma ciência. É uma filosofia porque nos apresenta com clareza uma explanação do esquema de evolução tanto das almas como dos corpos contidos em nosso sistema solar. É uma religião até onde, tendo nos mostrado o curso ordinário da evolução, também põe diante de nós e recomenda um método de abreviarmos este curso, de modo que por esforço consciente podemos progredir mais diretamente para o alvo. É uma ciência, porque trata estes dois assuntos como matéria não de fé teológica, mas de conhecimento direto obtível através de estudo e investigação. Ela assevera que o homem não tem necessidade alguma de crer com fé cega, porque ele tem em si poderes latentes que, quando despertados, capacitam-no para ver e examinar por si mesmo, e passa a provar seu argumento mostrando como aqueles poderes podem ser despertados. Ela própria é um resultado do despertar de tais poderes pelos homens, pois os ensinamentos que nos apresenta são fundamentados sobre observações diretas feitas no passado, e tornadas possíveis apenas por tal desenvolvimento.

Como uma filosofia, explica-nos que o sistema solar é um mecanismo cuidadosamente ordenado, uma manifestação de uma vida magnificente, da qual o homem é apenas uma pequena parte. De qualquer modo, enfoca esta pequena parte que nos interessa diretamente, e trata dela de modo exaustivo sob três aspectos - presente, passado e futuro.

Trabalha com o presente descrevendo o que o homem realmente é, visto por meio das faculdades desenvolvidas. Costuma-se falar do homem como possuindo um alma; a Teosofia, como resultado da investigação direta, inverte a frase, e afirma que o homem é uma alma, e que possui um corpo - de fato diversos corpos, que são seus veículos e instrumentos nos diversos mundos. Este mundos não estão separados no espaço; estão

simultaneamente presentes conosco, aqui e agora, e podem ser examinados; eles são divisões do lado material da natureza - diferentes graus de densidade na agregação de matéria, como em breve será explicado em detalhe. O homem tem uma existência em diversos deles, mas normalmente só é consciente do mais inferior, ainda que algumas vezes em sonhos e transe tenha vislumbres de alguns dos outros. O que é chamado morte é o abandono do veículo pertencente a este mundo inferior, mas a Alma ou homem real em um mundo superior já não é mudada ou afetada por isto mais do que o homem físico é mudado ou afetado quando remove seu casaco. Tudo isso é uma questão, não de especulação, mas de observação e experimento.

A Teosofia tem muito a nos dizer da história passada do homem - de como no curso da evolução ele veio a ser o que é hoje. Isto também é uma questão de observação, por causa do fato de que existe um registro indelével de tudo o que acontece - uma espécie de memória da Natureza - por cujo exame as cenas da evolução anterior podem ser feitas passar ante os olhos do investigador como se estivessem acontecendo neste exato momento. Por este estudo do passado aprendemos que o homem é divino em sua origem e que tem uma longa evolução atrás de si - uma evolução dupla, a da vida ou Alma interior, e a das formas externas. Aprendemos, também, que a vida do homem como Alma é, ao que nos parece, de enorme extensão, e que aquilo que por hábito costumamos chamar de sua vida na realidade é só um único dia da sua existência real. Ele já viveu por muitos desses dias, e tem muitos mais deles ainda à sua frente; e se desejamos entender a vida real e seu objetivo, devemos considerá-la em relação não só a este seu dia único, que inicia no nascimento e encerra na morte, mas também aos dias que se passaram antes e os que ainda estão por vir.

Dos que ainda estão por vir também há muito a ser dito, e neste assunto, igualmente, uma grande quantidade de informação definida é disponível. Tal informação pode ser obtida, primeiro, de homens que já passaram muito para diante do que nós ao longo da estrada da evolução, e conseqüentemente têm disso uma experiência direta; e, segundo, de inferências feitas a partir da direção óbvia dos passos que percebemos já terem sido dados anteriormente. A meta deste ciclo particular está à vista, mesmo que ainda muito acima de nós, mas pareceria que, mesmo quando a tivermos atingido, uma infinitude de progresso ainda estaria à frente de cada um que estiver querendo empreendê-lo.

Uma das mais extraordinárias vantagens da Teosofia é a de que a luz que nos traz de imediato resolve muitos dos nossos problemas, afasta muitas dificuldades, analisa as aparentes injustiças da vida, e em todas as direções traz ordem ao aparente caos. Pois enquanto que alguns de seus ensinamentos são baseados sobre a observação de forças cuja atuação

direta está algo além do conhecimento do homem comum do mundo, se este a aceitar como hipótese muito cedo chegará a ver que deve estar correta, porque ela, e ela sozinha, fornece uma explicação coerente e razoável do drama da vida que está sendo representado diante dele.

A existência de Homens Perfeitos, e a possibilidade de entrarmos em contato com Eles e sermos ensinados por Eles, são proeminentes dentre as grandes novas verdades que a Teosofia traz ao mundo ocidental. Uma outra delas é o estupendo fato de que o mundo não está mergulhando cegamente na anarquia, mas que seu progresso está sob o controle de uma Hierarquia perfeitamente organizada, de modo que o fracasso para mesmo a mais minúscula de suas unidades é de todas as impossibilidades a mais impossível. Um vislumbre do trabalho desta Hierarquia inevitavelmente engendra o desejo de cooperar com ele, de servir nele, por mais humilde que seja a capacidade, e nalguma ocasião num futuro distante ser digno de juntar-se às mais externas de suas fileiras.

Isto nos leva àquele aspecto da Teosofia que chamamos de religioso. Aqueles que vêm a conhecer e entender estas coisas estão insatisfeitos com os morosos eons da evolução; eles anseiam por se tornar úteis mais imediatamente, e então procuram e obtêm conhecimento da Senda mais curta porém mais escarpada. Não há possibilidade de escapar à quantidade de trabalho que tem de ser feito. É como carregar um peso montanha acima; seja carregando-o por um atalho mais escabroso, seja mais gradualmente por uma estrada de aclive suave, precisamente o mesmo número de passos deve ser dado. Portanto fazer o mesmo trabalho em uma fração reduzida do tempo significa esforço determinado. Pode ser feito, contudo, pois têm sido feito; e os que o fizeram concordam que o trabalho é mais do que bem pago. A limitação dos vários veículos é com isso gradualmente transcendida, e o homem liberado se transforma num colaborador inteligente no poderoso plano para a evolução de todos os seres.

Em sua feição religiosa, também, a Teosofia dá aos seus seguidores uma regra de vida, baseada não em supostas ordenações proferidas num período remoto do passado, mas no simples bom senso, como indicado pelos fatos observados. A atitude do estudante de Teosofia em relação às regras que ela prescreve parece antes as que adotamos por medida higiênica do que uma obediência a imposições religiosas. Podemos dizer, se quisermos, que esta coisa ou aquela outra está de acordo com a Vontade Divina, pois a Vontade Divina é expressa no que conhecemos como leis da natureza. Porque aquela Vontade sabiamente dispôs todas as coisas, infringir suas leis significa perturbar o suave funcionamento do esquema, atrasar por um momento aquele fragmento ou pequena parte da evolução, e conseqüentemente trazendo desconforto para nós mesmos e outros. É por esta razão que o homem sábio evita infringi-las - não para

escapar da imaginária ira de alguma deidade ultrajada.

Mas se de um certo ponto de vista podemos pensar na Teosofia como uma religião, devemos notar dois grandes pontos de diferença entre ela e o que é ordinariamente chamado de religião no Ocidente. Primeiro, ela não exige fé de seus seguidores, nem mesmo fala de fé no sentido em que este termo é usualmente empregado. O estudante da ciência oculta ou sabe uma coisa ou suspende seu julgamento sobre ela; não há espaço neste esquema para a fé cega. Naturalmente, os iniciantes no estudo ainda não podem saber por si mesmos, assim eles são solicitados a ler os resultados das várias observações e lidar com eles como hipóteses prováveis - para serem aceitas e agirmos em função delas provisoriamente, até o momento em que possam prová-las por si mesmos.

Segundo, a Teosofia jamais procura converter qualquer homem de qualquer religião que ele já abrace. Ao contrário, ela explica sua religião para ele, e o capacita para ver nela significados mais profundos do que ele jamais conhecera antes. Ela o ensina a entendê-la e vivê-la melhor do que o fazia, e em muitos casos devolve a ele, em um nível mais inteligente e mais alto, a fé que ele previamente havia perdido toda.

A Teosofia têm seu aspecto de ciência também; é verdadeiramente uma ciência da vida, uma ciência da Alma. Ela aplica a tudo o método científico da observação reiterada e meticulosa, e então tabula os resultados e faz deduções a partir deles. Deste modo tem investigado os vários planos da Natureza, as condições da consciência humana durante a vida e após o que é comumente chamado de morte. Não pode ser demais repetir que suas asserções em todos estes pontos não são vagas presunções ou dogmas de fé, mas são baseadas em direta e muitas vezes repetida observação do que acontece. Seus investigadores têm tratado já em alguma extensão de assuntos mais no âmbito da ciência comum, como pode ser averiguado por quem ler o livro A Química Oculta.

Assim vemos que a Teosofia combina em si algumas das características da filosofia, da religião e da ciência. Qual, poderia ser perguntado, é seu evangelho para este mundo atribulado? Quais são os pontos principais que sobressaem de suas investigações? Quais são os grandes fatos que tem para apresentar à humanidade?

Eles têm sido bem resumidos em três pontos principais.

"Há três verdades que são absolutas, e que não podem ser ignoradas, ainda que possam continuar silentes por falta de divulgação.

"A alma do homem é imortal, e seu futuro é o futuro de uma coisa cujo

crescimento e esplendor não têm limites.

"O princípio que concede vida reside em nós e está conosco, é imorredouro e eternamente benéfico, não é ouvido ou visto ou sentido, mas é percebido pelo homem que deseja percepção.

"Cada homem é seu legislador absoluto, o dispensador de glória ou miséria a si mesmo; o decretador de sua vida, sua recompensa, sua punição.

"Estas verdades, que são tão grandes quanto a própria vida, são tão simples quanto a mente mais simples do homem."

Ditas com mais brevidade, e na linguagem do homem das ruas, isso significa que Deus é bom, que o homem é imortal, e que assim como semear, assim deve colher. Há um definido esquema das coisas; está sob direção inteligente e opera sob leis imutáveis. O homem tem seu lugar neste esquema e vive segundo estas leis. Se compreendê-las e cooperar com elas, avançará rapidamente e será feliz; se não as entender - se, propositalmente ou não, transgredí-las, atrasará seu progresso e será miserável. Isso não são teorias, mas fatos provados. Que quem duvida se informe, e verá.

Capítulo 2

DO ABSOLUTO ATÉ O HOMEM

Do Absoluto, do Infinito, do Onipresente, em nosso presente estágio não podemos saber nada, exceto que existe; não podemos dizer nada que não represente uma limitação, e portanto inexata. N'Ele existem universos inumeráveis; em cada universo, incontáveis sistemas solares. Cada sistema solar é a expressão de um poderoso Ser, a quem chamamos de Logos, o Verbo Divino, a Deidade Solar. Para o sistema Ele é tudo o que os homens entendem por Deus. Ele o permeia; não existe nada nele que não seja Ele; é a Sua manifestação nesta matéria o que podemos ver. Porém Ele existe acima e fora dele, vivendo uma vida estupenda entre Seus Pares. Como é dito numa Escritura Oriental: "Tendo permeado este universo inteiro com uma partícula de Mim mesmo, ainda permaneço."

Desta Sua excelsa vida não podemos saber nada. Mas do fragmento de Sua vida que energiza Seu sistema podemos saber algo nos níveis inferiores de sua manifestação. Não podemos vê-Lo, mas podemos ver Seu poder em ação. Ninguém que seja clarividente pode ser ateu; a evidência é por demais tremenda.

De Si mesmo chamou à existência este poderoso sistema. Nós que

estamos nele somos fragmentos em evolução de Sua vida, Centelhas de Seu Fogo divino; d'Ele todos procedemos; a Ele todos retornaremos.

Muitos têm perguntado por que Ele fez isso; por que Ele emanou de Si mesmo todo este sistema; por que Ele nos enviou para enfrentarmos as tormentas da vida. Não o podemos saber, tampouco é uma pergunta prática; é bastante que estejamos aqui, e façamos nosso melhor. Porém muitos filósofos especularam sobre este ponto e muitas sugestões foram dadas. A mais bela que conheço é a de um filósofo Gnóstico:

"Deus é Amor, mas o próprio Amor não pode ser perfeito a não ser que tenha em quem ser derramado e de quem possa voltar. Portanto Ele se manifestou na matéria, e limitou Sua glória, a fim de que através desse processo natural e lento de evolução pudéssemos vir a existir; e nós por nosso turno de acordo com Sua Vontade nos desenvolveremos até atingir mesmo Seu próprio nível, e então o próprio amor de Deus se tornará mais perfeito, porque então será derramado naqueles, Suas próprias crianças, que plenamente o entenderem e retribuírem, e assim Seu grande esquema será completado e Sua vontade cumprida."

Em qual estupenda altitude Sua consciência habita não sabemos, nem podemos conhecer Sua verdadeira natureza como se mostra lá. Mas quando Ele se manifesta em condições que estão dentro de nosso alcance, Sua manifestação é sempre tríplice, daí todas as religiões O terem imaginado como uma Trindade. Três, ainda que fundamentalmente Um; Três Pessoas (embora pessoa signifique máscara) e ainda Um Deus, mostrando-Se naqueles Três Aspectos. Três para nós, olhando-O de baixo, porque Suas funções são diferentes; Um para Ele, porque As reconhece como apenas facetas de Si mesmo.

Todos estes Três Aspectos estão envolvidos na evolução do sistema Solar; todas os Três também estão envolvidos na evolução do homem. Esta evolução é Sua Vontade; o método dela é o Seu plano.

Logo abaixo desta Deidade Solar, ainda que de um modo misterioso partes de Si, estão Seus sete Ministros, às vezes chamados os Espíritos Planetários. Usando uma analogia retirada da fisiologia de nosso próprio corpo, Suas relações para com Ela são como as dos gânglios ou dos centros nervosos para com o cérebro. Toda a evolução que procede d'Ela o faz através de um ou outro d'Eles.

Por sua vez, sob Eles estão vastas hostes ou ordens de seres espirituais, a quem chamamos de Anjos ou Devas. Ainda não conhecemos todas as funções que Eles preenchem em todas as partes deste maravilhoso esquema, mas encontramos alguns d'Eles intimamente ligados à construção

do sistema e à expansão da sua vida interior.

Aqui em nosso mundo há um grande Oficial que representa a Deidade Solar, e está no absoluto controle de toda a evolução que têm lugar neste planeta. Podemos imaginá-Lo como o verdadeiro Rei deste mundo, e sob Ele existem ministros a cargo dos diferentes departamentos. Um destes departamentos está ligado à evolução das diferentes raças da humanidade, de modo que para cada grande raça há um Líder que a funda, diferencia-a das outras todas, e assiste o seu desenvolvimento. Um outro departamento é o da religião e educação, e é dele que saíram todos os maiores instrutores da história - de quem todas as religiões nasceram. O grande Oficial à testa deste departamento ou vêm Ele mesmo ou envia um de Seus discípulos para fundar uma nova religião quando decide que é necessário alguma.

Assim todas as religiões, à época de sua primeira apresentação ao mundo, têm contido uma definida apresentação da Verdade, e em seus fundamentos esta Verdade têm sido sempre a mesma. As suas apresentações têm variado por causa das diferenças das raças às quais foram oferecidas. As condições de civilização e o grau de evolução obtido pelas várias raças têm tornado desejável apresentar esta Verdade única sob diferentes formas. Mas a Verdade interna é sempre a mesma, e a fonte de onde sai é a mesma, mesmo que as fases externas possam parecer diferentes e mesmo contraditórias. É tolice para os homens disputar sobre a questão da superioridade de um instrutor ou de um modo de ensino sobre outro, pois o instrutor é sempre alguém enviado pela Grande Fraternidade de Adeptos, e em todos os seus pontos importantes, em seus princípios éticos e morais, o ensino têm sido sempre o mesmo.

No mundo existe um corpo de Verdade que jaz por trás de todas estas religiões, e representa os fatos da natureza até onde no presente são conhecidos pelo homem. No mundo externo, por causa de sua ignorância disso, as pessoas estão sempre disputando e questionando sobre se existe um Deus; se o homem sobrevive à morte; se lhe é possível progresso definido, e qual é sua relação para com o universo. Estas questões estão sempre presentes na mente do homem tão logo sua inteligência desperta. Não são irrespondíveis, como freqüentemente se supõe; as respostas para elas estão ao alcance de qualquer um que faça os esforços adequados para encontrá-las. A verdade é alcançável, e as condições para seu alcance são passíveis de conquista por qualquer um que faça o esforço.

Nos primeiros estágios do desenvolvimento da humanidade, os grandes Oficiais da Hierarquia são providos de fora, de outras e mais altamente evoluídas partes do sistema, mas tão logo os homens podem ser treinados para o necessário nível de poder e sabedoria estas funções são assumidas por eles. A fim de aprontar-se para assumir um tal ofício um homem deve elevar-se até um nível muito alto, e deve tornar-se o que chamamos de

Adepto - um ser de bondade, poder e sabedoria tão grandes que Ele sobressai acima do resto da humanidade, pois Ele já terá atingido o ápice da evolução humana; Ele conquistou o que o plano da Deidade assinalou para que conquistasse durante esta era ou dispensação. Mas Sua evolução continua posteriormente além daquele nível - continua até a divindade.

Um grande número de homens já atingiu o nível de Adepto - homens não de uma só nação, mas de todas as principais nações do mundo - almas raras que com coragem indomável assediaram os castelos da natureza, e arrebataram seus segredos internos, e adquiriram assim verdadeiramente o direito de serem chamados de Adeptos. Entre Eles há muitos graus e muitas linhas de atividade; mas sempre alguns d'Eles permanecem em contato com nossa Terra como membros desta Hierarquia que está incumbida da administração dos negócios do mundo e da evolução espiritual de nossa humanidade.

Este corpo augusto é freqüentemente chamado A Grande Fraternidade Branca, mas seus membros não são uma comunidade onde todos vivem juntos. Cada um d'Eles, em grande medida, retira-Se do mundo, e ficam em constante comunicação entre si e com Seu Líder; mas Seu conhecimento das forças superiores é tão grande que isso é conseguido sem qualquer necessidade de encontro no mundo físico. Em muitos casos Eles continuam a viver cada Qual em Seu próprio país, e Seus poderes permanecem insuspeitos aos que vivem perto d'Eles. Qualquer homem que quiser pode atrair Sua atenção, mas ele pode fazer isso apenas mostrando-se digno de Sua atenção. Ninguém deve temer que seus esforços passem impercebidos; tal lapso é impossível, pois o homem que se está devotando a um serviço como este, destaca-se do restante da humanidade como uma grande chama numa noite escura. Uns poucos destes grandes Adeptos, que ora trabalham pelo bem do mundo, desejam tomar como aprendizes aqueles que resolveram devotar-se completamente ao serviço da humanidade; tais Adeptos são chamados Mestres. Um desses aprendizes foi Helena Petrovna Blavatsky - uma grande alma que foi enviada para oferecer conhecimento ao mundo. Junto com o Coronel Henry Olcott ela fundou a Sociedade Teosófica para a disseminação deste conhecimento que ela devia dar. Entre aqueles que entraram em contato com ela naqueles velhos tempos estava A. P. Sinnett, o editor de The Pioneer, e seu agudo intelecto imediatamente captou a magnitude e a importância do ensino que ela lhe apresentou. Mesmo que Madame Blavatsky já tivesse antes escrito Ísis sem Véu, havia atraído apenas escassa atenção, e foi o Sr. Sinnett que primeiro tornou o ensino prontamente disponível aos leitores ocidentais com seus dois livros, O Mundo Oculto e Buddhismo Esotérico.

Foi através destes trabalhos que eu próprio primeiro vim a conhecer seu autor, e depois a própria Madame Blavatsky; de ambos aprendi muito. Quando perguntei a Madame Blavatsky como poderia aprender mais ainda,

como se poderia fazer um progresso definido ao longo da Senda que ela nos apontou, ela me falou da possibilidade de outros estudantes serem aceitos como aprendizes pelos grandes Mestres, assim como ela mesma havia sido aceita, e que o único caminho de obter esta aceitação era mostrar-se digno dela pelo trabalho diligente e altruísta. Ela me disse que para atingir esta meta um homem deve ser absolutamente unidirecionado em sua determinação; que ninguém que tente servir Deus e Mammon jamais poderia esperar conseguir. Um destes mesmos Mestres disse: "A fim de conseguir, um discípulo deve deixar seu mundo e entrar no nosso."

Isto significa que ele deve cessar de ser um na maioria que vive pela riqueza e poder, e deve juntar-se à diminuta minoria que não se importa nada com estas coisas, mas vive somente a fim de devotar-se altruisticamente ao bem do mundo. Ela advertiu-nos claramente que o caminho era difícil de seguir, e que seríamos incompreendidos e vilipendiados por aqueles que ainda viviam no mundo, e não devíamos olhar à frente senão para o mais árduo dos trabalhos árdus; e ainda que o resultado fosse assegurado, ninguém poderia prever quando seria atingido. Alguns de nós aceitaram estas condições alegremente, e em nenhum momento nos arrependemos de tal decisão.

Depois de alguns anos de trabalho eu tive o privilégio de entrar em contato com estes grandes Mestres de Sabedoria; d'Eles eu aprendi muitas coisas - entre outras, como verificar por mim mesmo em primeira mão a maioria dos ensinamentos que Eles haviam dado. De modo que, neste assunto, escrevo do que sei, e do que tenho visto por mim mesmo. Certos pontos são mencionados no ensino, pois para sua verificação são necessários poderes além de qualquer coisa que eu já tenha obtido. Deles, só posso dizer que são consistentes com o que já sei, e em muitos casos são necessários como hipóteses confirmadoras do que tenho visto. Eles me chegaram, junto com o resto do sistema Teosófico, com a autoridade destes poderosos Instrutores. Desde então eu tenho aprendido a examinar por mim mesmo a de longe maior parte do que me foi dito, e tenho descoberto que a informação dada a mim está correta em cada detalhe; portanto justifica-se que eu defenda a probabilidade de que aquela outra parte, a que eu ainda não posso verificar, também provará estar correta quando eu chegar naquele nível.

Obter a honra de ser aceito como um aprendiz de um dos Mestres da Sabedoria é o objetivo definido por cada estudante Teosófico sério. Mas significa um esforço definido. Sempre têm havido homens que estiveram desejosos de fazer o esforço necessário, e portanto sempre têm havido homens que souberam. O conhecimento é tão transcendente que quando um homem o incorpora plenamente se torna mais que um homem, e passa além de nosso alcance.

Mas há estágios na aquisição deste conhecimento, e podemos aprender muito, se quisermos, daqueles que também ainda estão em processo de aprendizagem; pois todos os seres humanos estão em um ou outro degrau na escada da evolução. O primitivo está na base; nós que somos civilizados já escalamos parte do caminho. Mas ainda que possamos olhar para trás e ver degraus da escada que já passamos, também podemos olhar para a frente e ver muitos degraus acima de nós que ainda não atingimos. Assim como existem homens que estão mesmo agora em cada um dos degraus acima, por isso podemos ver os estágios pelos quais o homem subiu; assim também como há homens em cada degrau acima de nós, igualmente pelo estudo deles podemos ver como o homem subirá no futuro. Precisamente porque vemos homens em cada degrau desta escadaria, que conduz a uma glória que já não temos palavras para expressar, sabemos que a ascensão àquela glória nos é possível. Os que estão muito acima de nós, tão acima que nos aparecem como deuses em Seu maravilhoso conhecimento e poder, contam-nos que Eles até não muito tempo atrás estavam onde nós estamos agora, e Eles nos indicam claramente os passos que faltam, os que devemos dar se havemos de ser como Eles.

Capítulo 3

A FORMAÇÃO DO SISTEMA SOLAR

O início do universo (se jamais teve algum início) está fora de nosso alcance. No ponto da história mais remoto a que podemos chegar, os dois grandes opostos do Espírito e matéria, da vida e da forma, já estão em plena atividade. Acreditamos que a concepção comum de matéria requer uma revisão, pois o que comumente são chamadas força e matéria em realidade são somente duas variedades do Espírito em diferentes estágios de evolução, e a matéria real ou base de tudo jaz no pano de fundo impercebido. Um cientista francês disse recentemente: "Não há matéria; não há nada exceto buracos no éter." Isto também concorda com a celebrada teoria do Prof. Osborne Reynolds. A investigação oculta mostra que esta é a visão correta, e deste modo explica o que os livros sacros Orientais querem dizer quando falam que a matéria é uma ilusão.

A matéria primordial como vista em nosso nível é o que os cientistas chamam de éter do espaço (o que tem sido descrito na Química Oculta sob o nome de koilon). Para cada sentido físico o espaço ocupado por ele é aparentemente vazio, ainda que em realidade este éter seja muitíssimo mais denso do que qualquer coisa que possamos conceber. Sua densidade é definida pelo Prof. Reynolds como sendo dez mil vezes maior que a da água, o que significa uma pressão de 750.000 toneladas por polegada quadrada.

Esta substância é perceptível só ao poder clarividente altamente treinado. Devemos presumir um tempo (ainda que não tenhamos conhecimento direto neste ponto) quando esta substância preenchia todo o espaço. Devemos também supor que algum grande Ser (não a Deidade de um sistema solar, mas algum Ser quase infinitamente mais excelso que aquela) alterou esta condição de repouso ao derramar Seu espírito ou força dentro de certa seção desta matéria, uma seção do tamanho de um universo inteiro. O efeito da introdução desta força é como o do soprar de uma poderosa respiração; ela formou neste éter um incalculável número de pequenas bolhas esféricas (referidas na Doutrina Secreta como os buracos que Fohat abre no espaço), e estas bolhas são os átomos ultérrimos de que o que chamamos matéria é composta. Não são os átomos do químico, sequer os átomos derradeiros do mundo físico. Eles estão em um nível muitíssimo mais elevado, e o que usualmente chamamos átomos são compostos de vastas agregações destas bolhas, como será visto mais adiante.

Quando a Deidade Solar começa a formar Seu sistema, Ela encontra já pronto à mão este material - esta infinita massa de pequenas bolhas que podem ser construídas nos diversos tipos de matéria como a conhecemos. Ela começa definindo o limite de Seu campo de atividade, uma vasta esfera cuja circunferência é muito maior que a órbita do mais externo de Seus futuros planetas. Dentro do limite desta esfera Ela dispõe um tipo de vórtice gigantesco - um movimento que reúne juntas todas as bolhas numa vasta massa central, o material da nebulosa que há de nascer.

Nesta vasta esfera giratória Ela aplica sucessivos impulsos de força, juntando as bolhas em agregações cada vez mais e mais complexas, e produzindo desta maneira sete gigantescos mundos interpenetrantes de matéria em diferentes graus de densidade, todos concêntricos e todos ocupando o mesmo espaço.

Agindo através de Seu Terceiro Aspecto, Ela envia para esta esfera estupenda o primeiro destes impulsos. Ele produz em toda a esfera um imenso número de pequenos vórtices, cada qual atraindo para si quarenta e nove bolhas, e as arranja de certa forma. Estes pequenos agrupamentos de bolhas assim formadas são os átomos do segundo dos mundos interpenetrantes. O número total de bolhas não é utilizado deste modo, um número suficiente sendo deixado em estado dissociado para atuarem como átomos para o primeiro e mais elevado destes mundos. No devido tempo chega o segundo impulso, que captura quase todas as quarenta e nove bolhas atômicas (deixando só o bastante para suprir de átomos o segundo mundo), as recolhe em si e então, expelindo-as novamente, organiza vórtices entre elas, cada qual abrigoando em si 2.401 bolhas (492). Estas formam os átomos do terceiro mundo. Novamente depois de algum tempo vem um terceiro impulso, que da mesma forma reúne quase todas estas 2.401 bolhas atômicas, devolve-lhes a sua forma original, e de novo as

expele para fora mais uma vez como átomos do quarto mundo - cada átomo contendo esta vez 493 bolhas. Este processo é repetido até que o sexto desses impulsos sucessivos tenha construído o átomo do sétimo ou mundo mais inferior - um átomo que contém 496 das bolhas originais.

Este átomo de sétimo mundo é o átomo derradeiro do mundo físico - não qualquer dos átomos de que fala o químico, mas aquele ultrímimo dos quais seus átomos são feitos. Neste estágio nós teremos chegado àquela condição das coisas na qual a vasta esfera rodopiante contém em si sete tipos de matéria, todas uma só em essência, pois todas construídas do mesmo tipo de bolhas, mas diferindo em seu grau de densidade. Todos esses tipos são livremente entremesclados, de modo que exemplares de cada tipo sejam encontrados numa pequena porção tomada ao acaso de qualquer parte da esfera, entretanto, com uma tendência geral de os átomos mais pesados gravitarem mais e mais em direção ao centro.

O sétimo impulso enviado do Terceiro Aspecto da Deidade não transforma, como antes, de volta os átomos físicos que foram feitos por último nas bolhas dissociadas originais, mas reúne-os em certas agregações, fazendo assim um número de diferentes tipos do que podemos chamar de proto-elementos, e estes novamente são reunidos juntos em várias formas que são conhecidas na ciência como elementos químicos. Essas elaborações se estendem por um período de longas eras, e são feitas em uma certa ordem definida pela interação de diversas forças, como é corretamente indicado no trabalho de Sir William Crookes A Gênese dos Elementos. Na verdade o processo de sua elaboração mesmo agora ainda não está concluído; o urânio é o último e mais pesado elemento até onde sabemos, mas outros ainda mais complexos podem talvez ser produzidos no futuro.

Com o passar das eras a condensação aumentou, e logo o estágio de uma vasta nebulosa incandescente foi alcançado. Ao resfriar-se, mas ainda girando com rapidez, achatou-se em um imenso disco e gradualmente partiu-se em anéis em torno de um corpo central - um arranjo não dessemelhante daquele que Saturno exhibe nos dias de hoje, ainda que numa escala muitíssimo maior. Aproximando-se o momento em que os planetas seriam necessários para os propósitos da evolução, a Deidade criou na espessura de cada anel um vórtice subsidiário, no qual uma grande quantidade de matéria do anel fosse gradualmente coletada. As colisões dos fragmentos reunidos provocou uma revivescência do calor, e o planeta resultante foi por longo tempo uma massa de gás incandescente. Pouco a pouco ela esfriou de novo, até que se aprontou para ser o teatro de vida como a nossa. Assim todos os planetas foram formados.

Quase toda a matéria desses mundos interpenetrantes a esta altura estava concentrada nos planetas recém-formados. Cada um deles era e é composto de todos aqueles diferentes tipos de matéria. A Terra sobre onde

vivemos agora não é apenas uma grande bola de matéria física, construída com os átomos daquele mundo inferior, mas também tem associado um abundante suprimento de matéria do sexto, do quinto, do quarto e dos outros mundos. É bem sabido de todos os estudantes de ciência que partículas de matéria na verdade jamais tocam umas nas outras, mesmo na mais densa das substâncias. Os espaços entre elas estão em muitíssimo maior proporção do que seu próprio tamanho - enormemente maior. De modo que existe um amplo espaço para todos os outros tipos de átomos de todos os outros mundos, não só para permanecerem entre os átomos da matéria mais densa, mas para se moverem mui livremente por entre e em torno deles. Conseqüentemente, este globo sobre onde vivemos não é só um único mundo, mas sete mundos interpenetrantes, todos ocupando o mesmo espaço, exceto que os tipos mais finos de matéria se estendem para mais além do centro do que o faz a matéria mais densa.

Nós demos nomes a esses mundos interpenetrantes por conveniência ao falarmos deles. Nenhum nome é necessário para o primeiro, já que o homem ainda não está em conexão direta com ele; mas quando for preciso mencioná-lo, poderíamos chamá-lo de mundo divino. O segundo é descrito como sendo o monádico, porque nele existem aquelas Centelhas da Vida divina que denominamos Mônadas humanas; mas tampouco estas podem ser alcançadas mesmo pela mais elevada investigação clarividente por enquanto possível para nós. A terceira esfera, cujos átomos contêm 2.401 bolhas, é chamada de mundo espiritual, porque nele atua o mais alto Espírito no homem do modo como hoje ele é constituído. O quarto é o mundo intuicional (previamente chamado na Teosofia de plano búdico) porque dele provêm as mais altas intuições. O quinto é o mundo mental, porque de sua matéria é construída a mente do homem. O sexto é dito mundo emocional ou astral, porque as emoções do homem provocam ondulações em sua matéria (o nome astral lhe foi dado pelos alquimistas medievais, porque sua matéria é cintilante ou brilhante como estrelas, comparada àquela do mundo mais denso). O sétimo mundo, composto do tipo de matéria que vemos à nossa volta, é chamado de físico.

A matéria de que todos esses mundos interpenetrantes são construídos é essencialmente a mesma, mas diferentemente arranjada e em diferentes graus de densidade. Portanto as freqüências em que esses vários tipos de matéria normalmente vibram também diferem. Elas podem ser consideradas como uma vasta gama de ondulações consistindo de muitas oitavas. A matéria física utiliza um certo número das oitavas mais baixas, a matéria astral um outro grupo de oitavas logo acima destas, a matéria mental um grupo ainda mais elevado, e assim por diante.

Não só cada um destes mundos têm seu próprio tipo de matéria; também tem seu próprio conjunto de agregações desta matéria - suas próprias substâncias. Em cada mundo arranjamos estas substâncias em sete

classes de acordo com a taxa em que vibram suas moléculas. Usualmente, mas não sempre, as oscilações mais lentas envolvem também uma molécula maior - uma molécula, digamos, construída por um arranjo especial das moléculas menores da subdivisão imediatamente superior. A aplicação de calor aumenta o tamanho das moléculas e também acelera e amplifica suas ondulações, de modo que elas cobrem um maior terreno, e o objeto como um todo se expande, até atingir o ponto onde as agregações de moléculas se rompem, e estas passam de uma condição para a imediatamente superior. Na matéria do mundo físico as sete subdivisões são representadas por sete graus de densidade da matéria, aos quais, partindo de baixo para cima, damos os nomes de sólido, líquido, gasoso, etérico, super-etérico, sub-atômico e atômico.

A subdivisão atômica é uma na qual todas as formas são construídas pela compressão dos átomos físicos em certas formas, sem qualquer reunião prévia destes átomos em blocos ou moléculas. Tipificando por ora o átomo físico ultérrimo como um tijolo, qualquer forma na subdivisão atômica seria feita pela reunião de alguns tijolos, e moldando-os em certa forma. A fim de fazer matéria para a subdivisão imediatamente inferior, um certo número de tijolos (átomos) primeiro seriam reunidos e cimentados em blocos menores de, digamos, quatro tijolos cada, cinco tijolos cada, seis ou sete tijolos; e então estes blocos assim feitos seriam usados como pedras para construção. Para a próxima subdivisão diversos blocos da segunda subdivisão cimentados juntos de certas maneiras formariam pedras de construção, e do mesmo modo até a mais inferior.

Para transferir qualquer substância da condição sólida para a líquida (isto é, para dissociá-la) aumentamos a vibração de suas moléculas componentes até que enfim sejam fragmentadas nas moléculas mais simples de que são constituídas. Este processo pode em todos os casos ser repetido de novo e de novo até que finalmente toda e qualquer substância pode ser reduzida aos átomos ultérrimos da mundo físico.

Cada um destes mundos tem seus habitantes, cujos sentidos são normalmente capazes de responder às ondulações apenas de seu próprio mundo. Um homem vivendo (como estamos fazendo) no mundo físico vê, ouve, sente, através de vibrações associadas à matéria física em seu redor. Ele igualmente é rodeado pelos mundos astral e mental e os outros mundos que estão interpenetrando seu próprio mundo mais denso, mas ele normalmente é inconsciente, porque seus sentidos não podem responder às vibrações de suas matérias, exatamente como nossos olhos físicos não podem ver pelas vibrações da luz ultravioleta, ainda que experimentos científicos demonstrem que elas existem, e há outras consciências com órgãos diversamente formados que podem vê-las. Um ser vivendo no mundo astral poderia estar ocupando exatamente o mesmo espaço de um ser vivendo no mundo físico, sendo cada um inteiramente inconsciente do

outro e de modo algum impedindo o movimento livre do outro. O mesmo é verdade para todos os outros mundos. Estamos neste momento rodeados por estes mundos de matéria mais fina, tão próximos de nós quanto o mundo que podemos ver, e seus habitantes estão passando através de e em torno de nós, mas estamos inteiramente inconscientes deles.

Uma vez que a nossa evolução no presente está centrada sobre este globo a que chamamos Terra, só em relação a ela é que estamos falando deste mundos superiores, pois no futuro quando eu usar o termo "mundo astral" eu estarei querendo dizer a parte astral de nosso próprio globo somente, e não (como até aqui) a parte astral de todo o sistema solar. Esta parte astral de nosso próprio mundo também é um globo, mas de matéria astral. Ocupa o mesmo lugar que o globo que vemos, mas sua matéria (sendo muito mais diáfana) se estende no espaço em todas as direções mais do que o faz a atmosfera da Terra - muito mais além. Ele se estende até um pouco menos que a distância média até a Lua, de modo que mesmo que os dois globos, a Terra e a Lua, estejam afastados quase 240.000 milhas, os globos astrais destes dois corpos se tocam quando a Lua está no seu perigeu (o ponto de menor distância entre os dois corpos), mas não quando está em seu apogeu (o ponto de maior distância). Aplicarei o termo "mundo mental" ao globo ainda maior de matéria mental em meio ao qual nossa Terra existe. Quando chegamos aos globos ainda mais elevados temos esferas grandes o bastante para tocar as esferas correspondentes de outros planetas no sistema, ainda que sua matéria também esteja tão cerca de nós aqui na superfície da Terra sólida como aquela dos outros. Todos estes globos de matéria mais fina são partes de nós, e estão todos girando ao redor do Sol com suas partes visíveis. O estudante faria bem em acostumar-se a pensar em nossa Terra como o conjunto de sua massa de mundos interpenetrantes - não somente a comparativamente pequena bola física no centro dele.

Capítulo 4

A EVOLUÇÃO DA VIDA

Todos os impulsos de vida que eu descrevi como construindo os mundos interpenetrantes veio do Terceiro Aspecto da Deidade. Daí este Aspecto ser chamado no esquema Cristão "o Doador da Vida", o Espírito que pairava sobre a face das águas do espaço. Na literatura Teosófica estes impulsos são usualmente tomados como um conjunto, e chamado de Primeira Emanação.

Quando os mundo tiverem sido preparados até esta extensão, e a maioria dos elementos químicos já existir, a Segunda Emanação de vida tem lugar, e provêm do Segundo Aspecto da Deidade. Ela traz consigo o poder de combinação. Em todos os mundos é visto existir o que poderia ser pensado

como os elementos correspondentes àqueles mundos. Ela prosseguiu na combinação daqueles elementos em organismos que então animou, e deste modo construiu os sete reinos da natureza. A Teosofia reconhece sete reinos, porque considera o homem como separado do reino animal, e leva em conta diversos estágios de evolução que são invisíveis pelo olho físico, e lhes dá a denominação medieval de "reinos elementais".

A Vida divina se derrama na matéria de cima para baixo, e seu curso completo pode ser imaginado tendo dois estágios - a gradual incorporação de matéria mais e mais densa, e então o gradual abandono de novo dos veículos que assumiu. O primeiro nível em que seus veículos podem ser cientificamente observados é o mental - o quinto contando do mais rarefeito para o mais grosseiro, o primeiro no qual há globos separados. No estudo prático é considerado conveniente dividir este mundo mental em duas partes, que chamamos superior e inferior de acordo com o grau de densidade de sua matéria. O superior consiste das três subdivisões mais finas de matéria mental; o inferior, das outras quatro.

Quando a Emissão atinge o mundo mental superior reúne os elementos etéricos de lá, combina-os no que naquele nível corresponde a substâncias, e destas substâncias constrói formas em que habita. A este chamamos de o primeiro reino elemental.

Depois de um longo período de evolução, através de diversas formas naquele nível, a onda de vida, que todo o tempo está pressionando constantemente para baixo, aprende a se identificar tanto com aquelas formas, em vez de ocupá-las e abandoná-las periodicamente, que é capaz de mantê-las permanentemente e fazê-las partes de si mesma, de modo que daquele nível pode proceder à temporária ocupação de formas em um nível mais baixo. Quando atinge este estágio a denominamos de segundo reino elemental, cuja vida animante reside nos níveis mentais superiores, enquanto que os veículos através de que se manifesta estão nos inferiores.

Após um outro vasto período de duração similar, é visto que a pressão descendente provocou a repetição deste processo; uma vez mais a vida identificou-se com suas formas, e fixou residência nos níveis mentais inferiores, de modo a ser capaz de animar corpos no mundo astral. Neste estágio nós a chamamos de terceiro reino elemental.

Falamos de todas estas formas como mais finas ou mais densas relativamente uma à outra, mas todas elas são quase infinitamente mais rarefeitas que qualquer uma a que estejamos acostumados no mundo físico. Cada um destes três é um reino da Natureza, tão variado em suas manifestações de suas diversas formas de vida como os reinos vegetal e animal que conhecemos. Depois de um longo período passado animando as

formas do terceiro destes mundos elementais ela por sua vez se identifica com eles, e assim se torna capaz de animar a parte etérica do reino mineral, e se torna a vida que o vivifica - pois há uma vida no reino mineral tanto como há no vegetal ou animal, ainda que em condições onde não pode se manifestar tão livremente. No curso da evolução mineral a pressão descendente a faz identificar-se do mesmo jeito com a matéria etérica do mundo físico, e daquele animar a matéria mais densa dos minerais que são perceptíveis aos nossos sentidos.

No reino mineral incluímos não só o que usualmente chamamos de minérios, mas também os líquidos, gases e muitas substâncias etéricas que são desconhecidas da ciência ocidental. Toda a matéria da qual sabemos alguma coisa é matéria viva, e a vida que contém está sempre evoluindo. Quando atinge o ponto central do estágio mineral a pressão descendente cessa, e é substituída por uma tendência ascensional; a exteriorização terá cessado e a interiorização, começado.

Quando a evolução mineral é completada, a Vida terá se retirado novamente para o mundo astral, mas armazenando em si todos os resultados obtidos através de suas experiências no físico. Neste estágio ela anima formas vegetais, e começa a mostrar-se muito mais claramente como o que comumente chamamos de vida - vida vegetal de todos os tipos; e num estágio ainda ulterior de seu desenvolvimento deixa o reino vegetal e anima o reino animal. O atingimento deste nível é o sinal de que já terá se retirado ainda mais, e agora está atuando a partir do mundo mental inferior. A fim de trabalhar na matéria física a partir daquele mundo mental ela deve atuar através de matéria astral intermediária; e aquela matéria astral agora já não é mais parte da vestimenta da alma-grupo como um todo, mas é o corpo astral individual do animal em questão, como mais adiante explicaremos.

Em cada um destes reinos ela não só passa um período de tempo que para nossa concepção é quase inacreditavelmente longo, mas também percorre um curso definido de evolução, começando das manifestações inferiores daquele reino e terminando com as superiores. No reino vegetal, por exemplo, a força-vida poderia iniciar sua trajetória ocupando gramíneas ou musgos e terminar animando magníficas árvores de floresta. No reino animal poderia começar com os mosquitos ou animálculos, e encerrar com as mais refinadas espécies de mamíferos.

O processo todo é de constante evolução de formas inferiores para as superiores, das mais simples para as mais complexas. Mas o que está evoluindo não é prioritariamente a forma, mas a vida interna. As formas também evoluem e tornam-se melhores à medida que o tempo transcorre; mas é para que possam ser veículos apropriados para ondas de vida mais e mais avançadas. Quando a vida atinge o mais alto nível possível no reino

animal, então pode passar para o reino humano, sob condições tais como as que logo explicaremos.

A Emissão deixa um reino e passa para outro, de modo que se tivéssemos que lidar com apenas uma única onda desta Emissão só poderíamos ter em existência um reino de cada vez. Mas a Deidade envia uma constante sucessão destas ondas, de modo que a qualquer momento dado encontramos diversas delas simultaneamente em operação. Nós próprios representamos uma destas ondas; mas encontramos evoluindo ao nosso lado uma outra onda que anima o reino animal - uma onda que procedeu da Deidade um estágio depois do que o fizemos. Encontramos ainda o reino vegetal, que representa uma terceira onda, e o reino mineral, que representa uma quarta; e os ocultistas sabem da existência à nossa volta de três reinos elementais, que representam a quinta, sexta e sétima ondas. Todas estas, entretanto, são influxos sucessivos da mesma grande Emissão do Segundo Aspecto da Deidade.

Temos aqui, então, um esquema de evolução no qual a Vida divina se envolve mais e mais fundamente na matéria, a fim de que através dessa matéria possa receber vibrações que doutro modo não a afetariam - impactos externos, que por etapas despertam nela padrões de ondulação correspondentes aos seus, de modo que ela aprende a responder-lhes. Mais tarde ali aprende a gerar por si mesma estes padrões de ondulação, e assim se torna um ser possuído de poderes espirituais.

Podemos presumir que quando esta Emissão de vida originalmente saiu da Deidade, em algum nível além de nosso poder de cognição, talvez tenha sido homogênea; mas quando primeiro chega à percepção prática, quando está no mundo intuicional, mas apenas animando corpos feitos de matéria do mundo mental superior, já não é uma só gigantesca alma-mundial, mas muitas almas. Suponhamos uma Emissão homogênea, que pode ser considerada como uma única imensa alma, numa extremidade da escala; noutra, quando é atingida a humanidade, temos que aquela única alma vasta partiu-se em milhões das comparativamente pequenas almas dos homens individuais. Em qualquer estágio entre estes dois extremos encontramos uma condição intermédia, a imensa alma-mundial já subdividida, mas não até o mais extremo limite possível de subdivisão.

Cada homem é uma alma, mas não cada animal ou cada planta. O homem, como uma alma, pode se manifestar somente através de um corpo de cada vez no mundo físico, ao passo que uma alma animal se manifesta simultaneamente através de uma quantidade de corpos animais, uma alma vegetal através de uma quantidade de plantas separadas. Um leão, por exemplo, não é uma entidade permanentemente separada do mesmo modo que um homem o é. Quando um homem morre - isto é, quando ele

enquanto alma deixa de lado seu corpo físico - permanece exatamente como era antes, uma entidade separada de todas as outras entidades. Quando o leão morre, aquilo que tinha sido sua alma separada é devolvido à massa de onde veio - uma massa que ao mesmo tempo está provendo as almas para muitos outros leões. Para tal massa damos o nome de "alma-grupo".

A uma alma-grupo como esta está associado um considerável número de corpos leoninos - digamos uma centena. Cada um destes corpos enquanto vive tem sua centésima parte da alma-grupo ligada a ele, e durante este tempo aparenta ser de todo separado, de maneira que o leão durante sua vida física é tão um indivíduo quanto o homem; mas não é um indivíduo permanente. Quando ele morre a sua alma reflui para a alma-grupo a que pertence, e aquela mesma alma leonina não pode ser separada novamente do grupo.

Uma analogia útil pode ajudar na compreensão. Imagine a alma-grupo sendo representada pela água dentro de um balde, e a centena de corpos de leões por cem copos. Quando cada copo é mergulhado no balde retira uma medida de água (a alma separada). Aquela água durante o período assume a forma do veículo que preenche, e é temporariamente separada da água que permanece no balde, e da água nos outros copos.

Agora coloque-se em cada um dos cem copos alguma espécie de corante ou alguma espécie de aromatizante. Isto representaria as qualidades desenvolvidas pelas suas experiências na alma separada do leão durante sua vida. Devolva a água do copo para o balde; isso representa a morte do leão. A matéria corante ou aromatizante será disseminada por toda a água no balde, mas dará uma coloração muito mais tênue, um odor muito menos pronunciado quando assim distribuída do que quando estava confinada a um só copo. As qualidades desenvolvidas pela experiência de um leão ligado àquela alma-grupo são destarte compartilhadas por toda a alma-grupo, mas em grau muito menor.

Podemos tirar outro copo de água daquele balde, mas jamais poderemos obter a mesmíssima água depois de ela ter-se misturado à restante. Cada copo de água retirado daquele balde no futuro conterá alguns traços do corante ou aromatizante posto em cada copo cujo conteúdo tiver retornado ao balde. Assim as qualidades desenvolvidas pela experiência de um único leão se tornarão propriedade comum de todos os leões que futuramente nascerem daquela alma-grupo, ainda que em grau menor do que existiam naquele leão individual que as desenvolveu.

Esta é a explicação para os instintos herdados; este é o porquê de um patinho chocado por uma galinha correr instantaneamente para a água sem

precisar que lhe mostrem como nadar; o porquê de um pinto esconder-se à visão da sombra de uma águia mal sai do ovo; o porquê de um pássaro que foi artificialmente criado, e jamais viu um ninho, não obstante sabe como fazer um, e o faz de acordo com as tradições de sua espécie.

Mais abaixo na escala da vida animal enormes números de corpos são associados a uma única alma-grupo - incontáveis milhões, por exemplo, no caso de alguns dos insetos menores; mas à medida que subimos no reino animal o número de corpos associados a uma só alma-grupo se torna cada vez menor, e portanto as diferenças entre os indivíduos se tornam maiores.

Assim as almas-grupo gradualmente se fragmentam. Retornando ao símbolo do balde, à medida que copo após copo d'água é retirado dele, colorido com algum tipo de substância corante e a ele devolvido, toda a água do balde gradualmente se torna mais rica em cor. Suponha que por estágios imperceptíveis algum tipo de película vertical se forme através do centro do balde, e gradualmente se solidifique numa divisão, de modo que agora tenhamos uma metade direita e uma esquerda no balde, e cada copo de água que fosse retirado fosse devolvido sempre para a mesma metade de onde foi retirado.

Então logo uma diferença se estabelecerá, e o líquido em uma das metades do balde já não será o mesmo que o da outra metade. Teríamos então praticamente dois baldes, e quando este estágio é atingido numa alma-grupo ela se divide em duas, como uma célula se separa por fissão. Desta forma, à medida que a experiência se enriquece sempre mais, as almas-grupo se tornam menores mas mais numerosas, até que no ponto mais alto chegamos ao homem com sua alma individual, que já não mais retorna a um grupo mas sempre permanece separado.

Uma das ondas de vida está vivificando todo um reino; mas nem todas as almas-grupo naquela onda de vida passarão por todo aquele reino desde baixo até em cima. Se no reino vegetal uma certa alma-grupo tiver animado árvores florestais, quando passar para o reino animal omitirá todos os estágios inferiores - isto é, jamais habitará insetos ou répteis, mas começará logo no nível dos mamíferos inferiores. Os insetos e répteis serão vivificados por almas-grupo que por algumas razões deixaram o reino vegetal num nível muito mais baixo do que a árvore de floresta. Da mesma maneira a alma-grupo que tiver atingido os níveis mais altos do reino animal, não se individualizará em selvagens primitivos mas em homens de um tipo algo superior, os selvagens primitivos sendo recrutados de almas-grupo que deixaram o reino animal em um nível inferior.

Almas-grupo em qualquer nível ou em todos os níveis se distribuem em sete grandes tipos, de acordo com o Ministro da Deidade através de cuja vida

emanaram. Estes tipos são claramente distinguíveis em todos os reinos, e as sucessivas formas assumidas por cada um deles constituem séries interligadas, de modo que animais, vegetais, e as variedades das criaturas elementais podem ser arranjadas todas dentro de sete grandes linhas, e a vida percorrendo uma destas linhas não se desviará para nenhuma das outras.

Nenhuma classificação detalhada já foi feita sobre os animais, plantas ou minerais a partir deste ponto de vista; mas é certo que a vida que é encontrada animando um mineral de um tipo especial jamais vivificará qualquer outro tipo além do seu mesmo, ainda que naquele tipo possa variar. Quando passa para os reinos vegetal e animal habitará vegetais e animais daquele tipo e não de outro, e quando eventualmente atingir a humanidade se individualizará em homens daquele tipo e não de outro.

O método de individualização é a elevação da alma de um animal particular a um nível muito mais alto do que o atingido por sua alma-grupo de modo que já não pode mais voltar a ele mais tarde. Isso não pode ser feito com qualquer animal, mas só com aqueles cujo cérebro estiver desenvolvido até certo nível, e o método usualmente adotado para adquirir tal desenvolvimento mental é trazer o animal a um contato estreito com o homem. A individualização, portanto, é possível somente para animais domésticos, e mesmo assim só para certos tipos deles. À testa de cada um dos sete tipos fica uma espécie de animal doméstico - o cachorro em um, o gato em outro, o elefante num terceiro, o macaco num quarto, e assim por diante. Os animais selvagens podem todos ser distribuídos em sete linhas que conduzem aos animais domésticos; por exemplo, a raposa e o lobo obviamente estão na mesma linha do cachorro, enquanto o leão, o tigre e o leopardo igualmente óbvio conduzem ao gato doméstico; de modo que a alma-grupo animando a centena de leões mencionados antes poderia em um estágio posterior de evolução ser dividida em, digamos, cinco almas-grupo, cada qual animando vinte gatos.

A onda de vida passa um longo período em cada reino; estamos agora recém passando da metade de um destes eons, e conseqüentemente as condições não são favoráveis para aquisição daquela individualização que normalmente ocorre só no final de um período. Raros casos de tal aquisição podem ocasionalmente ser observados em alguns animais muito mais avançados que a média. A associação íntima com o homem é necessária para produzir este resultado. Se o animal é bondosamente tratado desenvolve devotada afeição por seu amigo humano, e também desenvolve seus poderes intelectuais ao tentar entender aquele amigo e antecipar seus desejos. Somando-se a isto, as emoções e os pensamentos do homem constantemente agem sobre os do animal, e tendem a elevá-lo a um nível mais alto tanto emocionalmente como intelectualmente. Sob condições favoráveis este desenvolvimento pode ir tão longe a ponto de alçar o animal

pondo-o fora de contato com o grupo a que pertence, de modo que seu fragmento de alma-grupo se torna capaz de responder à Emanação que provém do Primeiro Aspecto da Deidade.

Pois esta Emanação final não é como as outras, uma poderosa torrente afetando milhares ou milhões simultaneamente; vem para cada um individualmente assim que ele estiver pronto para recebê-la. Esta Emanação já terá descido até o mundo intuicional; mas não procede mais além disso até que este ímpeto ascendente seja feito pela alma do animal de baixo para cima; mas quando isso acontece esta Terceira Emanação desce para encontrá-lo, e no mundo mental superior é formado um Ego, uma individualidade permanente - permanente, ou seja, até que, muito mais adiante em sua evolução, o homem o transcenda e retorne à divina unidade de onde veio. Para formar este Ego, o fragmento de alma-grupo (que até então desempenhou sua parte sempre como força animante) se torna por sua vez um veículo, e é ele próprio animado por aquela divina Centelha que desceu nele do alto. Pode ser dito que aquela Centelha esteve pairando no mundo monádico sobre a alma-grupo durante toda sua prévia evolução, incapaz de efetuar a junção com ela até que seu correspondente fragmento na alma-grupo tivesse se desenvolvido o suficiente para permiti-lo. É esta separação do restante da alma-grupo e a formação de um Ego separado que marca a distinção entre os animais superiores e os homens inferiores.

Capítulo 5

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

O homem é portanto em essência uma Centelha do Fogo divino, pertencendo ao plano monádico.

(A Presidente resolveu estabelecer agora um conjunto de nomes para os planos, de modo que no futuro estes serão usados em vez dos outros previamente empregados, Uma tabela deles é dada abaixo como referência)

Novos Nomes - Antigos Nomes

1. Mundo Divino - Plano Adi
2. Mundo Monádico - Plano Anupâdaka
3. Mundo Espiritual - Plano Átmico ou Nirvânico
4. Mundo Intuicional - Plano Búdico
5. Mundo Mental - Plano Mental

6. Mundo Emocional ou Astral - Plano Astral

7. Mundo Físico - Plano Físico

Estes substituirão os nomes dados no Vol. II de A Vida Interna.

Para aquela Centelha, residindo todo tempo naquele mundo, damos o nome de "Mônada". Para os propósitos da evolução humana a Mônada se manifesta nos mundos inferiores. Quando ela desce um estágio e entra no mundo espiritual, se mostra lá como o Espírito tríplice, possuindo três aspectos (exatamente como nos mundos infinitamente superiores a Deidade tem Seus Três Aspectos). Destes três um permanece sempre naquele mundo, e o chamamos de Espírito no homem.

O segundo aspecto se manifesta no mundo intuicional, e falamos dele como sendo a Intuição no homem. O terceiro se mostra no mundo mental superior, e o chamamos de Inteligência no homem. Estes três aspectos tomados juntos constituem o Ego que anima o fragmento da alma-grupo. Assim o homem como o conhecemos, mesmo que na verdade uma Mônada residindo no mundo monádico, mostra-se como um Ego no mundo mental superior, manifestando estes três aspectos de si mesma (Espírito, Intuição e Inteligência) através daquele veículo de matéria mental superior a que chamamos de corpo causal.

Este Ego é o homem durante o estágio humano de evolução; ele é a correspondência mais próxima, de fato, da concepção anti-científica comum sobre a Alma. Ele vive inalterado (exceto por seu crescimento) desde o momento da individualização até que a humanidade seja transcendida e mergulhe na divindade. Ele não é jamais afetado pelo que chamamos nascimento e morte; o que costumeiramente consideramos como sendo sua vida é só um dia de sua vida. O corpo que podemos ver, o corpo que nasce e morre, é uma roupa que ele veste para os propósitos de certa parte de sua evolução.

Tampouco este é o único corpo que ele assume. Antes que ele, o Ego no mundo mental superior, possa tomar um veículo pertencente ao mundo físico, deve fazer uma conexão com ele através dos mundos mental inferior e astral. Quando deseja descer ele providencia um véu em torno de si de matéria do mundo mental inferior, a que chamamos seu corpo mental. Este é o instrumento pelo qual pensa todos os seus pensamentos concretos - o pensamento abstrato sendo um poder do próprio Ego no mundo mental superior.

A seguir ele forma em seu redor um véu de matéria astral, a que chamamos

seu corpo astral; e este é o instrumento de suas paixões e emoções, e ainda (em conjunção com a parte inferior de seu corpo mental) o instrumento de todos os pensamentos que são tingidos por egoísmo ou sentimento pessoal. Somente depois de assumir estes veículos intermediários ele pode entrar em contato com o corpo físico de um bebê, e nascer no mundo que conhecemos. Ele vive através do que chamamos sua vida, adquirindo certas qualidades como resultado de suas experiências; e ao seu término, quando o corpo físico é abandonado, ele reverte o processo de descida e abandona um por um os veículos temporários que assumiu. O primeiro a ir-se é o corpo físico, e quando este é descartado, sua vida é centrada no mundo astral e vive em seu corpo astral.

A duração de sua estada naquele mundo depende da quantidade de paixão e emoção que ele desenvolveu em si nesta vida física. Se houver muito delas, o corpo astral é fortemente vitalizado, e persistirá por longo tempo; se houver pouco, o corpo astral tem menos vitalidade, e ele logo será capaz de por sua vez deixá-lo de lado. Quando isto é feito, ele se encontra vivendo em seu corpo mental. A sua força depende da natureza dos pensamentos aos quais se habituou, e usualmente sua estada neste nível é extensa. Então ela chega a um fim, e ele depõe por sua vez o corpo mental, e novamente o Ego está em seu próprio mundo.

Devido à falta de desenvolvimento, ele ainda está só parcialmente cômico naquele mundo; as vibrações de sua matéria são rápidas demais para fazer qualquer impressão sobre ele, assim como os raios ultravioletas são rápidos demais para fazer qualquer impressão sobre nossos olhos. Depois de um repouso lá, ele sente o desejo de descer até um nível onde as ondulações lhe sejam perceptíveis, a fim de que possa sentir-se plenamente vivo; assim ele repete o processo de descida para dentro da matéria mais densa, e assume de novo um corpo mental, um astral e um físico. Como seus corpos anteriores já se desintegraram todos, cada um em seu tempo, estes novos veículos são inteiramente distintos dos outros, e assim ocorre que em sua vida física ele não tem qualquer lembrança das outras vidas semelhantes que a precederam.

Quando atua neste mundo físico ele lembra através de seu corpo mental; mas uma vez que há um novo, assumido só depois de seu nascimento, naturalmente ele não pode conter nenhuma memória de nascimentos anteriores nos quais não teve parte alguma. O próprio homem, o Ego, relembra sim todas elas, e ocasionalmente uma recordação parcial ou influência delas se infiltra em seus novos veículos. Usualmente ele não lembra, em sua vida física, das experiências de vidas pregressas, mas de fato manifesta na vida física as qualidades que aquelas experiências desenvolveram nele. Cada homem é portanto exatamente o que fez de si durante aquelas vidas passadas; se nelas ele tiver desenvolvido boas qualidades em si mesmo, ele agora as possui; se negligenciou em treinar-

se, e conseqüentemente permitiu-se à fraqueza e má disposição, ele se encontrará precisamente nestas condições agora. As qualidades, boas ou más, com que nasce são aquelas que tiver construído para si mesmo.

Este desenvolvimento do Ego é o objetivo de todo o processo de materialização; ele assume aqueles véus de matéria precisamente porque através deles ele está apto para receber vibrações às quais possa responder, de modo que suas faculdades latentes possam ser assim desdobradas. Mesmo que o homem desça do alto para estes mundos inferiores, é só através desta descida que um pleno conhecimento dos mundos superiores se desenvolve nele. A consciência plena em qualquer dos mundos envolve o poder de perceber e responder a todas as vibrações daquele mundo; portanto o homem comum não tem ainda consciência perfeita em nenhum nível - nem mesmo em seu mundo físico que ele julga conhecer. É possível para ele desenvolver sua percepção em todos esses mundos, e é por meio desta consciência desenvolvida que observamos todos estes fatos que ora descrevo.

O corpo causal é o veículo permanente do Ego no mundo mental superior. Consiste de matéria da primeira, segunda e terceira subdivisões daquele mundo. Em pessoas comuns ele ainda não é totalmente ativo, sendo vivificada só a matéria que pertence à terceira subdivisão. À medida que o Ego desdobra suas potencialidades latentes através do longo curso de sua evolução, a matéria superior é gradualmente trazida à atividade, mas é só no homem aperfeiçoado a quem chamamos de Adepto que ela está desenvolvida até sua extensão máxima. Tal matéria pode ser distinguida pela visão clarividente, mas apenas por um vidente que saiba como usar a visão do Ego. É difícil descrever um corpo causal completamente, porque os sentidos pertencentes a seu mundo são todos diversos e mais elevados do que os nossos neste nível. A lembrança da aparência de um corpo causal como é possível a um clarividente trazê-la a seu cérebro físico é a imagem de um ovóide, que envolve o corpo físico do homem, estendendo-se até uma distância de cerca de cinqüenta centímetros a partir da superfície normal daquele corpo. No caso de um homem primitivo ele lembra uma bolha, e dá a impressão de ser vazio. Na realidade é preenchido de matéria mental superior, mas como ainda não foi chamada à atividade permanece incolor e transparente. Com a continuidade do progresso gradualmente é posto em alerta pelas vibrações que lhe chegam dos corpos inferiores. Isso se dá apenas com lentidão, porque as atividades do homem nos primeiros estágios de suas evolução não têm um caráter que encontre expressão em matéria tão rarefeita como a do corpo mental superior; mas quando um homem atinge o estágio onde ele é capaz de pensamento abstrato ou emoção altruísta a matéria do corpo causal é despertada em resposta.

Quando estes padrões ondulatórios são despertados nele mostram-se em seu corpo causal como cores, de modo que em vez de ser uma mera bolha

transparente pouco a pouco se torna uma esfera cheia de matéria das mais adoráveis e delicadas tonalidades - um objeto cuja formosura está além de toda descrição. É comprovado pela experiência que estas cores têm um significado. A vibração que denota o poder de emoção altruísta se mostra como um rosa pálido; a que indica alto poder intelectual é amarela; a que expressa simpatia é verde, enquanto que o azul indica sentimento devocional, e um luminoso azul violáceo caracteriza a espiritualidade superior. O mesmo esquema de significados cromáticos se aplica aos corpos que são construídos de matéria mais densa, mas à medida que nos aproximamos do mundo físico os tons em cada caso são comparativamente mais grosseiros - não só menos delicados mas também menos vívidos.

No decurso da evolução em mundos inferiores o homem freqüentemente introduz em seus veículos qualidades que são indesejáveis e inteiramente inadequadas para sua vida como Ego - tais como, por exemplo, o orgulho, a irritabilidade, a sensualidade. Esta, como o resto, são redutíveis a vibrações, mas são em todos os casos vibrações das subdivisões inferiores de seus respectivos mundos, e portanto não podem se reproduzir no corpo causal, que é construído exclusivamente de matéria das três subdivisões superiores de seu mundo. Pois cada seção do corpo astral atua fortemente sobre a seção correspondente do corpo mental, mas apenas sobre a seção correspondente; não pode influenciar nenhuma outra parte. Assim o corpo causal pode ser afetado só pelas três porções superiores do corpo astral; e as oscilações destas representam só boas qualidades. O efeito prático disso é que o homem não pode construir no Ego (isto é, em seu Eu real) nada senão boas qualidades; as más qualidades que ele desenvolve são por natureza transitórias e devem ser descartadas à medida em que avança, porque ele já não tem em si matéria que as possa expressar. A diferença entre os corpos causal do selvagem e do santo é que no primeiro é vazio e incolor, e no segundo é cheio de matizes brilhantes e fulgurantes. Quando o homem passa para além mesmo da santidade e se transforma em um grande poder espiritual, seu corpo causal aumenta em tamanho, porque tem muito mais a expressar, e também começa a irradiar de si em todas as direções poderosos raios de luz viva. Em alguém que já tenha obtido o Adeptado este corpo é de enormes dimensões.

O corpo mental é construído de matéria das quatro subdivisões inferiores do mundo mental, e se expressa os pensamentos concretos do homem. Aqui também encontramos o mesmo esquema de cores que no corpo causal. Os tons são algo menos delicados, e percebemos um ou dois acréscimos. Por exemplo, um pensamento de orgulho se mostra como laranja, enquanto a irritabilidade é manifesta por um escarlata brilhante. Podemos ver aqui o marrom brilhante da avareza, o marrom esverdeado do egoísmo, e o verde acinzentado da falsidade. Aqui também vemos a possibilidade de uma mistura de cores; a afeição, o intelecto, a devoção podem ser tingidos pelo egoísmo, e neste caso suas cores distintivas são mescladas ao marrom do

egoísmo, de modo que temos uma aparência impura e opaca. Mesmo que suas partículas estejam sempre em movimento rápido entre si, este corpo tem ao mesmo tempo uma espécie de frouxa organização.

O tamanho e formato do corpo mental são determinados pelos do veículo causal. Há nele certas estrias que o dividem mais ou menos irregularmente em segmentos, cada um deles correspondendo a certo departamento do cérebro físico, de modo que cada tipo de pensamento deveria funcionar através de sua posição devidamente designada. O corpo mental ainda é tão imperfeitamente desenvolvido dos homens que há muitos em quem um grande número de departamentos especiais ainda não está em atividade, e qualquer tentativa de pensamento pertencente a estes departamentos tem que percorrer algum canal inadequado que já estiver completamente aberto. O resultado é que aquele pensamento sobre estes assuntos é para a maioria das pessoas confuso e incompreensível. Este é o porquê de algumas pessoas terem cabeça para a matemática e outras serem incapazes de somar corretamente - é a causa pela qual algumas pessoas instintivamente entendem, apreciam e desfrutam da música, enquanto outras não distinguem uma melodia da outra.

Toda a matéria do corpo mental deveria estar circulando livremente, mas algumas vezes o homem permite que seu pensamento sobre certo assunto se fixe e solidifique, então a circulação é impedida, e há uma congestão que logo endurece numa espécie de calosidade no corpo mental. Tal calosidade se manifesta aqui em baixo para nós como um preconceito; e até que seja completamente reabsorvido e a circulação restaurada, é impossível para o homem pensar com verdade ou ver com clareza a respeito daquele departamento particular de sua mente, pois a congestão impede a livre passagem das vibrações tanto para fora como para dentro.

Quando um homem utiliza qualquer parte de seu corpo mental ele não só vibra mais rapidamente no momento, mas ainda temporariamente se expande e cresce em tamanho. Se houver um prolongado pensar sobre algum assunto este aumento se torna permanente, e assim é possível para o homem aumentar o tamanho de seu corpo mental seja ao longo de linhas desejáveis ou indesejáveis.

Bons pensamentos produzem vibrações na matéria mais fina do corpo, as quais por gravidade específica tendem a flutuar na parte superior do ovóide; onde haja maus pensamentos, como egoísmo e avareza, há sempre oscilações na matéria mais grosseira, que tendem a gravitar em direção à parte mais baixa do ovóide. Conseqüentemente o homem comum, que se permite não raramente a pensamentos egoístas de vários tipos, usualmente expande a parte inferior de seu corpo mental, e apresenta mais ou menos a aparência de um ovo com sua parte mais larga para baixo. O homem que tiver reprimido estes pensamentos vis, e tiver se devotado aos superiores,

tende a expandir a parte superior de seu corpo mental, e portanto apresentará a aparência de um ovo com sua parte mais larga para cima. De um estudo das cores e estrias do corpo mental de um homem o clarividente pode perceber o seu caráter e o progresso que tiver feito em sua vida atual. A partir de características semelhantes no corpo causal ele pode ver quais progressos o Ego fez desde sua formação original, quando o homem deixou o reino animal.

Quando um homem pensa em qualquer objeto concreto - um livro, uma casa, uma paisagem - ele constrói uma pequena imagem do objeto na matéria de seu corpo mental. Esta imagem flutua na parte superior daquele corpo, usualmente defronte à face do homem e perto do nível dos olhos. Lá permanece enquanto o homem estiver contemplando o objeto, e usualmente por um breve tempo depois, cuja duração depende da intensidade e da clareza do pensamento. Esta forma é muito objetiva, e pode ser vista por outra pessoa, se esta tiver desenvolvida a visão de seu próprio corpo mental. Se um homem pensa em outro, ele cria um pequeno retrato exatamente da mesma maneira. Se seu pensamento é meramente contemplativo e não envolve sentimento (como afeto ou antipatia) ou desejo (como o de ver tal pessoa) o pensamento usualmente não afeta perceptivelmente o homem em que pensa. Se associado com o pensamento sobre a pessoa há um sentimento, como por exemplo de afeição, um outro fenômeno ocorre além da formação da imagem. O pensamento de afeição assume uma forma definida, que é construída de matéria do corpo mental do pensador.

Por causa da emoção envolvida, ele recolhe também matéria de seu corpo astral, e assim temos uma forma astro-mental que se desprende do corpo em que foi gerada, e se move pelo espaço em direção ao objeto do sentimento ou afeição. Se o pensamento é suficientemente forte, a distância não faz qualquer diferença; mas o pensamento de uma pessoa comum normalmente é fraco e difuso, e assim não tem efeito fora de uma área limitada.

Quando esta forma-pensamento alcança o seu objeto descarrega-se em seu corpo astral ou mental, comunicando-lhes sua própria freqüência de vibração. Pondo em outros termos, um sentimento de amor enviado de uma pessoa para outra envolve a verdadeira transferência de certa quantidade de força e de matéria do emissor ao receptor, e seu efeito sobre o receptor é o de despertar o sentimento de afeição nele, e leve mas permanentemente aumentando seu poder de amar. Mas um tal pensamento também reforça o poder de afeição no pensador, e portanto faz um bem simultaneamente para os dois.

Todo pensamento constrói uma forma; se o pensamento for dirigido para

outra pessoa viaja até ela; se for nitidamente egoísta permanece nas imediações do pensador; se não pertence a nenhuma destas categorias, flutua por um tempo no espaço e então se desintegra lentamente. Todo homem está portanto deixando atrás de si por onde quer que vá um rastro de formas-pensamento; andando pela rua estamos sempre caminhando em meio a um mar de pensamentos alheios. Se um homem deixa sua mente em branco por alguns momentos, estes pensamentos residuais de outros mergulham nela, na maior parte dos casos deixando apenas reduzida impressão nela. Às vezes algum chega que atrai sua atenção, de modo que sua mente o incorpora e o torna seu, reforça-o pela adição de sua própria força, e então o expelle novamente para afetar alguém mais. Um homem, assim, não é responsável por um pensamento que flutue em sua mente, porque pode não ser seu, mas de outrem; mas ele é responsável se o incorpora, se fixa nele e o despede reforçado.

Pensamentos auto-centrados de qualquer tipo pairam sobre o pensador, e a maioria dos homens cerca seus corpos mentais com uma concha de pensamentos assim. Uma concha assim obscurece a visão mental e facilita a formação de preconceitos. Cada forma-pensamento é uma entidade temporária. Representa como se uma bateria carregada, esperando uma oportunidade de descarregar-se. Sua tendência é sempre reproduzir sua própria frequência de vibração no corpo mental que a incorpora, e assim desperta nele um pensamento semelhante. Se a pessoa a quem é dirigido estiver por acaso ocupada ou já engajada em alguma seqüência definida de pensamento, as partículas de seu corpo mental já estarão vibrando em determinada frequência, e de momento não podem ser afetadas de fora. Neste caso a forma-pensamento espera, pairando perto do seu objetivo até que ele esteja suficientemente repousado para permitir sua entrada; então descarrega-se nele, e com este ato deixa de existir.

O pensamento auto-centrado se comporta exatamente do mesmo modo a respeito de seu gerador, e descarrega-se sobre ele quando a oportunidade se oferece. Se for um mau pensamento, ele geralmente o considera como a sugestão de um demônio tentador, quando na verdade ele tenta a si mesmo. Usualmente cada pensamento definido cria uma nova forma-pensamento; mas se uma forma-pensamento da mesma natureza já estiver pairando em torno do pensador, sob certas circunstâncias um novo pensamento no mesmo assunto, em vez de criar uma nova forma, funde-se com a antiga e a reforça, de modo que uma longa ruminação sobre o mesmo assunto cria às vezes uma forma-pensamento de tremendo poder. Se o pensamento for mau, tal forma-pensamento pode tornar-se uma verdadeira influência maligna, perdurando talvez por muitos anos, e tendo durante algum tempo toda a aparência e poderes de uma entidade viva real.

Todos estes descritos são os pensamentos comuns não premeditados do homem. Um homem pode fazer uma forma-pensamento intencionalmente, e

endereçá-la a outrem no intuito de ajudá-lo. Esta é uma das linhas de atividade adotadas por aqueles que desejam servir a humanidade. Uma constante corrente de poderoso pensamento dirigida com inteligência para outra pessoa pode ser da maior valia para ela. Uma forte forma-pensamento pode ser um verdadeiro anjo da guarda, e proteger seu objeto da impureza, da irritabilidade ou do medo.

Uma interessante ramificação deste assunto é o estudo das várias formas e cores assumidas pelas formas-pensamento de vários tipos. As cores indicam a natureza do pensamento, e estão de acordo com aquelas que já descrevemos como existentes nos corpos. As formas são duma variedade infinita, mas freqüentemente são de algum modo típicas da espécie de pensamento que expressam.

Cada pensamento de carácter definido, como um pensamento de afeição ou ódio, de devoção ou suspeita, de raiva ou medo, ou orgulho ou ciúme, não só cria uma forma mas igualmente irradia uma vibração. O fato de que cada um destes pensamentos é expresso por uma certa cor indica que o pensamento se expressa como uma oscilação da matéria de certa parte do corpo mental. Esta freqüência de oscilação se transmite para a matéria mental circundante precisamente do mesmo jeito que as vibrações de um sino se transmitem ao ar circundante.

Esta radiação se move em todas as direções, e onde quer que atinja outro corpo mental em uma atitude passiva ou receptiva, comunica a ele algo de sua própria vibração. Isso não veicula uma idéia completa definida, como o faz a forma-pensamento, mas tende a produzir um pensamento do mesmo carácter que o seu. Por exemplo, se o pensamento for devocional suas ondulações suscitarão devoção, mas o objeto da adoração pode ser diferente no caso de cada pessoa sobre cujo corpo mental incidam. A forma-pensamento, de outra parte, pode atingir só uma pessoa, mas comunicará àquela pessoa (se receptiva) não só um sentimento genérico de devoção, mas também uma imagem precisa do Ser por quem a adoração foi originalmente sentida.

Qualquer pessoa que habitualmente pense pensamentos puros, bons e fortes está utilizando para este propósito a parte mais alta de seu corpo mental - uma parte que de modo algum é utilizada pelo homem comum, e está inteiramente subdesenvolvida nele. Este é portanto um poder para o bem do mundo, e estará sendo de grande utilidade para todos em suas imediações que são capazes de algum tipo de resposta. Pois a vibração que ele irradia tende a despertar uma nova e mais alta porção de seus corpos mentais, e conseqüentemente abrindo-lhes também novos campos de pensamento.

Pode não ser exatamente o mesmo pensamento que foi enviado, mas será da mesma natureza. As ondulações geradas por um homem pensando sobre Teosofia não necessariamente veiculam idéias Teosóficas a todos em seu redor; mas eles realmente despertam neles pensamentos mais liberais e mais elevados do que aqueles a que antes estavam acostumados. Por outro lado, as formas-pensamento geradas sob tais circunstâncias, ainda que mais limitadas em sua ação do que a irradiação, são também mais precisas; elas podem afetar somente aqueles que nalguma extensão estão abertos a elas, mas para estes veicularão idéias Teosóficas definidas.

As cores do corpo astral comportam os mesmos significados daquelas dos veículos superiores, mas existem diversas oitavas abaixo deles, e muito mais de perto se aproximam dos tons que vemos no mundo físico. Ele é o veículo da paixão e da emoção, e conseqüentemente pode exibir cores adicionais, expressando os sentimentos menos desejáveis do homem, que não podem se mostrar em níveis mais altos; por exemplo, um marrom avermelhado fosco indica a presença de sensualidade, enquanto nuvens negras mostram malícia e ódio. Um curioso verde lívido denuncia a presença de medo, e um cinza muito escuro, normalmente disposto em anéis em trono do ovóide, indica uma condição de depressão. A irritabilidade é mostrada pela presença de uma quantidade de pequenas manchas escarlates no corpo astral, cada uma representando um pequeno impulso de raiva. A inveja é mostrada por um peculiar verde amarronzado, geralmente semeado com as mesmas nódoas escarlates. O corpo astral tem o tamanho e forma como os já descritos, e no homem comum seu contorno é claramente delineado; mas no caso do homem primitivo ele é amiúde excessivamente irregular, e se assemelha a uma nuvem rodopiante composta das cores mais desagradáveis.

Quando o corpo astral está relativamente quieto (na verdade jamais está em completo repouso) as cores que são vistas nele indicam as emoções a que um homem em geral habituou-se. Quando o homem experimenta uma efusão de algum sentimento particular, o padrão de vibração que expressa aquele sentimento por um momento domina todo o corpo astral. Se, por exemplo, for devoção, todo o corpo astral será tingido de azul, e enquanto a emoção permanecer forte as cores normais pouco fazem além de modificar o azul, ou aparecem vagamente através de um véu daquele azul; mas em breve a veemência dos sentimentos se dissipa, e as cores normais se reafirmam. Mas por causa do acesso de emoção a parte do corpo astral que normalmente é azul terá crescido em tamanho. Assim um homem que freqüentemente sente alta devoção logo vem a possuir uma larga área de azul permanentemente existindo em seu corpo astral.

Quando a efusão de sentimento devocional sobrevém, usualmente é acompanhada de pensamentos devocionais. Ainda que primariamente formados no corpo mental, reúnem em seu redor igualmente uma grande

quantidade de matéria astral, de modo que sua ação se dá em ambos os mundos. E em ambos também existe a radiação que previamente descrevemos, de maneira que um homem devoto é um centro de devoção, e influenciará outras pessoas a compartilharem tanto seus pensamentos quanto seus sentimentos. O mesmo é verdade no caso da afeição, raiva, depressão - e na verdade todos os outros sentimentos.

A maré emocional em si não afeta em muito o corpo mental, ainda que possa por algum tempo tornar quase impossível para qualquer atividade advinda daquele corpo mental penetrar no cérebro físico. Isto não é porque aquele corpo propriamente seja afetado, mas sim porque o corpo astral, que atua como uma ponte entre ele e o cérebro físico, está vibrando tão inteiramente numa só freqüência que é incapaz de veicular qualquer vibração que não esteja em harmonia com aquela.

As cores permanentes do corpo astral reagem sobre o mental. Elas produzem nele suas correspondentes, diversas oitavas acima, da mesma forma que uma nota musical produz sobretons. O corpo mental por sua vez reage sobre o causal de modo semelhante, e assim todas as boas qualidades expressas nos veículos inferiores por etapas se fixam permanentemente no Ego. As más qualidades não o podem fazer, pois as freqüências de vibração que as expressam são impossíveis para a matéria mental superior da qual o corpo causal é feito.

Até aqui estivemos descrevendo veículos que são expressões do Ego em seus respectivos mundos - veículos que ele provê para si mesmo; no mundo físico entramos num veículo que lhe é provido pela Natureza sob leis que mais adiante serão explicadas - os quais, mesmo que num sentido sejam uma expressão de si, de forma alguma são uma manifestação perfeita. Na vida comum vemos somente uma pequena parte deste corpo físico - somente a parte constituída das subdivisões sólida e líquida da matéria física. O corpo contém matéria de todas as sete subdivisões, e todas elas desempenham seu papel em sua vida e lhe são de igual importância.

Usualmente falamos da parte invisível do corpo físico como sendo o duplo etérico; "duplo" porque reproduz exatamente o tamanho e a forma da parte do corpo que podemos ver, e "etérico" porque é feito daquele tipo de matéria mais fina por cujas vibrações a luz é transmitida à retina do olho. (Isto não deve ser confundido com o verdadeiro éter do espaço - aquele que é a negação da matéria) Esta parte invisível do corpo físico nos é de grande importância, uma vez que é o veículo pelo qual fluem as correntes de vitalidade que mantêm o corpo vivo, e sem ela, como uma ponte para veicular vibrações de pensamento e sentimento desde o astral até a matéria física mais densa e visível, o Ego não poderia fazer uso das células de seu cérebro.

A vida do corpo físico é de perpétua mudança e a fim de que possa viver, necessita constantemente de ser suprido a partir de três fontes distintas. Deve ter comida para sua digestão, ar para sua respiração, e vitalidade para sua absorção. Esta vitalidade é essencialmente uma força, mas quando se reveste de matéria nos aparece como um elemento definido, que existe em todos os mundos de que falamos. Por ora estamos interessados naquela manifestação dela que encontramos na mais alta subdivisão do mundo físico. Exatamente como o sangue circula pelas veias, assim o faz a vitalidade ao longo dos nervos; e precisamente como qualquer anormalidade no fluxo de sangue de imediato afeta o corpo físico, também a menor irregularidade na absorção ou fluxo de vitalidade afeta esta parte superior do corpo físico.

A vitalidade é uma força que originalmente provém do Sol. Quando um átomo físico ultrímimo é carregado com ela, atrai para seu redor seis outros átomos, e se tornam um elemento etérico. A força original de vitalidade é subdividida em sete, cada um dos átomos carregando uma carga separada. O elemento assim formado é absorvido pelo corpo humano através da parte etérica do baço. Lá é fragmentado em suas partes componentes, que imediatamente fluem para as várias partes do corpo que lhe são designadas. O baço é um dos sete centros de força na parte etérica do corpo físico. Em cada um de nossos veículos devem haver sete de tais centros em atividade, e quando estão assim ativos são visíveis à visão clarividente. Eles aparecem usualmente como vórtices superficiais, pois são os pontos em que a força dos corpos superiores penetra nos inferiores. No corpo físico estes centros são: (1) na base da espinha, (2) no plexo solar, (3) no baço, (4) sobre o coração, (5) na garganta, (6) entre as sobrancelhas, e (7) no topo da cabeça. Existem outros centros adormecidos, mas seu despertar é indesejável.

O formato de todos os corpos superiores, vistos pelo clarividente, é ovóide, mas a matéria que os compõem não é igualmente distribuída por todo o ovo. No meio deste ovóide fica o corpo físico. O corpo físico atrai fortemente matéria astral, e por sua vez a matéria astral atrai fortemente a matéria mental. Portanto de longe a maior parte da matéria do corpo astral é reunida dentro da moldura física; e o mesmo é verdadeiro sobre o veículo mental. Se virmos o corpo astral de um homem em seu próprio mundo, à parte do corpo físico ainda perceberíamos a matéria astral agregada na forma exata do físico, ainda que, como esta matéria é mais fluídica por natureza, o que vemos é um corpo construído de densa névoa, em meio a um ovóide de névoa muito mais rarefeita. O mesmo vale para o corpo mental. Portanto, se nos mundos astral ou mental encontrássemos um conhecido, nós o reconheceríamos por sua aparência tão prontamente como no mundo físico.

Esta, assim, é a verdadeira constituição do homem. Em primeiro lugar ele é

uma Mônada, uma Centelha do Divino. Daquela Mônada o Ego é uma expressão parcial, formado a fim de que possa entrar em evolução, e possa retornar à Mônada com alegria, trazendo sua seara consigo sob forma de qualidades desenvolvidas pela experiência acumulada. O Ego por sua vez com o mesmo propósito põe parte de si nos mundos inferiores, e podemos chamar esta parte de personalidade, porque o vocábulo latino persona significa máscara, e esta personalidade é a máscara que o Ego enverga quando se manifesta nos mundos inferiores ao seu. Assim como o Ego é uma parte pequena e uma expressão imperfeita da Mônada, também a personalidade é uma parte pequena e uma expressão imperfeita do Ego; de modo que o que usualmente pensamos que seja o homem é somente na verdade o fragmento de um fragmento.

A personalidade usa três corpos ou veículos, o mental, o astral e o físico. Enquanto o homem é o que dizemos vivo e desperto na Terra física ele está limitado por seu corpo físico, pois ele usa os corpos astral e mental somente como pontes para conectar-se ao seu veículo mais baixo. Uma das limitações do corpo físico é que ele rapidamente se torna fatigado e requer descanso periódico. A cada noite o homem o deixa ao dormir, e recolhe-se ao veículo astral, que não se cansa, e portanto não precisa de sono. Durante este sono do corpo físico o homem fica livre para mover-se pelo mundo astral; mas a extensão em que faz isso depende de seu desenvolvimento. O selvagem primitivo usualmente não se move além de poucos quilômetros longe de sua forma física adormecida - e muitas vezes nem tanto assim; e possui só a mais vaga das consciências. O homem educado geralmente é capaz de viajar em seu veículo astral para onde quiser, e tem muito mais consciência no mundo astral, ainda que nem sempre disponha da faculdade de trazer à vida desperta qualquer lembrança do que tiver visto ou realizado enquanto dormia o seu corpo físico. Às vezes ele de fato relembra de algum incidente que tenha visto, alguma experiência que tenha tido, e então ele fala disso como se fora um sonho vívido. Mais freqüente suas lembranças são irremediavelmente misturadas com vagas reminiscências da vida desperta, e com impressões feitas de fora sobre a parte etérica de seu cérebro. Assim temos aos sonhos confusos e amiúde absurdos da vida comum. O homem desenvolvido se torna tão plenamente consciente e ativo no mundo astral quanto no físico, e traz a este uma lembrança integral do que tiver feito no outro - isto é, ele possui uma vida contínua sem qualquer perda de consciência durante todas as vinte e quatro horas, e assim durante toda a sua vida física, e mesmo através da própria morte.

Capítulo 6

APÓS A MORTE

A morte é o abandono do corpo físico; mas isso não faz maior diferença

para o Ego do que faz para um homem físico largar um casaco. Tendo descartado seu corpo físico, o Ego continua a viver em seu corpo astral até que tenha se exaurido a força gerada por emoções e paixões a que tenha se permitido sentir durante a vida terrena. Quando isso tiver ocorrido, a segunda morte tem lugar; o corpo astral também se desprende dele, e ele se encontra vivendo no corpo mental e no mundo mental inferior. Nesta condição ele permanece até que as forças de pensamento geradas durante suas vidas física e astral tiverem frutificado; então ele larga o terceiro veículo por sua vez e permanece uma vez mais como um Ego em seu próprio mundo, habitando seu corpo causal.

Não há, portanto, nenhuma coisa como a morte do modo como é entendida costumeiramente. Há somente uma sucessão de estágios numa vida contínua - estágios vividos nos três mundos um após o outro. A distribuição de tempo entre estes três mundos varia muito à medida que o homem avança. O homem primitivo vive quase exclusivamente no mundo físico, passando só poucos anos no astral ao fim de cada uma de suas vidas físicas. Ao se desenvolver, a vida astral se torna mais longa, e à medida que o intelecto se expande nele, e ele se torna capaz de pensar, começa a despender um breve período também no mundo mental. O homem comum das raças civilizadas permanece mais tempo no mundo mental do que no físico e no astral; na verdade, quanto mais um homem evolui mais longa se torna sua vida mental e mais curta sua vida no mundo astral.

A vida astral é o resultado de todos os sentimentos que têm em si o elemento do eu. Se tiverem sido diretamente egoístas, o levarão a condições muito desagradáveis no mundo astral; se, mesmo tingidos de pensamentos sobre o eu, tiverem sido bons e gentis o levarão a uma vida astral comparativamente mais agradável ainda que limitada. Os seus pensamentos e sentimentos que tiverem sido inteiramente altruístas produzem seu resultado em sua vida no mundo mental; portanto aquela vida no mundo mental não pode ser senão bem-aventurada. A vida astral, que o homem tiver feito para si ou miserável ou comparativamente jubilosa, corresponde ao que os Cristãos chamam de purgatório; a vida mental inferior, que é sempre inteiramente feliz, é o que é chamado de céu.

O homem faz por si mesmo seus próprios purgatório e céu, e estes não são lugares, mas estados de consciência. O inferno não existe; é só uma invenção da imaginação teológica; mas um homem que vive levemente pode fazer para si um purgatório bastante longo e desagradável. Nem o purgatório nem o céu podem jamais ser eternos, pois uma causa finita não pode originar um resultado infinito. As variações nos casos individuais são tão diversas que dar exemplos reais pode ser um pouco enganador. Se tomarmos o homem comum do que chamamos classe média, cujo representante típico poderia ser um lojista ou um vendedor, sua vida média no mundo astral seria talvez cerca de quarenta anos, e a vida no mundo

mental cerca de duzentos. O homem de espiritualidade e cultura, de outro lado, poderia ter talvez vinte anos de vida no mundo astral e mil na vida celeste. Algum que fosse especialmente desenvolvido poderia reduzir a vida astral para uns poucos dias ou horas, e passar mil e quinhentos anos no céu.

Não só a extensão destes períodos varia grandemente, mas as condições em ambos os mundos diferem muitíssimo. A matéria de que todos estes corpos são construídos não é matéria morta mas viva, e este fato deve ser levado em conta. O corpo físico é construído de células, cada qual é uma pequena vida separada animada pela Segunda Emanação, que provém do Segundo Aspecto da Deidade. Estas células são de diferentes tipos e desempenham várias funções, e todos estes fatos devem ser levados em consideração se o homem desejar entender o trabalho de seu corpo físico e viver uma vida sadia nele.

A mesma coisa se aplica aos corpos astral e mental. Na vida celular que os permeia não há nada ainda que se assemelhe a uma inteligência, mas há um forte instinto sempre pressionando em direção ao que é para seu desenvolvimento. A vida animando a matéria de que tais corpos são feitos está no arco exteriorizante da evolução, se movendo para baixo e para fora em direção à matéria, de modo que progresso para ela significa descer em formas mais densas de matéria, e aprender a expressar-se através delas. Para o homem, desenvolvimento é exatamente o oposto disto; ele já mergulhou fundo na matéria e agora está se elevando dela em direção à sua fonte. Há por isso um constante conflito de interesses entre o homem interno e a vida que habita a matéria de seus veículos, porquanto a tendência desta é descer, mas a daquele é subir.

A matéria do corpo astral (ou antes a vida animando suas moléculas) deseja para sua evolução quaisquer ondulações que possa obter, dos mais variados tipos possíveis, e o mais grosseiras possível. O próximo passo em sua evolução será animar a matéria física e se acostumar a vibrações ainda mais lentas; e, como um degrau neste caminho, deseja a mais grosseiras das vibrações astrais. Ela não tem inteligência para planejar isso definitivamente, mas seu instinto a ajuda a descobrir o modo mais fácil de procurá-las.

As moléculas do corpo astral estão constantemente mudando, assim como as do corpo físico, mas de qualquer maneira a vida na massa daquelas moléculas astrais tem, ainda que muito vago, um senso de si mesma como um todo - como um tipo de entidade temporária. Não sabe que é parte do corpo astral do homem; é muito capaz de entender o que é um homem; mas percebe de um modo cego que nas suas condições atuais recebeu ondulações em número e intensidade muito maiores do que receberia flutuando ao acaso na atmosfera. Ela só ocasionalmente captaria então, à

distância, a radiação das paixões e emoções humanas; agora, que está bem no coração delas, não pode perder nenhuma, e as obtém na intensidade máxima. Portanto sente-se em boa posição, e faz um esforço para mantê-la. Ela se sente em contato com algo mais refinado que ela - a matéria do corpo mental do homem; e passa a sentir que se pudesse coagir aquele algo mais fino a se envolver em suas próprias vibrações, elas seriam grandemente intensificadas e prolongadas.

Uma vez que a matéria astral é o veículo do desejo e a matéria mental é o veículo do pensamento, este instinto, quando traduzido em nossa linguagem, significa que se o corpo astral puder induzir-nos a pensar que nós queremos o que ele quer, será muito mais fácil de obtê-lo. Assim exerce uma lenta mas constante pressão sobre o homem - uma espécie de fome de seu ponto de vista, mas para o homem é uma tentação para o que é mais rude e indesejável. Se ele for um homem passional haverá uma suave mas constante pressão em direção à irritabilidade; se for um sensualista, uma igualmente constante pressão em direção à impureza. . Um homem que não entende isso usualmente comete um de dois erros a respeito disso: ou supõe ser um apelo de sua própria natureza, e portanto considera esta como inerentemente má; ou ele pensa que a pressão vem de fora - como uma tentação de um demônio imaginário. A verdade reside entre os dois. A pressão é natural, não para o homem mas para o veículo que ele está usando; seu desejo é natural e correto para o veículo, mas daninho para o homem, e portanto é necessário que ele lhe resista. Se ele assim resiste, se declina em permitir-se aos sentimentos sugeridos a ele, as partículas nele que necessitam destas vibrações se tornam apáticas por falta de nutrição, e eventualmente atrofiam e se desprendem de seu corpo astral, e são substituídas por outras partículas, cuja freqüência de onda natural está mais de acordo com as que o homem habitualmente se permite em seu corpo astral.

Esta é a razão para o que chamamos de apelos da natureza inferior durante a vida. Se um homem se permite a elas, tais apelos se tornam mais e mais fortes até que ele já não lhes pode resistir, e se identifica com eles - que é exatamente o que esta curiosa semi-vida nas partículas do corpo astral quer que ele faça.

Na morte do corpo físico esta vaga consciência astral se alarma. Ela percebeu que sua existência como uma massa separada está ameaçada, e toma providências instintivas para defender-se e manter sua posição o mais possível. A matéria de corpo astral é de longe mais fluídica do que a do físico, e esta consciência apodera-se de suas partículas e as dispõe de modo a resistir ao deslocamento. Ela coloca as mais grosseiras e densas do lado de fora como um tipo de concha e arranja as outras em camadas concêntricas, de modo que o corpo como um todo se torne tão resistente à fricção quanto sua constituição permitir, e pode portanto manter sua forma o

mais possível.

Para o homem isso produz vários efeitos desagradáveis. A fisiologia do corpo astral é muito diferente da do físico; este último adquire suas informações de fora através de certos órgãos que são especializados para servirem de instrumentos para seus sentidos, mas o corpo astral não tem nenhum sentido separado no sentido usual da palavra. O que para o corpo astral corresponde à visão é o poder de suas moléculas de responder a impactos de fora, que lhe advêm através de moléculas similares. Por exemplo, um homem possui em seu corpo astral matéria pertencente a todas as subdivisões do mundo astral, e é por causa disso que ele é capaz de "ver" objetos feitos de matéria de qualquer uma destas subdivisões.

Suponhamos um objeto astral feito de matéria da segunda e terceira subdivisões misturadas, um homem vivendo no mundo astral poderia perceber aquele objeto somente se na superfície de seu corpo astral houvesse partículas pertencentes à segunda e terceira subdivisões daquele mundo que fossem capazes de receber e registrar as vibrações que aquele objeto originou. Um homem que pelo rearranjo de seu corpo pela vaga consciência de que falamos, teria no exterior daquele veículo somente a matéria mais densa da subdivisão inferior, e não poderia ser mais consciente do objeto que mencionamos do que nós somos conscientes dos gases que se movem ao nosso redor na atmosfera ou de objetos constituídos só de matéria etérica.

Durante a vida física a matéria do corpo astral humano está em constante movimento, e suas partículas passam por entre si quase como o fazem as da água fervente, conseqüentemente em qualquer momento dado é praticamente certo que partículas de todas as variedades estarão representadas na superfície de seu corpo astral, e que portanto quando ele estiver usando seu corpo astral durante o sono ele será capaz de "ver" desse modo qualquer objeto astral que se aproximar dele.

Após a morte, se ele permitiu que o rearranjo ocorresse (por ignorância, como as pessoas comuns fazem) sua condição a este respeito seriam diferentes. Tendo na superfície de seu corpo astral somente as partículas mais baixas e grosseiras, ele pode receber impressões somente de partículas externas correspondentes; assim que em vez de ver o conjunto do mundo astral em seu redor, ele só verá um sétimo dele, e o mais denso e impuro. As vibrações desta matéria mais pesada são expressões somente dos sentimentos e emoções indesejáveis, e da classe menos refinada de entidades astrais. Portanto deduzimos disso que um homem nesta condição pode ver somente os habitantes indesejáveis do mundo astral, e pode sentir apenas suas influências mais desagradáveis e vulgares.

Ele está rodeado por outros homens, cujos corpos astrais provavelmente serão de caráter muito ordinário; mas uma vez que ele só pode ver e sentir o que é mais baixo e rude neles, eles lhe aparecem como monstros de vício sem qualquer coisa que os salve. Mesmo seus amigos não parecem ser mais como antes, porque ele está agora incapaz de apreciar quaisquer outras de suas melhores qualidades. Sob estas circunstâncias pouco admira que ele considere o mundo astral um inferno; mas a culpa de modo algum pertence ao mundo astral, mas a si mesmo - primeiro por permitir-se tanto a aquele tipo mais rude de matéria, e segundo, por deixar que aquela vaga consciência astral o dominasse e o dispusesse naquele modo particular.

O homem que tiver estudado estes assuntos recusará completamente ceder à pressão durante a vida ou permitir o rearranjo após a morte, e por conseguinte ele reterá seu poder de ver o mundo astral como um todo, e não só a parte mais crua e vil dele.

O mundo astral tem muitos pontos em comum com o físico; como o físico, apresenta aspectos diversos para pessoas diversas, e mesmo para a mesma pessoa em períodos diversos de sua trajetória. É o lar das emoções e pensamentos inferiores; as emoções são muito mais fortes naquele mundo do que neste. Quando uma pessoa está desperta não podemos jamais ver aquela parte maior de sua emoção; sua força se esvai ao por em movimento a matéria física mais densa do cérebro. Assim se vemos um homem demonstrar afeição aqui, o que podemos ver não é o todo de sua afeição, mas só aquela parte dela que restar depois de este outro trabalho ter sido feito. As emoções portanto avultam muito mais na vida astral do que na física. Elas de modo algum excluem pensamento superior se forem controladas, de maneira que no mundo astral tanto como no físico um homem pode dedicar-se ao estudo e ao auxílio aos outros, ou ele pode desperdiçar seu tempo e vagar inconseqüente.

O mundo astral se estende quase até a distância média da órbita da Lua; mas ainda que todos os seus domínios só sejam franqueados aos habitantes que não tenham permitido a redistribuição de sua matéria, a grande maioria permanece muito mais perto da superfície da Terra. A matéria das diferentes subdivisões daquele mundo se interpenetram com perfeita liberdade, mas há no conjunto uma tendência para a matéria mais densa assentar-se junto ao centro. As condições se assemelham muito às que obtemos num balde d'água que contém em suspensão diversos tipos de matéria de vários graus de densidade. Se a água for mantida sempre em movimento, os diferentes tipos de matéria se difundirão por toda ela; mas a despeito disso, a matéria mais densa é encontrada em maior quantidade mais perto do fundo. De modo que ainda que não devamos pensar nas várias subdivisões do mundo astral como ficando umas sobre as outras como camadas de uma cebola, não obstante é verdadeiro que o arranjo comum da matéria daquelas subdivisões assume um caráter semelhante.

A matéria astral interpenetra a matéria física precisamente como se não estivesse ali, mas cada subdivisão da matéria física tem uma forte atração pela matéria astral da subdivisão correspondente. Daí se evidencia que cada corpo físico tem sua contraparte astral. Se eu dispuser de um copo de água sobre uma mesa, o copo e a mesa, sendo de matéria física em estado sólido, serão interpenetrados por matéria astral da subdivisão mais baixa. A água no copo, sendo líquida, é interpenetrada pela matéria astral da sexta subdivisão; enquanto que o ar que rodeia ambos, sendo matéria física em estado gasoso, é inteiramente interpenetrado pela matéria gasosa astral - isto é, a matéria astral da quinta subdivisão.

Mas assim como o ar, a água, o copo e a mesa são igualmente interpenetrados todo o tempo pela matéria física mais fina que chamamos etérica, também todas as contrapartes astrais são interpenetradas pela matéria astral mais fina das subdivisões mais altas que correspondem à etérica. Mas mesmo o sólido astral é menos denso que o mais rarefeito dos éteres físicos.

O homem que se acha no mundo astral após a morte, se ele não se submeteu ao rearranjo da matéria de seu corpo, perceberá apenas pequena diferença da vida física. Ele pode flutuar em qualquer direção à vontade, mas na verdade ele usualmente fica nas vizinhanças a que está acostumado. Ele ainda é capaz de perceber sua casa, seu quarto, sua mobília, seus conhecidos, seus amigos. Os vivos, quando ignoram sobre os mundos superiores, supõem ter "perdido" aqueles que deixaram seus corpos físicos; mas os mortos em nenhum momento têm a impressão de que perderam os vivos.

Atuando como estão no corpo astral, os mortos já não podem ver os corpos físicos dos que deixaram para trás; mas vêem sim seus corpos astrais, e como estes na forma são exatamente iguais ao físico, estão perfeitamente cientes da presença de seus amigos. Eles vêem cada um rodeado por um tênue ovóide de névoa luminosa, e se forem observadores, podem perceber várias outras pequenas alterações no ambiente; mas pelo menos lhes fica bem claro que não se foram para um céu ou inferno distantes, mas ainda permanecem em contato com o mundo que conhecem, ainda que o vejam de um ângulo um tanto diverso.

O morto tem o corpo astral de seus amigos vivos obviamente diante de si, portanto não pode pensar neles como perdidos; mas enquanto o amigo está desperto, o morto não será capaz de fazer impressão nenhuma sobre ele, pois a consciência do amigo então está no mundo físico, e seu corpo astral está sendo usado somente como uma ponte. O morto não pode, pois, comunicar-se com seu amigo, nem pode ler os pensamentos superiores de

seu amigo; mas ele verá pela mudança de cor no corpo astral qualquer emoção que o amigo possa sentir, e com pequena prática e observação ele poderá facilmente aprender a ler todos aqueles pensamentos de seu amigo que têm em si algo de egoísmo ou desejo.

Quando o amigo cai no sono toda a situação se altera. Então ele também está consciente no corpo astral lado a lado com o morto, e podem se comunicar em todos os aspectos tão livremente como o poderiam durante a vida física. As emoções sentidas pelos vivos reagem fortemente nos mortos a quem amam. Se aqueles dão vazão à dor, este não pode senão sofrer severamente.

As condições de vida após a morte são quase infinitas em sua variedade, mas podem ser imaginadas sem dificuldade por qualquer um que se dê ao trabalho de entender o mundo astral e considerar o caráter da pessoa em questão. Aquele caráter não é no menor grau alterado pela morte; os seus pensamentos, emoções e desejos são exatamente os mesmo de antes. Ele é em todos os sentidos o mesmo homem, tirando-se o corpo físico, e sua felicidade ou miséria dependem da extensão em que a perda do corpo físico o afeta.

Se seus desejos tiverem sido tais que necessitem de um corpo físico para sua gratificação, ele estará sujeito a sofrer bastante. Tal anseio se manifesta como uma vibração no corpo astral, e enquanto estamos ainda neste mundo sua força é na maior parte empregada em mover as pesadas partículas físicas. Portanto, o desejo é no mundo astral uma força muitíssimo maior do que no físico, e se o homem não tiver tido o hábito de controlá-lo, e se nesta nova vida não puder ser satisfeito, isso pode causar-lhe grandes e prolongados problemas.

Tomemos como exemplo os casos extremos de um bêbado e de um sensualista. Aqui temos uma paixão que foi forte o bastante para durante a vida física sobrepujar a razão, o senso-comum e todos os sentimentos de decência e afeição familiar. Depois da morte o homem se encontra no mundo astral sentindo o apetite talvez cem vezes mais intensificado, e completamente incapaz de satisfazê-lo porque perdeu o corpo físico. Uma vida com esta é um verdadeiro inferno - o único inferno que há; pois ninguém o está punindo; ele está colhendo o resultado perfeitamente natural de sua própria ação. Gradualmente esta força de desejo se esgota, mas só à custa de terrível sofrimento para o homem, porque para ele cada dia parece um milênio. Ele não tem nenhuma medida de tempo como temos aqui no mundo físico. Ele o pode medir só por suas sensações. De uma distorção deste fato veio a idéia blasfema da danação eterna.

Muitos outros casos menos extremos que estes prontamente sugerirão a si

mesmos, nos quais um anseio que não pode ser satisfeito prova ser uma tortura. Um caso mais banal é o de um homem que não tem nenhum vício em particular, como a bebida ou a luxúria, mas foi ligado inteiramente às coisas do mundo físico, e viveu uma vida devotada aos negócios ou a frívolas atividades sociais. Para ele o mundo astral é um local de aborrecimento; as únicas coisas por que anela já não lhe são possíveis, pois no mundo astral não há negócios a fazer, e, ainda que possa ter tanta companhia quanto deseje, a sociedade agora lhe é um assunto bem diferente, porque todas as imposturas sobre as quais usualmente está baseada já não são possíveis.

Estes casos, entretanto, são só a minoria, e para a maioria das pessoas o estado após a morte é muito mais feliz que a vida sobre a Terra. O primeiro sentimento de que o morto é usualmente consciente é o da mais maravilhosa e deliciosa liberdade. Ele já não tem absolutamente nada com que se preocupar, e nenhum dever pesa sobre ele, exceto aqueles que ele escolher impor-se. Para todos exceto uma pequena minoria, a vida física é gasta fazendo o que o homem preferiria não fazer; mas tem de fazê-lo a fim de sustentar-se ou à sua esposa e família. No mundo astral nenhum sustento é necessário; já não precisa comer, agasalho não é necessário, uma vez que é inteiramente imune ao calor ou ao frio; e cada homem pelo mero exercício de seu pensamento se veste como quiser. Pela primeira vez desde a primeira infância o homem é inteiramente livre para passar todo o seu tempo fazendo exatamente apenas o que aprecia.

Sua capacidade para todos os tipos de desfrute é grandemente aumentada, bastando que aquele desfrute não careça de um corpo físico para sua expressão. Se ele ama as belezas da natureza, agora está em seu poder viajar com grande rapidez e sem fadiga por todo o mundo, e contemplar seus lugares mais adoráveis, e explorar seus recessos mais secretos. Se ele se delicia na arte, todas as obras-primas do mundo estão à sua disposição. Se ele ama a música, ele pode ir aonde pode ouvi-la, e agora ela significará para ele muitíssimo mais do que antes; pois ainda que não possa mais ouvir com os ouvidos físicos, ele pode receber em si o inteiro efeito da música em um grau muito mais pleno que neste mundo inferior. Se ele é um estudante de ciência, não só pode visitar os grandes cientistas do mundo, e colher deles os pensamentos e idéias que estejam dentro de sua compreensão, mas também pode empreender pesquisas por si mesmo na ciência deste mundo superior, vendo muito mais o que está fazendo do que jamais lhe foi possível antes. E melhor de tudo, aquele cuja grande delícia no mundo foi ajudar seus semelhantes ainda encontrará um amplo escopo para seus esforços filantrópicos.

Os homens já não passam fome, frio, ou sofrem de moléstias neste mundo astral; mas há um vasto número de quem, sendo ignorante, deseja conhecimento - os que, sendo ainda atados ao desejo por coisas terrenas,

precisam de uma explicação de como voltar seus pensamentos para coisas mais altas - os que enredaram-se na teia de suas próprias elucubrações, e só podem ser libertos por quem entende este novo ambiente, e pode lhes ajudar a distinguir os fatos do mundo de sua própria representação ignorante e ilusória deles. Todos esses podem ser ajudados pelo homem inteligente e de bom coração. Muitos homens chegam no mundo astral na total ignorância de suas condições, não percebendo de pronto que estão mortos, e quando realmente o percebem temem o que o destino possa estar lhes reservando, por causa de ensinamento teológico falso e perverso. Todos estes precisam o carinho e conforto que só lhes pode ser dado por um homem de bom senso que possua algum conhecimento dos fatos da natureza.

Não há portanto nenhuma falta da mais proveitosa ocupação para qualquer homem cujos interesses durante a vida física foram racionais; tampouco lá ele carece de companhias. Homens cujos gostos e empenhos são similares naturalmente acabam se reunindo exatamente como o fazem aqui; e muitos reinos da natureza, que durante nossa vida física estão ocultos pelo denso véu da matéria, agora estão abertos para estudo detalhado dos que se interessam em examiná-los.

Em grande medida as pessoas constroem seus próprios ambientes. Nós já mencionamos as sete subdivisões deste mundo astral. Numerando-as da mais elevada e menos material para baixo, vemos que recaem naturalmente em três classes - as divisões um, dois e três formando uma classe, e as quatro, cinco e seis outra, enquanto a sétima e mais baixa de todas permanece sozinha. Como disse, mesmo que se interpenetrem, suas substâncias têm uma tendência geral de se arranjar de acordo com sua gravidade específica, de modo que a maioria da matéria das subdivisões mais altas é encontrada mais alto sobre a face da Terra do que a maior parte da matéria das porções inferiores.

Daí que, mesmo que qualquer pessoa habitando o mundo astral possa se mover para qualquer parte dele, sua tendência natural é flutuar no nível que corresponde à gravidade específica da matéria mais pesada de seu corpo astral. O homem que não permitiu a redistribuição da matéria de seu corpo astral após a morte é inteiramente livre em todo o mundo astral; mas a maioria, que o permitiu, não é igualmente livre - não porque haja qualquer coisa que o impeça de subir até o mais alto ou mergulhar até o mais baixo nível, mas porque são capazes de sentir com clareza só uma certa parte daquele mundo.

Eu descrevi algo sobre o destino de um homem que esteja no nível mais baixo, encerrado em uma forte concha de matéria grosseira. Por causa da comparativamente extrema densidade daquela matéria ele é cômico de menos entorno de sua subdivisão do que um homem em qualquer outro

nível. A gravidade específica geral de seu próprio corpo astral tende a fazê-lo flutuar abaixo da superfície da Terra. A matéria física da Terra é absolutamente inexistente aos seus sentidos astrais, e sua atração natural é para as menos delicadas formas de matéria astral que são a contraparte da Terra sólida. Um homem que se confinou àquela subdivisão inferior portanto se encontrará usualmente flutuando na escuridão e em grande medida apartado dos outros mortos, cujas vidas foram mantidas em um nível mais elevado.

As divisões quatro, cinco e seis do mundo astral (a que a maioria das pessoas é atraída) têm como pano de fundo a contraparte astral do mundo em que vivemos, e todos os seus acessórios familiares. A vida na sexta subdivisão é simplesmente como a vida comum nesta Terra excetuando o corpo físico e suas necessidades; enquanto que ascendendo através das divisões quinta e sexta ela se torna menos e menos material e é cada vez mais retirada de nosso mundo inferior e seus interesses.

As seções primeira, segunda e terceira, ainda que ocupando o mesmo espaço, já dão a impressão de estarem muito mais distantes do físico, e são correspondentemente menos materiais. Os homens que habitam estes níveis perdem de vista a Terra e seus pertences; estão de costume profundamente auto-absorvidos, e em grande medida criam seus próprios ambientes, ainda que estes sejam suficientemente objetivos para serem percebidos pelos outros homens do seu nível, e também à visão clarividente.

Esta região é a "Terra de Verão" de que ouvimos falar nos círculos espíritas - o mundo em que, pelo exercício de seu pensamento, os mortos trazem à existência temporária suas casas e escolas e cidades. Estes ambientes, mesmo que fantasiosos sob nosso ponto de vista, são para os mortos tão reais como casas, templos ou igrejas construídos de pedra são para nós, e muitas pessoas vivem muito contentes lá por certo número de anos em meio a todas estas criações do pensamento.

Alguns dos cenários assim produzidos são muito belos; incluem adoráveis lagos, magníficas montanhas, agradáveis jardins, decididamente superiores a qualquer coisa no mundo físico; ainda que por outro lado contenham muito do que para o clarividente treinado (que aprendeu a ver as coisas como elas são) pareça ridículo - como, por exemplo, as tentativas dos incultos de produzir uma forma-pensamento de algumas das curiosa descrições simbólicas contidas nas suas várias Escrituras. A imagem-pensamento de um camponês ignorante de uma criatura cheia de olhos por dentro, ou um mar de vidro misturado com fogo, é naturalmente muitas vezes grotesca, mesmo que para seu criador perfeitamente satisfatória. Este mundo astral é cheio de criações-pensamento de figuras e paisagens. Homens de todas as

religiões imaginam aqui suas deidades e suas respectivas concepções do paraíso, e desfrutam grandemente em meio a estas formas oníricas até que passam para o mundo mental e entram em contato com algo mais próximo da realidade.

Cada pessoa após a morte - qualquer pessoa comum, isto é, em cujo caso o rearranjo de matéria do corpo astral ocorreu - tem que passar através de todas estas subdivisões por sua vez. Não se segue que cada uma seja consciente em todas elas. A pessoa decente comum tem em seu corpo astral somente pouca matéria de sua porção inferior - não o bastante para construir uma concha pesada. A redistribuição coloca na parte externa de seu corpo sua matéria mais densa; no homem comum é usualmente matéria da sexta subdivisão, misturada com um pouco da sétima, e então ele se acha vendo a contraparte do mundo físico.

O Ego está constantemente se retirando para dentro de si mesmo, e à medida que se retira deixa atrás de si nível após nível desta matéria astral. Assim, a duração da permanência do homem em cada seção do mundo astral está em proporção direta à quantidade de sua matéria que é encontrada em seu corpo astral, e isso por sua vez depende da vida que ele viveu, os desejos em que indulgiu, e da classe de matéria que por conseguinte atraiu e incorporou a si. Encontrando-se então na sexta seção, ainda pairando perto dos locais e pessoas a que ele estava mais proximamente ligado enquanto na Terra, o homem comum no passar do tempo vê os ambientes terrestres gradualmente se desvanecendo e deixando progressivamente de ter importância para ele, e ele tende mais e mais a moldar seu entorno de acordo com os mais persistentes de seus pensamentos. Quando ele alcança o terceiro nível ele descobre que esta característica sobrepujou inteiramente a visão das realidades do mundo astral.

A segunda subdivisão é uma sombra menos material que a terceira, pois se esta é a Terra de Verão dos espíritas, aquela é o céu material dos ortodoxos mais ignorantes; enquanto que o primeiro ou mais elevado nível parece ser a morada especial daqueles que durante a vida se devotaram a interesses materialistas mas intelectuais, seguindo-os não por amor de beneficiar seus semelhantes, mas por motivos de ambição pessoal ou simplesmente por amor do exercício intelectual. Todas estas pessoas são perfeitamente felizes. Mais adiante chegarão em um estágio em que poderão apreciar algo muito mais elevado, e quando este estágio chega o encontrarão pronto para elas.

Nesta vida astral as pessoas da mesma nação e com os mesmos interesses tendem a permanecer juntas, precisamente como o fazem aqui. As pessoas religiosas, por exemplo, que imaginam para si um céu material, não interferem em nada com os homens de outras crenças cujas idéias de

felicidade celeste são diferentes. Não há nada que impeça um Cristão de penetrar no céu do Hinduísta, ou do Maometano, mas raramente o farão, porque seus interesses e atrações estão todos no céu de sua própria fé, junto com amigos que compartilharam aquela crença com ele. De modo algum este é o céu verdadeiro descrito por qualquer uma das religiões, mas apenas uma grosseira e material pseudo-representação dele; a coisa real será encontrada quando viermos a considerar o mundo mental.

O morto que não permitiu o rearranjo da matéria de seu corpo astral é livre por todo este mundo, e pode perambular em toda parte à vontade, vendo o todo do que quer que examine, em vez de somente uma parte como os outros fazem. Ele não o acha inconvenientemente apinhado, pois o mundo astral é muito maior que a superfície da Terra física, enquanto que sua população é algo menor, porque a vida média da humanidade no mundo astral é mais curta que a média no físico.

Contudo, nem só os mortos são os habitantes deste mundo astral, mas sempre o são, também, cerca de um terço dos viventes, os que deixaram temporariamente para trás seu corpos físicos a dormir. O mundo astral tem ainda um grande número de habitantes não-humanos, alguns deles muito abaixo do nível humano, e alguns consideravelmente acima dele. Os espíritos da natureza formam um imenso reino, do qual alguns membros existem no mundo astral, e constituem uma grande parte de sua população. Este vasto reino também existe no mundo físico, pois muitas ordens usam corpos etéricos, e estão logo além do alcance da visão física comum. De fato, circunstâncias não infreqüentes ocorrem sob as quais eles podem ser vistos, e em muitos distritos montanhosos distantes estas aparições são tradicionais entre os camponeses, que comumente lhes chamam fadas, povos bondosos, pixies ou brownies.

Eles não têm forma definida, mas usualmente preferem ostentar uma forma humana miniatura. Uma vez que não são ainda individualizados, podem ser considerados quase como animais etéricos e astrais; mesmo que muitos deles emparelhem, no intelecto, à humanidade comum. Eles têm suas nações e raças exatamente como nós, e são freqüentemente agrupados em quatro grandes classes, chamadas espíritos da terra, da água, do fogo e do ar. Somente os membros da última destas quatro divisões residem normalmente no mundo astral, mas seu número é tão prodigioso que estão presentes em toda parte nele.

Um outro grande reino tem seus representantes aqui - o reino dos anjos (chamados na Índia de Devas). Este é um conjunto de seres que estão muito mais alto na evolução que o homem, e somente a orla mais inferior de suas hostes toca o mundo astral - uma orla cujos membros constituintes estão talvez perto do nível de desenvolvimento do que chamaríamos um

homem nitidamente bom.

Nós não somos nem os únicos nem mesmo os principais habitantes de nosso sistema solar; há outras linhas de evolução correndo paralelas à nossa que de todo não passam pela humanidade, ainda que devam todas passar por um nível correspondente ao da humanidade. Uma destas outras linhas de evolução são os espíritos da natureza acima descritos, e em um nível mais alto desta linha vem este grande reino dos anjos. Em nosso presente nível de evolução eles entram em contato evidente conosco só mui raramente, mas ao nos desenvolvermos deveremos ver mais deles.

Quando todas as emoções inferiores do homem tiverem se esgotado - todas as emoções, quero dizer, que têm em si algum pensamento sobre o eu - sua vida no mundo astral termina, e o Ego passa para o mundo mental. De modo algum este é um movimento no espaço; é simplesmente que o progressivo processo de introspecção passou além mesmo do mais fino tipo de matéria astral; assim a consciência do homem se focaliza no mundo mental. Seu corpo astral ainda não se desintegrou completamente, mesmo que esteja em vias de fazê-lo, e ele deixa para trás um cadáver astral, exatamente como no estágio anterior da introspecção ele deixou para trás de si um cadáver físico. Há uma certa diferença entre os dois que deveria ser mencionada, por causa das conseqüências que derivam disso.

Quando o homem deixa seu corpo físico sua separação dele deveria ser completa, e geralmente é assim; mas este não é o caso da matéria muito mais fina do corpo astral. No curso de sua vida física o homem comum usualmente se envolve tanto em matéria astral (o que, de um outro ponto de vista, significa que ele se identifica mui intimamente com seus desejos inferiores) que a força interiorizante do Ego não pode mais separar-se dela novamente. Por conseguinte, quando enfim retira-se do corpo astral e transfere suas atividades para o mental, ele perde um pouco de si mesmo, deixa algo de si para trás aprisionado na matéria do corpo astral.

Isto dá um certo resíduo de vitalidade ao cadáver astral, de modo que ele ainda se move livremente no mundo astral, e pode facilmente ser confundido com o próprio homem pelo ignorante - ainda mais que tal consciência fragmentária que ainda permanece nele é parte do homem, e portanto naturalmente se considera e fala de si como sendo o homem. Ele retém suas memórias mas é só uma representação parcial e insatisfatória dele. Algumas vezes nas sessões espíritas se entra em contato com uma entidade deste tipo, e nos admiramos do quanto aquele amigo deteriorou-se desde sua morte. A esta entidade fragmentária damos o nome de "sombra".

Num estágio ulterior mesmo este fragmento de consciência morre no corpo astral, mas não retorna ao Ego a quem pertenceu originalmente. Mesmo

então o cadáver astral ainda permanece, mas quando já não possui qualquer traço de sua vida anterior o chamamos de "casca". Por si mesma uma casca não pode se comunicar numa sessão, ou agir de qualquer forma; mas tais cascas são freqüentemente apanhadas por espíritos da natureza brincalhões e usadas como habitações temporárias. Uma casca assim ocupada pode se comunicar em uma sessão mascarada como se fosse seu proprietário original, uma vez que algumas de suas características e certas partes de sua memória podem ser evocadas pelo espírito da natureza a partir de seu cadáver astral.

Quando um homem adormece, ele se recolhe em seu corpo astral, deixando todo o veículo físico para trás. Quando morre, leva consigo a parte etérica do corpo físico, e conseqüentemente tem normalmente pelo menos um momento de inconsciência enquanto se livra dela. O duplo etérico não é um veículo, e não pode ser usado como tal; assim enquanto um homem estiver cercado por ele, por um momento não será capaz de atuar nem no mundo físico nem no astral. Alguns homens conseguem livrar-se de seu envelope etérico em poucos minutos; outros ficam lá horas, dias ou mesmo semanas.

Tampouco é certo de que quando o homem se livra dele, imediatamente se torna consciente do mundo astral. Pois há nele uma boa quantidade do tipo inferior de matéria astral, assim uma concha disso pode se formar em seu redor. Mas ele pode ser de todo incapaz de usar esta matéria. Se ele tiver vivido uma vida razoavelmente decente ele estará pouco habituado a empregá-la ou responder às suas vibrações, e não pode instantaneamente adquirir este hábito. Por esta razão, ele pode permanecer inconsciente até que gradualmente esta matéria se desprenda, e alguma matéria que ele tem o hábito de utilizar aflore à superfície. Esta oclusão, contudo, dificilmente é completa, pois mesmo na concha mais cuidadosamente construída algumas partículas da matéria mais fina acham caminho para a superfície e lhe dão vislumbres fugazes das redondezas.

Há alguns homens que se agarram tão desesperadamente a seus veículos físicos que não afrouxam sua posse sobre o duplo etérico, mas se empenham com todas as forças em retê-lo. Eles podem ter sucesso nisso durante um bom tempo, mas só a custo de grande desconforto para eles mesmos. Eles estão excluídos de ambos os mundos, e se encontram rodeados de uma densa névoa cinza, através da qual eles vêem muito fracamente as coisas do mundo físico, mas com todas as cores perdidas. Para eles é uma luta terrível manter sua posição nesta condição miserável, e não relaxam seu aferramento ao duplo etérico, sentindo que ele é pelo menos algum tipo de elo com o único mundo que conhecem. Então eles vagam em uma condição de solidão e miséria até que por extrema fadiga o liberam, e deslizam para a comparativa felicidade do mundo astral. Às vezes em seu desespero procuram cegamente por outros corpos, e tentam entrar neles, e ocasionalmente são bem sucedidos nesta tentativa. Eles podem se

apoderar de um corpo de bebê, expulsando a frágil personalidade para a qual era destinado, ou algumas vezes se valem mesmo do corpo de um animal. Toda esta tribulação deriva inteiramente da ignorância, e jamais pode acontecer para qualquer um que entenda as leis da vida e da morte.

Quando a vida astral encerra, o homem por sua vez morre para aquele mundo, e desperta no mundo mental. Com ele não sucede o que sucede ao clarividente treinado, que se move através dele e vive por entre o ambiente que encontra lá, precisamente como faria nos mundos físico ou astral. O homem comum por toda sua vida foi rodeando-se de uma massa de formas-pensamento. Algumas que são transitórias, a que ele prestou pouca atenção, se desvaneceram há muito tempo, mas aquelas que representam os principais interesses de sua vida estão sempre com ele, e ficam cada vez mais fortes. Se algumas destas forem egoístas, sua força se derrama na matéria astral, e ele as esgota durante sua vida no mundo astral. Mas aquelas que são inteiramente altruístas pertencem puramente a seu corpo mental, e assim quando ele se encontra no mundo mental será através destes pensamentos especiais que ele será capaz de apreciá-lo.

Seu corpo mental de modo algum estará completamente desenvolvido; as partes dele que estarão realmente ativas em plena medida são só as que usou de modo altruístico. Quando ele desperta novamente após a segunda morte sua primeira sensação é de uma indescritível beatitude e vitalidade - um sentimento de tão completo júbilo de viver que por um tempo ele não precisa de nada além de apenas viver. Tal beatitude é da essência da vida em todos os mundos superiores do sistema. Mesmo a vida astral tem possibilidades de felicidade de longe maiores do que qualquer coisa que pudéssemos conhecer no corpo denso; mas a vida celeste no mundo mental é além de todas as proporções mais bem-aventurada que a astral. Em cada mundo mais elevado a mesma experiência é repetida. Meramente viver em algum deles parece ser a mais excelsa beatitude concebível; mas já quando o próximo é atingido, parece que ela ultrapassa em muito o anterior. Assim como a bem-aventurança aumenta, igualmente aumentam a sabedoria e amplitude de visão. O homem se agita pelo mundo e se imagina tão ocupado e tão sábio; mas quando toca mesmo o astral, ele percebe incontinenti que tem sido todo o tempo só uma larva rastejante que não vê nada além da sua própria folha, enquanto agora ele abre suas asas como a borboleta e voa para o sol de um mundo mais vasto. Pois impossível que possa parecer, a mesma experiência se repete quando passa para o mundo mental, pois esta vida é por sua vez tão mais plena e ampla e mais intensa que a astral que novamente nenhuma comparação é possível. E ainda além de todas estas existe ainda uma outra vida, a do mundo intuicional, para a qual mesmo esta é só como o luar comparado com a luz do sol.

A situação do homem no mundo mental difere largamente daquela no astral. Lá ele estava usando um corpo ao qual estava inteiramente acostumado,

um corpo que ele tinha o hábito de empregar a cada noite durante o sono. Aqui ele se encontra vivendo em um veículo que ele nunca usou antes - um veículo, além do mais, que está muito longe de estar plenamente desenvolvido - um veículo que o exclui ainda mais do mundo ao seu redor, em vez de possibilitar-lhe que o veja. A parte inferior de sua natureza queimou-se durante sua vida purgatorial, e agora só lhe restam seus mais elevados e refinados pensamentos, as nobres e altruísticas aspirações que ele cultivou durante sua vida terrestre. Esta aglomeração o rodeia, e constrói uma espécie de concha em seu redor, por meio da qual ele é capaz de responder a certos tipos de vibrações nesta matéria refinada.

Estes pensamentos que o circundam são os poderes pelos quais ele usufrui da pletora do mundo celeste, e a descobre sendo um repositório de extensão infinita, o qual ele é capaz de utilizar exatamente de acordo com o poder daqueles pensamentos e aspirações; pois neste mundo existe a infinita abundância da Mente Divina, aberta em toda sua ilimitada riqueza a cada alma, precisamente na proporção em que aquela alma qualificou-se para receber. Um homem que já completou sua evolução humana, que já realizou e desdobrou a divindade cujo germe está nele, encontra toda esta glória ao seu alcance; mas desde que nenhum de nós ainda o fez, uma vez que só gradualmente estamos ascendendo em direção daquela consumação esplêndida, ocorre que nenhum de nós ainda a pode captar inteiramente.

Mas cada um retira dela e a percebe tanto quanto seus esforços prévios o prepararam para fazê-lo. Indivíduos diferentes trazem capacidades diferentes; dizem-nos no Oriente que cada homem tem sua própria taça, e algumas taças são grandes e algumas são pequenas, mas pequenas ou grandes, cada taça é preenchida até sua máxima capacidade; o mar de bem-aventurança provê mais que o suficiente para todos.

Um homem pode contemplar esta glória e beleza somente através das janelas que ele próprio tiver feito. Cada uma destas formas-pensamento é como uma janela, através da qual uma resposta pode lhe chegar das forças exteriores. Se durante sua vida terrestre ele considerou principalmente coisas físicas, então ele terá feito para si só poucas janelas pelas quais esta glória superior pode brilhar sobre ele. Pois todo homem que está acima do mais baixo selvagem deve ter tido algum toque de puro sentimento altruísta, mesmo uma única vez em toda sua vida, e aquilo agora será uma janela para ele.

O homem comum não é capaz de qualquer grande atividade neste mundo mental; sua condição é principalmente receptiva, e sua visão de qualquer coisa fora de sua própria concha de pensamentos é do mais limitado caráter. Ele está rodeado de forças vivas, poderosos habitantes angélicos deste mundo glorioso, e muitas de suas ordens são muito sensíveis a certas

aspirações do homem e prontamente respondem a elas. Mas um homem pode tirar vantagem disso só até onde ele já tiver se preparado para aproveitá-lo, pois seus pensamentos e aspirações são somente ao longo de certas linhas, e ele não pode criar subitamente linhas novas. Há muitas direções em que o pensamento superior pode atuar - algumas delas pessoais e outras impessoais. Entre estas últimas estão a arte, a música e a filosofia; e um homem cujo interesse resida ao longo de qualquer destas linhas encontra um desfrute imensurável e instrução ilimitada esperando por ele - isto é, a quantidade de desfrute e instrução é limitada apenas pelo seu poder de percepção.

Encontramos um grande número de pessoas cujos únicos pensamentos superiores foram aqueles relacionados com afeto e devoção. Se um homem ama outro profundamente ou se sente forte devoção para com uma deidade pessoal, ele faz uma forte imagem mental daquele amigo ou deidade, e o objeto de seu sentimento está freqüentemente presente em sua mente. Inevitavelmente ele leva aquela imagem para o céu consigo, porque é àquele nível de matéria que ela naturalmente pertence.

Tomemos primeiro o sentimento de afeição. O amor que forma e mantém uma tal imagem é uma força muito poderosa - uma força que é forte bastante para alcançar e agir sobre o Ego de seu amigo na parte superior do mundo mental. É aquele Ego que é o homem real a quem ama - não o corpo físico que é só uma representação tão parcial dele. O Ego do amigo, sentindo esta vibração, de imediato e avidamente responde-lhe, e se derrama na forma-pensamento que foi feita para ele; assim pois o amigo do homem está em verdade consigo mais vividamente presente do que jamais esteve antes. Para este resultado não faz diferença se o amigo estiver vivo ou morto, como dizemos; o apelo é feito não ao fragmento do amigo que está às vezes aprisionado num corpo físico, mas ao próprio homem em seu próprio e verdadeiro nível; e ele sempre responde. Um homem que tem uma centena de amigos pode simultânea e plenamente responder à afeição de cada um deles, pois nenhum número de representações em um nível inferior pode exaurir a infinitude do Ego.

Assim todo homem em sua vida celeste tem ao seu redor todos os amigos cuja companhia deseje, e estão para ele sempre em sua melhor condição, porque ele próprio os fez assim na forma-pensamento pela qual se manifestam a ele. Em nosso limitado mundo físico estamos tão acostumados a pensar em nossos amigos só como a manifestação limitada que conhecemos no mundo físico, que a princípio nos é difícil perceber a grandiosidade do esquema; quando a percebemos, vemos quão mais próximos estamos da verdade em relação aos nosso amigo na vida celeste do que jamais estivemos aqui na Terra. O mesmo é verdade no caso da devoção. O homem no mundo celeste está dois grandes estágios mais perto do objeto de sua devoção do que estava em sua vida física, e assim suas

experiências são de um caráter muito mais transcendente.

Neste mundo mental, assim como no astral, há sete subdivisões. A primeira, segunda e terceira são o habitat do Ego em seu corpo causal, pois o corpo causal contém matéria apenas das outras quatro, e é naquelas seções que sua vida celeste transcorre. O homem não passa, contudo, de uma para outra delas, como no caso do mundo astral, pois não há nada nesta vida que corresponda ao rearranjo (de matéria do corpo). Antes o homem é alçado ao nível que melhor corresponde ao grau de seu desenvolvimento, e naquele nível passa toda a sua vida no corpo mental. Cada homem cria suas próprias condições, assim o número de variedades é infinito.

Falando em linhas gerais, podemos dizer que a característica dominante observada na porção inferior é a afeição familiar altruísta. Deve ser altruísta, ou não encontrará lugar aqui; todos os seres egoístas, se houver alguma, colheram seus resultados no mundo astral. Podemos dizer que a característica dominante do sexto nível é a devoção religiosa antropomórfica; enquanto que a da quinta seção é a devoção expressa através de algum tipo de trabalho ativo. Todas estas - a quinta, sexta e sétima subdivisões - estão ligadas à frutificação da devoção a personalidades (seja à família e amigos ou a uma deidade pessoal) antes que a devoção mais ampla à humanidade por amor a ela, que acha sua expressão na próxima seção. As atividades deste quarto estágio são variadas. Elas podem ser melhor arranjadas em quatro divisões principais: busca altruísta de conhecimento espiritual; alto pensamento filosófico ou científico; habilidade literária ou artística exercida com propósitos altruístas; e serviço por amor ao serviço.

Mesmo para esta vida celeste gloriosa um fim chega, e então o corpo mental por sua vez se desprende como os outros o fizeram, e a vida do homem em seu corpo causal inicia. Aqui o homem não precisa de janelas, pois esta é sua morada real e todas as paredes caíram. A maioria dos homens só possui pequena consciência ainda em um nível tão alto como este; eles repousam sonhadoramente absortos e pouco despertados, mas qualquer visão que tenham é verdadeira, por mais limitada que possa ser por sua falta de desenvolvimento. Ainda, a cada vez que retornarem estas limitações serão menores, e eles próprios serão cada vez maiores; de modo que esta vida mais real ser-lhes-á mais plena e ampla.

Continuando o progresso, esta vida causal torna-se mais prolongada, assumindo uma proporção sempre maior comparada à existência em níveis inferiores. E à medida que cresce, o homem se torna capaz não só de receber, mas também de dar. Então de fato seu triunfo se aproxima, pois ele estará aprendendo a lição do Cristo, aprendendo sobre a glória magna do sacrifício, o supremo deleite de derramar toda sua vida em auxílio de seus semelhantes, a devoção do eu ao todo, sobre a força celestial do serviço

humano, e sobre todas aquelas esplêndidas forças celestes para a ajuda aos lutadores filhos da Terra. Isto é parte da vida que nos aguarda; estes são alguns dos degraus que mesmo nós que estamos na base da escada dourada podemos ver se elevando acima de nós, de modo que podemos falar deles para os que ainda não viram, a fim de que eles também possam abrir seus olhos para o esplendor inimaginável que os rodeia aqui e agora em seu pobre cotidiano. Esta é uma parte do evangelho da Teosofia - a certeza deste futuro sublime para todos. É certo porque já está aqui; porque para herdá-lo só temos que nos preparar para ele.

Capítulo 7

REENCARNAÇÃO

Esta vida do Ego em seu próprio mundo, que é tão gloriosa e tão plenamente satisfatória para o homem desenvolvido, tem uma parte muito pequena na vida da pessoa comum, pois em seu caso o Ego ainda não atingiu um estágio de desenvolvimento suficiente para estar desperto em seu corpo causal. Em obediência à lei da natureza ele se retirou para dentro do corpo causal, mas ao fazer isso perdeu a sensação de vida intensa, e o incansável desejo de sentir isso uma vez mais o empurra na direção de outra descida à matéria.

Este é o esquema de evolução indicado para o homem no presente estágio - que ele se desenvolva pela descida à matéria densa, e então ascenda para trazer de volta a si mesmo o resultado das experiências assim obtidas. Sua vida real, portanto, abrange milhões de anos, e o que temos o hábito de chamar de vida é só um dia nesta existência maior. De fato, é apenas uma pequena parte de um dia, pois uma vida de setenta anos no mundo físico é freqüentemente seguida por um período de vinte vezes esta duração passado nas altas esferas.

Cada um de nós tem uma longa série destas vidas físicas atrás de si, e o homem comum ainda tem uma longa série delas à sua frente. Cada uma delas é um dia na escola. O Ego veste sua roupa de carne e se adianta para a escola do mundo físico para aprender certas lições. Ele as aprende, ou não, ou aprende em parte, conforme o caso, durante o seu dia escolar de vida terrena; então ele depõe sua vestimenta de carne e retorna para casa em seu próprio nível para descansar e renovar-se. Na manhã de cada nova vida ele retoma novamente sua lição do ponto onde ele a deixou na noite passada. Algumas lições ele pode ser capaz de aprender em um dia, enquanto outras podem lhe tomar muitos dias.

Se ele é um aluno capaz e aprende rápido o que é preciso, se ele obtém uma visão inteligente das regras das escolas, e se dá ao trabalho de adaptar

sua conduta a elas, sua vida escolar é comparativamente curta, e quando acaba ele prossegue plenamente equipado para a vida real dos mundos superiores para os quais este é só uma preparação. Outros Egos são meninos mais preguiçosos que não aprendem tão rápido; alguns deles não entendem as regras da escola, e por causa desta ignorância estão constantemente infringindo-as; outros são travessos, e mesmo quando vêm as regras não podem conduzir-se de pronto para agir em harmonia com elas. Todos estes têm uma vida escolar mais longa, e por suas próprias ações atrasam sua entrada na vida real dos mundos superiores.

Pois esta é uma escola em que nenhum aluno falha sempre; cada um deve continuar até o final. Ele não tem escolha a não ser fazer isso; mas a duração do tempo que levará na qualificação de si mesmo para os exames superiores é deixada inteiramente a seu critério. O aluno prudente, percebendo que a vida escolar não é uma coisa em si, mas só uma preparação para uma vida mais gloriosa e muito mais vasta, esforça-se para compreender tão completamente quanto possível as regras de sua escola, e modela sua vida de acordo com elas o mais que puder, de modo que nenhum tempo possa ser perdido no aprendizado de quaisquer lições que forem necessárias. Ele coopera inteligentemente com os Instrutores, e dispõe-se para realizar o máximo de trabalho que lhe for possível, a fim de que tão cedo quanto puder ele possa chegar à maioridade e entrar em seu reino como um Ego glorificado.

A Teosofia explica-nos as leis sob as quais esta vida escolar deve ser vivida, e neste sentido dá uma grande vantagem aos seus estudantes. A primeira grande lei é a da evolução. Cada homem tem de se tornar um homem perfeito, desenvolver até ao máximo grau as divinas possibilidades que jazem latentes em si, pois este desenvolvimento é o objetivo de todo o plano até onde concerne a ele. Esta lei da evolução constantemente o pressiona para diante em direção a realizações cada vez mais altas. O homem sábio tenta antecipar suas exigências - andar à frente do currículo necessário, pois deste modo ele não só evita toda a colisão contra ele, mas obtém o máximo de assistência a partir disso. O homem que se atrasa na corrida da vida sente sua constante pressão estrangendo-o - uma pressão a que, se resistir, rapidamente se tornará dolorosa. Assim o que se retarda na senda da evolução tem sempre a sensação de estar sendo caçado e impelido pelo destino, enquanto que o homem que coopera inteligentemente é deixado perfeitamente livre para escolher a direção na qual andar, desde que seja para diante e para cima.

A segunda grande lei sob a qual esta evolução está tendo lugar é a lei de causa e efeito. Não pode haver nenhum efeito sem causa, e cada causa deve produzir seu efeito. Não são de fato duas, mas uma só, pois o efeito é realmente parte da causa, e aquele que põe em movimento uma aciona também a outra. Não existe na natureza nenhuma idéia tal como

recompensa ou punição, mas somente causa e efeito. Qualquer um pode ver isso em conexão com a mecânica ou a química; o clarividente o vê com igual clareza no que se refere à evolução. A mesma lei atua tanto no mais alto como no mais baixo dos mundos; lá, como aqui, o ângulo de reflexão é sempre igual ao ângulo de incidência. É uma lei da mecânica que a ação e a reação sejam equivalentes e opostas. Na matéria quase infinitamente mais fina dos mundos superiores a reação não é de modo algum sempre instantânea; pode se distribuir algumas vezes por longos períodos de tempo, mas retorna inevitável e exatamente.

Assim como a lei mecânica no mundo físico é certa em seu funcionamento, o é também a lei mais elevada de acordo com a qual o homem que envia um bom pensamento ou empreende uma boa ação recebe o bem em troca, enquanto que o homem que envia um mau pensamento ou faz uma ação má recebe o mal em retorno com igual precisão - uma vez mais, de modo nenhum como uma recompensa ou punição administrados por alguma vontade externa, mas simplesmente como o mecanismo definido e resultado mecânico de sua própria atividade. O homem aprendeu a apreciar um resultado mecânico no mundo físico, porque a reação é usualmente quase imediata e pode ser vista por ele. Ele não entende sempre a reação nos mundos superiores porque aquela faz um percurso muito mais largo e freqüentemente volta não nesta vida física, mas em alguma outra futura.

A ação desta lei traz a explicação para diversos problemas da vida comum. Ela conta para os diferentes destinos da vida comum. Conta para os diferentes destinos impostos sobre os povos, e também para as diferenças nas próprias pessoas. Se um homem é inteligente em certa direção e outro é incapaz, é porque em uma vida anterior o inteligente devotou muito esforço praticando naquela direção especial, enquanto que o incapaz o está tentando pela primeira vez. O gênio e a criança precoce são exemplos não do favoritismo de alguma deidade, mas do resultado produzido por vidas anteriores de aplicação. Todas as variadas circunstâncias que nos rodeiam são o resultado de nossa próprias ações no passado, precisamente como o são as qualidades que hoje possuímos. Somos o que fizemos de nós, e nossas circunstâncias são as que merecemos.

Há, contudo, um certo ajuste ou dosamento destes efeitos. Ainda que a lei seja uma lei natural e mecânica em sua operação, não obstante existem certos grandes Anjos que estão ligados à sua administração. Eles não podem mudar sequer uma grama no peso do resultado que segue qualquer ação ou pensamento, mas podem dentro de certos limites apressar ou atrasar sua ação, e decidir que forma terá.

Se isso não fosse feito haveria pelo menos a possibilidade de que nos estágios primitivos o homem pudesse errar tão seriamente que o resultado de seu erro pudesse ser mais do que ele pudesse suportar. O plano da

Deidade é dar ao homem uma limitada porção de livre-arbítrio; se ele usa bem esta pequena porção, ele ganha o direito para uma porção maior da próxima vez; se ele usar mal, o sofrimento se abate sobre ele como resultado do mau uso, e ele se vê preso pelo resultado de suas ações anteriores. Quando o homem vai aprendendo a usar seu livre arbítrio, mais e mais dele lhe é confiado, de modo que ele adquire para si praticamente ilimitada liberdade na direção do bem, mas seu poder de agir mal é estritamente restringido. Ele pode progredir tão rápido quanto quiser, mas não pode destroçar sua vida em sua ignorância. Nos primeiros estágios da vida selvagem do homem primitivo é natural que houvesse no todo mais mal do que bem, e se o resultado integral de suas ações retornasse de uma só vez sobre o homem ainda tão pouco desenvolvido, poderia muito bem arrasar os poderes recém desenvolvidos que ainda estão tão frágeis.

Além disso, os efeitos de suas ações são variados em caráter. Enquanto que alguns deles produzem resultados imediatos, outros precisam de muito mais tempo para sua ação, e assim sucede que à medida que o homem vai evoluindo ele tem acima de si uma nuvem suspensa de resultados não descarregados, alguns deles bons, outros maus. Desta massa (que podemos considerar para fins de analogia muito como se fosse um débito para com os poderes da natureza) uma certa quantidade recai devidamente em cada um de seus sucessivos nascimentos; e aquela quantidade, assim assinalada, pode ser considerada o seu destino para aquela vida particular.

Tudo que isso significa é que certa quantidade de alegria e certa dose de sofrimento lhe são devidos, e inevitavelmente lhe sucederão; como ele enfrentará este destino e que uso fará dele, fica inteiramente à sua escolha. É certa quantidade de força que tem de ser esgotada. Nada pode evitar a ação desta força, mas sua ação pode ser sempre modificada pela aplicação de uma nova força em outra direção, exatamente como é o caso na mecânica. O resultado do mal passado é como qualquer outro débito; pode ser pago com um único e vultoso cheque do banco da vida - por alguma suprema catástrofe; ou pode ser pago em muitas notas pequenas, por problemas e preocupações menores; em alguns casos pode mesmo ser pago miúdo por um vasto número de minúsculos aborrecimentos. Mas uma coisa é muito certa - que, de uma forma ou doutra, o pagamento terá que ser feito.

As condições de nossa vida presente, então, são absolutamente o resultado de nossa própria atuação no passado; e o outro lado desta declaração é que nossas ações nesta vida estão construindo as condições para a próxima. Um homem que se encontra limitado seja em poderes seja por circunstâncias externas pode nem sempre ser capaz de tornar-se ou às suas condições o que ele desejaria para esta vida; mas ele pode certamente assegurar para a próxima qualquer coisa que escolher.

Toda ação do homem não termina em si mesmo, mas invariavelmente afeta outros em seu redor. Em alguns casos este efeito pode ser comparativamente trivial, enquanto que em outros pode ser do mais sério caráter. Os resultados triviais, sejam bons ou maus simplesmente são pequenos débitos ou créditos na nossa conta com a natureza; mas os grandes efeitos, sejam bons ou maus, criam uma conta pessoal que deve ser acertada com o indivíduo interessado.

Um homem que dá uma refeição para um mendigo faminto, ou o conforta endereçando-lhe uma palavra carinhosa, receberá o resultado de sua boa ação como parte de uma espécie de fundo geral de benefícios da natureza; mas alguém que por alguma boa ação muda todo o curso da vida de outro homem seguramente terá de encontrar aquele mesmo homem novamente em uma vida futura, a fim de que o que tiver sido beneficiado possa ter a oportunidade de retribuir a benesse que lhe tiver sido feita. Alguém que cause aborrecimento a outro sofrerá proporcionalmente por isso em algum lugar, de algum modo, no futuro, ainda que ele possa jamais encontrar de novo o homem que tiver incomodado; mas alguém que prejudica seriamente outro, deve certamente encontrar sua vítima de novo em algum ponto no curso de suas vidas, para que possa ter a oportunidade, por serviço caridoso e auto-sacrificado, de contrabalançar o mal que tiver feito. Resumindo, grandes débitos devem ser pagos pessoalmente, mas os pequenos vão para o fundo geral.

Assim estes são os principais fatores que determinam o próximo nascimento do homem. Primeiro age a grande lei da evolução, e sua tendência é pressionar o homem a uma posição em que ele possa mais facilmente desenvolver as qualidades que ele mais precisa. Para os propósitos do plano geral, a humanidade é dividida em grandes raças, chamadas raças-raiz, que dominam e ocupam o mundo sucessivamente. A grande raça Ariana ou Indo-Caucasiana, que no presente momento inclui os habitantes mais avançados da Terra, é uma delas. A que veio antes dela na ordem da evolução foi a raça Mongólica, usualmente chamada de Atlante nos livros Teosóficos, porque o continente de onde regeu o mundo agora jaz debaixo das águas do oceano Atlântico. Antes desta veio a raça Negróide, da qual alguns descendentes ainda existem, mesmo que hoje em dia já estejam muito misturados com rebentos das raças posteriores. De cada uma das grandes raças-raiz saem muitos rebentos que chamamos sub-raças - tais como, por exemplo, as raças Românicas ou a Teutônica; e cada uma destas sub-raças por sua vez se divide em raças-ramo, tais como os Franceses e Italianos, os Ingleses e os Alemães.

Estas distribuições são feitas a fim de que cada Ego possa ter uma ampla escolha de variadas condições e ambientes. Cada raça está especialmente adaptada para desenvolver em seu povo uma ou outra das qualidades que são necessárias no curso da evolução. Em cada nação existe um número

quase infinito de condições diferentes, riquezas e misérias, um largo campo de oportunidades ou uma total falta delas, facilidades para o desenvolvimento ou condições em que este desenvolvimento é difícil ou a bem dizer impossível. Em meio de todas estas infinitas possibilidades a pressão da lei de evolução tende a guiar o homem para exatamente aquelas que melhor preenchem suas necessidades no estágio em que ele porventura se encontrar.

Mas a ação desta lei é limitada pela outra lei de que falamos, a lei de causa e efeito. As ações do homem no passado podem não ter sido tais que mereça (se pudéssemos dizer assim) as melhores oportunidades possíveis; ele pode ter posto em movimento em seu passado certas forças cujo inevitável resultado será produzir limitações; e estas limitações podem operar evitando seu recebimento das melhores oportunidades possíveis, e assim como resultado de suas próprias ações no passado ele pode ter que se haver com menos. De modo que podemos dizer que a ação da lei de evolução, que é deixada para produzir por si realmente o melhor possível para cada homem, é restringida pelas próprias ações prévias do homem.

Como característica importante nesta limitação - que pode atuar tão poderosamente para o bem quanto para o mal - é a influência do grupo de Egos com que o homem criou ligações definidas no passado - aqueles que com ele formaram laços fortes de amor ou ódio, de ajuda ou dano - aquelas almas que ele deve encontrar de novo por causa das conexões feitas com elas muito tempo atrás. Sua relação com elas é um fator que deve ser levado em conta antes que possa ser determinado onde e como ele deverá renascer.

A vontade da Deidade é a evolução do homem. O esforço daquela natureza que é uma expressão da Deidade é dar ao homem o que quer que seja mais adequado para esta evolução; mas isso é condicionado pelas faltas no passado e pelos elos que ele já formou. Pode ser suposto que um homem descendo à encarnação poderia aprender as lições necessárias para aquela vida em qualquer uma de uma centena de posições. Da metade ou mais delas ele pode ser excluído pelas conseqüências de algumas de suas muitas e variadas ações no passado. Entre as poucas possibilidades que lhe restam abertas, a escolha de uma possibilidade em particular pode ser determinada pela presença naquela família ou naquela redondeza de outros Egos com quem ele tem um saldo credor por serviços prestados, ou a quem ele por sua vez deve um débito de amor.

Capítulo 8

O PROPÓSITO DA VIDA

Para cumprir nosso dever no plano divino devemos tentar entender não só este plano como um todo, mas a parte especial que o homem é designado para desempenhar nele. O sopro divino atinge sua imersão mais funda na matéria no reino mineral, mas alcança seu ponto extremo de diferenciação não no nível mais baixo de materialidade, mas na entrada no reino humano no arco ascendente da evolução. Devemos assim distinguir três estágios no curso desta evolução:

(a) O arco descendente no qual a tendência é para a diferenciação e também para maior materialidade. Neste estágio o espírito está se envolvendo na matéria, a fim de que ele possa aprender a receber impressões através dela.

(b) A primeira parte do arco ascendente, na qual a tendência é ainda para maior diferenciação, mas ao mesmo tempo para a espiritualização e fuga da materialidade. Neste estágio o espírito está aprendendo a dominar a matéria e a vê-la como uma expressão de si mesmo.

(c) A última parte do arco ascendente, quando a diferenciação finalmente se completou, e a tendência é para a unidade bem como para maior espiritualidade. Neste estágio o espírito, tendo aprendido perfeitamente como receber impressões através da matéria e como expressar-se através dela, e tendo despertado seus poderes latentes, aprende a usar estes poderes corretamente a serviço da Deidade.

O objetivo de toda a evolução prévia foi o de produzir o Ego como uma manifestação da Mônada. Então o Ego por sua vez evolui projetando-se para baixo em uma sucessão de personalidades. Os homens que não entendem isto vêem a personalidade como o Eu, e por conseguinte vivem só para si, e tentam regular suas vidas pelo que parece ser sua vantagem temporária. O homem que entende percebe que a única coisa importante é a vida do Ego, e que seu progresso é o objetivo para o qual a personalidade temporária deve ser usada. Portanto quando ele tem de decidir entre dois caminhos possíveis ele não pensa, como o homem comum poderia: "Qual traria o maior prazer e proveito para mim como personalidade?", mas "Qual traria o maior progresso para mim como um Ego?" A experiência cedo lhe ensina que nada jamais pode ser realmente bom para ele, ou para qualquer um, se não for bom para todos, e assim logo ele aprende a esquecer completamente de si mesmo, e indagar apenas qual será o melhor para a humanidade como um todo.

Claramente então neste estágio tudo que tende para a unidade, tudo que tende para a espiritualidade, está de acordo com o plano da Deidade para nós, e portanto é correto para nós, enquanto tudo o que tende à separatividade ou materialidade é com certeza igualmente errado para nós.

Há pensamentos e emoções que tendem à unidade, como o amor, a simpatia, a reverência, a benevolência; há outros que tendem para a desunião, como o ódio, ciúme, inveja, orgulho, crueldade, medo. Obviamente o primeiro grupo para nós é o certo, e o outro grupo, o errado.

Em todos estes pensamentos e sentimentos que são claramente errados, reconhecemos uma nota dominante, o pensamento no eu; enquanto em todos que são claramente certos reconhecemos que o pensamento é voltado para os outros, e que o eu pessoal é esquecido. Pelo que vemos que o egoísmo é o único grande erro, e que o perfeito altruísmo é a coroa de toda a virtude. Isto nos dá uma regra de vida. O homem que deseja cooperar inteligentemente com a Vontade Divina deve deixar de lado todo o pensamento de vantagem ou prazer para o eu pessoal, e deve dedicar-se exclusivamente ao cumprimento daquela Vontade pelo trabalho para o bem-estar e felicidade dos outros.

Este é um ideal elevado, e difícil de atingir, porque há atrás de nós uma longa história de egoísmo. A maioria de nós está ainda longe da atitude puramente altruísta; como trabalharemos para conseguí-la, carecendo como estamos da necessária intensidade em tantas das boas qualidades, e possuindo tantas que são indesejáveis?

Aqui entra em operação a grande lei de causa e efeito a que já me referi. Assim como podemos apelar confiantes para as leis da natureza no mundo físico, também podemos apelar para estas leis do mundo superior. Se encontramos más qualidades em nós, elas devem ter crescido devagar através da ignorância e pensamento auto-indulgente. Agora que a ignorância foi dissipada pelo conhecimento, agora que em consequência reconhecemos uma qualidade como má, o método de a vencermos ressalta nítido diante de nós.

Para cada um destes vícios há uma virtude contrária; se encontramos um deles se exaltando em nós, imediatamente determinemo-nos deliberadamente desenvolver em nós a virtude contrária. Se um homem percebe que no passado ele tem sido egoísta, isso significa que ele construiu em si o hábito de primeiro pensar em si e agradar-se, de consultar sua própria conveniência ou seu prazer sem a devida reflexão sobre o efeito nos outros; que se disponha a trabalhar intencionalmente para formar exatamente o hábito oposto, estabelecer uma prática de antes de fazer qualquer coisa pensar como isso afetaria todos em seu redor; que se habitue a agradar os outros, mesmo que seja ao preço de problemas ou privação para si. Também isso com o tempo se tornará um hábito, e com seu desenvolvimento ele terá matado o vício.

Se um homem se encontra cheio de suspeita, pronto para atribuir motivos

perversos para as ações daqueles à sua volta, que se proponha a constantemente cultivar a confiança em seus companheiros, a dar-lhes crédito sempre pelos motivos mais elevados possíveis. Pode ser dito que um homem que faz isso abre-se a ser enganado, e que em muitos casos sua confiança será desperdiçada. Isso é de somenos importância; é muito melhor para ele que algumas vezes seja enganado como resultado de sua confiança em seus companheiros do que prevenir-se de tal engano mantendo uma constante atitude de suspeita. Além disso, a confiança engendra a fé. Um homem que é afeiçoado geralmente prova-se digno da confiança, enquanto que um homem que é posto sob suspeita logo vem a justificar tal desconfiança.

Se um homem encontra em si a tendência à avareza, que saia deste caminho sendo especialmente generoso; caso se encontre irritável, que definitivamente adestre-se na calma; se está devorado pela curiosidade, que deliberadamente recuse sempre e sempre gratificar tal curiosidade; se é predisposto à depressão, que com persistência cultive a jovialidade, mesmo sob as mais adversas circunstâncias.

Todo o caso de existência de uma qualidade má na personalidade significa a falta da correspondente boa qualidade no Ego. O caminho mais curto para sobrepujar aquele mal e prevenir seu reaparecimento é preencher a lacuna no Ego, e a boa qualidade que assim for desenvolvida se mostrará como uma parte integral do caráter do homem através de todas as suas futuras vidas. Um Ego não pode ser mau, mas pode ser imperfeito. As qualidades que ele desenvolve não podem ser outras que não boas qualidades, e quando elas estão bem definidas elas se apresentam em todas as suas numerosas personalidades, e assim aquelas personalidades jamais podem ser culpadas dos vícios opostos àquelas qualidades; mas onde houver uma lacuna no Ego, onde houver uma qualidade subdesenvolvida, não há nada inerente na personalidade para obstar o crescimento do vício oposto; e desde que outros no mundo em seu redor já possuam este vício, e sendo o homem um animal imitador, é muito provável que ele prontamente o manifeste em si. Este vício, entretanto, pertence aos veículos somente e não ao homem interior. Nestes veículos sua repetição pode estabelecer uma tendência que é difícil de conquistar; mas se o Ego determinar-se a criar em si a virtude oposta, o vício é cortado pela raiz - e já não pode perdurar - nem nesta vida nem em todas as vidas que hão de vir.

Um homem que estiver tentando desenvolver estas qualidades em si encontrará certos obstáculos em seu caminho - obstáculos que ele deve aprender a ultrapassar. Um deles é o espírito crítico da época - a disposição de encontrar defeitos a troco de nada, de menosprezar tudo, de procurar por falhas em tudo, e em todos. O exato oposto disso é o que é necessário para o progresso. Quem desejar mover-se rapidamente na senda da evolução deve aprender a ver o bem em tudo - ver a Deidade latente em tudo e em

cada um. Só assim ele poderá ajudar as outras pessoas - só assim ele poderá extrair o melhor de todas as coisas.

Um outro obstáculo é a falta de perseverança. Tendemos nestes dias a ser impacientes; se tentamos qualquer plano esperamos resultados imediatos dele, e se não os obtemos, desistimos daquele plano e tentamos algum outro. Este não é o modo de fazer progressos no ocultismo. O esforço que estamos fazendo é o de comprimir em uma ou duas vidas a evolução que normalmente talvez levasse uma centena de vidas. Este não é o tipo de empreitada na qual resultados imediatos devem ser esperados. Tentamos extirpar um mau hábito, e achamos isso um trabalho árduo; por quê? Porque havemos indulgido naquela prática por, talvez, vinte mil anos; ninguém pode extirpar um costume de vinte mil anos em um dia ou dois. Permitimos que aquele hábito ganhasse enorme energia, e antes que possamos dirigir uma força na direção oposta temos que sobrepujar essa energia. Isto não pode ser feito num instante, mas é absolutamente certo que será conseguido mais tarde, se perseverarmos, porque a energia, por mais forte que seja, é uma qualidade finita, enquanto que o poder que podemos atrair para contrapor-lhe é o poder infinito da vontade humana, que pode fazer esforços renovados dia após dia, ano após ano, e mesmo vida após vida, se necessário.

Uma outra dificuldade em nosso caminho é a falta de clareza em nosso pensamento. As pessoas no Ocidente estão pouco acostumadas a pensar claramente sobre questões religiosas. Tudo é vago e nebuloso. Para o desenvolvimento oculto a imprecisão e nebulosidade não funcionam. Nossas concepções devem ser claramente delineadas e nossas imagens-pensamento definidas. Outras características necessárias são a tranquilidade e jovialidade; estas são raras na vida moderna, mas são absolutamente essenciais para o trabalho que estamos aqui empreendendo.

O processo de construir um caráter é tão científico como o de desenvolver os músculos. Muitos homens, encontrando em si certos músculos flácidos e fracos tomam isso como sua condição natural, e consideram sua fraqueza uma espécie de destino imposto sobre si; mas quem quer que entenda um pouco do corpo humano está ciente de que com exercício continuado aqueles músculos podem ser trazidos a um estado de saúde e todo o corpo eventualmente posto em ordem. Exatamente do mesmo modo, muitos homens se acham possuídos por um mau temperamento ou uma tendência para a avareza ou desconfiança ou auto-indulgência, e quando em conseqüência de qualquer destes vício ele comete algum grande erro ou faz alguma grande injúria ele apresenta como escusa o fato de ele ser um homem temperamental, ou que possui esta ou aquela qualidade por natureza - implicando que portanto não pode modificar-se.

Neste caso como no outro o remédio está em suas próprias mãos. Exercício

regular do tipo certo desenvolverá certo músculo, e exercício mental regular do tipo correto desenvolverá uma qualidade ausente no caráter do homem. O homem comum não percebe que pode fazer isso, e mesmo se vê que pode, não vê por que deveria, pois isso significa muito esforço e muita auto-repressão. Ele não conhece nenhum motivo adequado para empreender uma tarefa tão laboriosa e dolorosa.

O motivo é suprido pelo conhecimento da verdade. Quem consegue uma inteligente compreensão da direção da evolução a sente não só como de seu interesse mas também como seu privilégio e seu deleite cooperar com ela. Quem quer o fim quer também os meios; a fim de se tornar capaz de fazer um bom trabalho para o mundo deve desenvolver em si a força e qualidades necessárias. Portanto quem deseja reformar o mundo deve antes de tudo reformar a si mesmo. Ele deve aprender a desistir de toda a atitude de insistir em direitos, e deve devotar-se completamente ao mais aplicado desempenho dos seus deveres. Ele deve aprender a ver cada ligação com seus semelhantes como uma oportunidade de ajudar aquele companheiro, ou de algum modo fazer-lhe o bem.

Quem estudar estes assuntos inteligentemente não pode senão perceber o tremendo poder do pensamento, e a necessidade de seu eficiente controle. Toda a ação brota do pensamento, pois mesmo quando é feita, por assim dizer, sem pensarmos, é a expressão instintiva dos pensamentos, desejos e sentimentos que o homem permitiu crescerem luxuriantes em si em dias passados.

O homem sábio, portanto, vigiará seu pensamento com o maior cuidado, pois nele possui um maravilhoso instrumento, por cujo uso correto é responsável. É seu dever governar seu pensamento, impedindo que corra desenfreado fazendo mal a si mesmo e aos outros; é seu dever ainda desenvolver o poder de seu pensamento, porque por seu intermédio uma vasta quantidade de bem ativo e real pode ser feito. Assim controlando seu pensamento e sua ação, assim eliminando de si todo o mal e desenvolvendo em si todas as boas qualidades, o homem logo se eleva muito acima do nível de seus companheiros, e permanece conspicuamente entre eles como alguém que está trabalhando no lado do bem e contra o mal, no da evolução e contra a estagnação.

Os membros da grande Hierarquia em cujas mãos está a evolução do mundo estão sempre procurando por tais homens a fim de que possam treiná-los para ajudar no trabalho maior. Um tal homem inevitavelmente atrairá Sua atenção e Eles começarão a usá-lo como um instrumento em Sua obra. Se ele provar-se um instrumento bom e eficiente, logo Eles lhe oferecerão um treinamento definido como aprendiz, para que possa auxiliá-los nos negócios do mundo que Eles têm que fazer para que possa algum

dia se tornar mesmo como Eles são, e unir-se à poderosa Fraternidade a que pertencem.

Mas para uma honra tão grande como esta a mera bondade comum não basta. Na verdade, um homem deve ser primeiro de tudo bom, ou será inútil esperar que o usem, mas além de ser bom ele deve ser sábio e forte. O que é preciso não é meramente um homem bom, mas um grande poder espiritual. Não só o candidato deve descartar toda a fraqueza normal mas deve ter adquirido fortes qualidades positivas antes que possa oferecer-se a Eles com alguma esperança de ser aceito. Ele deve viver não mais como uma personalidade estouvada e egoísta, mas como um Ego inteligente que compreende a parte que tem de desempenhar no grande esquema do universo. Ele deve ter esquecido de si completamente; ele deve ter desistido de todo pensamento de proveito ou prazer ou progresso mundanos; ele deve desejar sacrificar tudo, e a si mesmo em primeiro lugar, pelo bem do trabalho que tem de ser feito. Ele pode estar no mundo, mas não deve ser do mundo. Ele deve ser completamente imune à sua opinião. Por amor de ajudar os homens ele deve fazer-se algo mais que homem. Radiante, jubiloso, forte, ele deve viver apenas para o bem dos outros e para ser uma expressão do amor de Deus no mundo. Um alto ideal, mas não alto demais; possível, porque há homens que já o atingiram.

Quando um homem conseguiu desdobrar suas faculdades latentes o bastante para atrair a atenção dos Mestres da Sabedoria, um d'Eles provavelmente o receberá como aprendiz probacionário. O período de provação usualmente é de sete anos, mas pode ser encurtado ou prolongado conforme a consideração do Mestre. No fim deste período, se seu trabalho tiver sido satisfatório, ele se torna o que é comumente chamado de discípulo aceito. Isto o põe em estreita ligação com seu Mestre, para que as vibrações deste constantemente atuem sobre ele, e ele gradualmente aprenda a ver tudo como o Mestre vê. Após um outro período, se ele provar-se inteiramente digno, ele pode ser trazido a uma relação ainda mais próxima, quando dizemos que ele se torna filho do Mestre.

Estes três estágios marcam sua relação só com seu próprio Mestre, não com toda a Fraternidade. A Fraternidade admite um homem em suas fileiras somente quando ele primeiro preparou-se para passar pela primeira das grandes Iniciações.

Esta entrada na Fraternidade d'Aqueles que governam o mundo pode ser imaginada como o terceiro dos três grandes pontos críticos na evolução do homem. O primeiro deles é quando ele se torna um homem - quando se individualiza e sai do reino animal e obtém um corpo causal. O segundo é o que os Cristãos chamam de "conversão", e os Hindus "aquisição de discernimento", e os Budistas "abertura das portas da mente". Este é o ponto em que ele compreende os grandes fatos da vida, e abandona a

busca de objetivos egoístas a fim de mover-se intencionalmente ao longo da grande corrente de evolução obedecendo à Vontade Divina. O terceiro ponto é o mais importante de todos, pois a Iniciação que o admite nas fileiras da Fraternidade também o salva da possibilidade de falhar no propósito divino eventualmente designado para ele. Por isso os que atingiram este ponto são chamados no sistema Cristão de "eleitos", ou "salvos", e no esquema Budista "aqueles que entraram na corrente". Pois aqueles que atingiram este ponto tornaram-se absolutamente certos de chegar ainda a um outro ponto além - o do Adeptado, no qual passarão para um tipo de evolução que é definitivamente super-humano.

O homem que se tornou um Adepto cumpriu a Vontade Divina até onde interessa a esta cadeia de mundos. Ele atingiu já no ponto médio do eon evolutivo, o estágio prescrito para o atingimento humano só no fim do eon. Portanto ele é livre para preencher o tempo restante seja ajudando seus semelhantes ou mesmo em um trabalho mais esplêndido em conexão com outras e mais elevadas evoluções. Quem ainda não foi iniciado ainda corre o risco de ser deixado para trás por nossa presente onda evolutiva, caindo na próxima - a "condenação eônica" de que Cristo fala, que tem sido mal-traduzida como "condenação eterna". É deste destino de possível falha eônica - isto é, uma falha durante esta era, ou dispensação, ou onda de vida - que o homem que obtém a Iniciação é "salvo". Ele terá "entrado para a corrente" que agora deve conduzi-lo ao Adeptado nesta presente era, ainda que lhe seja possível por suas ações apressar ou retardar seu progresso na Senda que está trilhando.

Esta primeira Iniciação corresponde à matrícula que admite um homem numa universidade, e a obtenção do Adeptado à colação de grau no final do curso. Continuando o paralelo, existem três exames intermediários, que usualmente chamamos de segunda, terceira e quarta Iniciações, sendo o Adeptado a quinta. Uma idéia geral da linha desta evolução superior pode ser obtida pelo estudo da lista do que são chamados nos livros Budistas como "as cadeias" que devem ser eliminadas - as qualidades de que um homem deve se livrar ao trilhar a Senda. São elas: a ilusão da separatividade; dúvida ou incerteza; superstição; apego ao prazer; possibilidade de ódio; desejo por vida, seja neste ou em mundos superiores; orgulho; agitação ou irritabilidade; e ignorância. O homem que chega ao nível de Adepto esgotou todas as possibilidades de desenvolvimento moral, e assim a evolução futura que se abre diante dele pode significar apenas mais amplo conhecimento e poderes espirituais ainda mais estupendos.

Capítulo 9

AS CADEIAS PLANETÁRIAS

O esquema de evolução de que nossa Terra faz parte não é o único em nosso sistema solar, pois existem neste sistema dez cadeias separadas de globos que são teatros todos eles de progressos algo similares. Cada um destes esquemas de evolução está tendo lugar sobre uma cadeia de globos, e no curso de cada esquema sua cadeia de globos atravessa sete encarnações. O plano, semelhante em cada esquema como um todo e em cada sucessiva encarnação de sua cadeia de globos, é passo a passo mergulhar mais profundamente na matéria, e então passo a passo alçar-se dela novamente.

Cada cadeia consiste de sete globos, e tanto globos como cadeias observam a regra da descida na matéria e posterior ascensão dela novamente. A fim de tornar isso compreensível tomemos como exemplo a cadeia a que pertence a nossa Terra. Na presente época ela está em sua quarta ou mais material encarnação, e portanto três de seus globos pertencem ao mundo físico, dois ao mundo astral e dois à parte inferior do mundo mental. A onda de Vida Divina passa em sucessão de globo para globo desta cadeia, começando com um dos mais elevados, descendo gradualmente para o mais baixo e então subindo novamente para o mesmo nível onde começou.

Por conveniência denominemos os sete globos com as primeiras letras do alfabeto, e numeremos as encarnações em ordem. Assim, como esta é a quarta encarnação de nossa cadeia, o primeiro globo desta encarnação será o 4A, o segundo 4B, o terceiro 4C, o quarto (que é a nossa Terra) 4D, e assim por diante.

Estes globos não são todos compostos de matéria física. O 4A não contém matéria mais baixa que a do mundo mental; tem sua contraparte em todos os mundos acima daquele, mas nenhuma abaixo. O 4B existe no mundo astral; mas o 4C é um globo físico, visível ao nosso telescópio, e é de fato o planeta que conhecemos como Marte. O globo 4D é a nossa própria Terra, onde a onda de vida da cadeia está em ação no presente. O globo 4E é o planeta chamado Mercúrio - também no mundo físico. O globo 4F está no mundo astral, correspondendo no arco ascendente ao globo 4B do descendente; enquanto que o globo 4G corresponde ao globo 4A ao ter sua manifestação mais baixa na parte inferior do mundo mental. Assim se vê que temos um esquema de globos partindo do mundo mental inferior, mergulhando através do astral em direção ao físico e então subindo para o mundo mental inferior passando pelo astral novamente.

Assim como a sucessão de globos em uma cadeia constitui uma descida à matéria e uma ascensão dela novamente, assim o fazem as sucessivas encarnações de uma cadeia. Descrevemos o estado das coisas na quarta encarnação; retrocedendo à terceira, descobrimos que ela começa não no nível inferior do mundo mental, mas no superior. Os globos 3A e 3G, então,

são ambos de matéria mental superior, enquanto os globos 3B e 3F estão no mundo mental inferior. Os globos 3C e 3E pertencem ao mundo astral, e somente o globo 3D é visível no mundo físico.

Ainda que esta terceira encarnação de nossa cadeia há muito tenha passado, o cadáver deste globo físico 3D é ainda visível a nós como o planeta morto Lua, daí que a terceira encarnação é usualmente denominada cadeia lunar.

A quinta encarnação de nossa cadeia, que ainda dista muito no futuro, corresponderá à terceira. Nela, os globos 5A e 5G serão feitos de matéria mental superior, os globos 5B e 5F de matéria mental inferior, os globos 5C e 5E de matéria astral, e apenas o globo 5D estará no mundo físico. Este planeta 5D, é claro, ainda não existe.

A outras encarnações da cadeia seguem a mesma regra geral de materialidade gradualmente decrescente; 2A, 6A e 6G estão todos no mundo intuicional; 2B, 2F, 6B e 6F estão todos na parte superior do mundo mental; 2C, 2E, 6C e 6E estão na parte inferior do mundo mental; 2D e 6D estão no mundo astral. Do mesmo modo o 1A, 1G, 7A e 7G pertencem ao mundo espiritual; 1B, 1F, 7B e 7F estão no mundo intuicional; 1C, 1E, 7C e 7E estão na parte superior do mundo mental; 1D e 7D estão na parte inferior do mundo mental.

Assim vemos que não só a onda de vida ao passar por uma cadeia de globos mergulha na matéria e dela sobe novamente, mas a própria cadeia em suas encarnações sucessivas faz exatamente a mesma coisa.

Há então dez esquemas de evolução existindo atualmente em nosso sistema solar, mas só sete deles estão em um estágio onde possuem planetas no mundo físico. Os esquemas são: (1) o de um planeta não descoberto ainda, Vulcano, muito próximo do Sol, que está em sua terceira encarnação, e assim só tem aquele globo visível; (2) o de Vênus, que está em sua quinta encarnação, e portanto só possui um globo físico; (3) o da Terra, Marte e Mercúrio, que tem três planetas visíveis porque está em sua quarta encarnação; (4) o de Júpiter, (5) o de Saturno, (6) o de Urano, todos em sua terceira encarnação; e (7) o de Netuno e os dois planetas não nomeados além de sua órbita, que estão em sua quarta encarnação, e portanto tem três planetas físicos, como nós.

Em cada encarnação de uma cadeia (comumente chamada um período-cadeia) a onda de Vida Divina se movimenta sete vezes em torno da cadeia de sete planetas, e cada movimento é chamado como uma ronda. O tempo que a onda de vida permanece sobre cada planeta é conhecido como um período mundial, e no decurso de um período mundial há sete grandes

raças-raiz. Como foi já explanado, estas são subdivididas em sub-raças, e estas também novamente em raças-ramo. Por conveniência podemos colocar numa tabela:

Fazem 7 Raças-ramo - 1 Sub-raça 7 Sub-raças - 1 Raça-raiz 7 Raças-raiz - 1 Período mundial 7 Períodos mundiais - 1 Ronda 7 Rondas - 1 Periodo-cadeia 7 Períodos-cadeia - 1 Esquema de evolução 10 Esquemas de evolução - Evolução de nosso sistema Fica claro que a quarta raça-raiz do quarto globo da quarta ronda do quarto período-cadeia seria o ponto central de todo um esquema de evolução, e encontramos-nos atualmente recém passando deste ponto. A raça Ariana, a que pertencemos, é a quinta raça-raiz do quarto globo, de modo que o verdadeiro ponto médio caiu no tempo da última grande raça-raiz, a Atlante. Conseqüentemente a raça humana como um todo está só um pouquinho além da metade de sua evolução, e aquelas poucas Almas que já se aproximam do Adeptado, que é o fim e o corolário desta evolução, estão muito mais adiantadas do que suas companheiras.

Como fizeram para estarem assim tão na frente? Em parte e em alguns casos porque trabalharam mais árduo, mas usualmente porque são Egos mais velhos - porque se individualizaram do reino animal numa época mais remota, e assim tiveram mais tempo para a parte humana de sua evolução.

Qualquer onda de vida emanada da Deidade usualmente gasta um período-cadeia em cada um dos grandes reinos da natureza. A que em nossa primeira cadeia estava animando o primeiro reino elemental deve ter animado o segundo daqueles reinos na segunda cadeia, o terceiro deles na cadeia Lunar, e agora está no reino mineral na quarta cadeia. Na futura quinta cadeia animará o reino vegetal, na sexta o animal, e na sétima atingirá a humanidade.

Disto se segue que nós mesmos constituímos o reino mineral na primeira cadeia, o vegetal na segunda, e o animal na cadeia Lunar. Nesta alguns de nós atingimos a individualização, e assim nos habilitamos a entrar nesta cadeia Terrestre como homens. Outros que estavam um pouco mais para trás não conseguiram atingí-la, de modo que nasceram nesta cadeia como animais por algum tempo antes que pudessem alcançar a humanidade.

Nem todos da humanidade, entretanto, entraram nesta cadeia juntos. Quando a cadeia Lunar chegou ao seu fim sua humanidade estava em vários níveis. Não no Adeptado, mas o que agora é para nós o quarto passo na Senda foi a meta prescrita para aquela cadeia. Aqueles que chegaram lá (comumente chamados na literatura Teosófica como os Senhores da Lua) tiveram diante deles, como de praxe, sete opções de caminho onde poderiam servir. Somente uma destas opções os trouxe, ou melhor a uns

poucos, para esta cadeia Terrestre, para atuarem como guias e instrutores para as raças mais novas. Uma proporção considerável - vasta, em verdade - dos homens Lunares ainda não havia atingido aquele ponto, e conseqüentemente teve de aparecer nesta cadeia Terrestre como humanidade. Além disso, uma grande massa do reino animal da cadeia Lunar estava chegando ao ponto da individualização, e alguns de seus membros já a tinham atingido, enquanto que muitos outros não. Estes últimos precisaram de encarnações animais posteriores sobre a cadeia Terrestre, e por ora podem ser deixados de lado.

Houve muitas classes mesmo entre a humanidade, e o modo pelo qual se distribuíram sobre a cadeia Terrestre necessita de alguma explicação. É a regra geral que aqueles que atingiram o ponto mais alto possível em qualquer cadeia, ou em qualquer globo, em qualquer raça-raiz, não renasçam no começo da subsequente cadeia, globo ou raça, respectivamente. Os estágios iniciais são sempre para as entidades atrasadas, e somente quando elas já passaram por uma boa parte da evolução e estão começando a se aproximar do nível dos outros que trabalharam melhor, é que estes descem à encarnação e se reúnem a elas de novo. Isto é, quase a metade inicial de qualquer período evolucionário, seja uma raça, um globo ou uma cadeia, parece ser devotado à condução das pessoas atrasadas para perto do nível das que se adiantaram; então estas últimas também (que neste interregno estiveram repousando em grande deleite no mundo mental) descem à encarnação junto das outras, e caminham todas juntas até o fim do período.

Pois os primeiros Egos da Lua que entraram na cadeia Terrestre de modo algum eram os mais avançados. De fato eles poderiam ser descritos como os mais atrasados dos que haviam conseguido atingir a humanidade - os homens-animal. Vindo como vieram para uma cadeia de novos globos, recém formados, eles tiveram que estabelecer as formas em todos os diferentes reinos da natureza. Isto precisa ser feito no começo da primeira ronda de uma nova cadeia, mas nunca depois; pois ainda que a onda de vida esteja concentrada somente em um dos sete globos de uma cadeia em qualquer momento dado, já a vida não deixa inteiramente os outros globos. No presente momento, por exemplo, a onda de vida de nossa cadeia está concentrada na Terra, mas nos outros dois globos físicos de nossa cadeia, Marte e Mercúrio, a vida ainda existe. Ainda há uma população, humana, animal e vegetal, e conseqüentemente quando a onda de vida retornar àqueles planetas não terá necessidade de criar novas formas. Os tipos antigos ainda estão lá, e tudo o que deve ocorrer será uma súbita e maravilhosa fecundidade, de modo que os vários reinos rapidamente crescerão e se multiplicarão, fazendo a população crescer rapidamente em vez de permanecer estacionária.

Foram então os homens-animal, a classe mais baixa de seres humanos da

cadeia Lunar, quem estabeleceu as formas na primeira ronda da cadeia Terrestre. Pressionando logo atrás deles estavam os mais evoluídos do reino animal Lunar, que logo estavam prontos para ocupar as formas recém construídas. Na segunda passagem em torno dos sete globos da cadeia Terrestre, os homens-animal que tinham sido os mais atrasados da humanidade Lunar foram os líderes desta humanidade Terrestre, os animais Lunares mais evoluídos constituindo suas classes menos evoluídas. A mesma coisa ocorreu na terceira ronda da cadeia Terrestre, mais e mais animais Lunares atingindo a individualização e juntando-se às fileiras humanas, até que no meio daquela ronda neste mesmo globo D que chamamos de Terra, uma classe superior de seres humanos - a Segunda Ordem de homens Lunares - desceu à encarnação e prontamente assumiu a liderança.

Quando chegamos à quarta, ou presente ronda, encontramos a Primeira Ordem de homens Lunares misturando-se a nós - todos os mais evoluídos e melhores da humanidade Lunar que tinham quase obtido sucesso. Alguns destes que já tinham mesmo na Lua entrado na Senda logo atingiram seu fim, se tornaram Adeptos e passaram para além da Terra. Alguns poucos outros que não tinham ido tão longe no avanço obtiveram o Adeptado comparativamente há pouco tempo - isto é, dentro dos últimos poucos milhares de anos, e estes são os Adeptos de hoje em dia. Nós, que estamos nas raças mais evoluídas da humanidade moderna, estamos diversos estágios atrás deles, mas a oportunidade se nos apresenta de seguirmos seus passos se assim quisermos.

A evolução de que estivemos falando é a do próprio Ego, que pode ser chamado a Alma do homem; mas ao mesmo tempo ocorreu também uma evolução do corpo. As formas construídas na primeira ronda eram muito diferentes de qualquer uma de que hoje conhecemos alguma coisa. Propriamente falando, as que foram feitas em nossa Terra física dificilmente podem ser chamadas mesmo de formas, pois eram feitas só de matéria etérica, e pareciam nuvens vagas, flutuantes e quase informes. Na segunda ronda eram definitivamente físicas, mas ainda sem formato e leves o bastante para flutuar nas correntes de ar.

Só na terceira ronda elas começaram a assumir alguma semelhança com o homem como o conhecemos hoje. Os próprios métodos de reprodução daquelas formas primitivas diferem dos da humanidade hoje, e muito mais se assemelhavam aos que encontramos somente em formas de vida muito inferiores. Naqueles tempos o homem era sempre andrógino, e uma separação definitiva entre os sexos teve lugar só perto da metade da terceira ronda. Daquele tempo até agora a forma do homem tem evoluído ao longo de linhas definitivamente humanas, se tornando menor e mais compacta do que era, aprendendo a ficar de pé em vez de se curvar e rastejar, e geralmente se diferenciando das formas animais de onde evoluiu.

Uma quebra interessante na regularidade da evolução merece menção. Neste globo, em sua quarta ronda, houve um desvio no esquema direto de evolução. Sendo o globo médio de uma ronda média, o ponto médio da evolução assinalou o último momento em que foi possível para membros do que havia sido o reino animal Lunar obter a individualização. Por conseguinte uma espécie de poderoso esforço foi feito - um esquema especial foi arranjado para dar uma chance final a quantos fosse possível. As condições da primeira e segunda rondas foram especialmente reproduzidas em lugar da primeira e segunda raças - condições que em rondas anteriores estes Egos atrasados não foram capazes de tirar completo proveito. Agora, com a evolução adicional que eles teriam de fazer durante a terceira ronda, alguns deles foram capazes de tirar proveito, e assim acorreram no derradeiro momento antes que a porta se fechasse, e se tornaram humanos. Naturalmente não atingiram nenhum alto nível de desenvolvimento humano, mas pelo menos quando tentarem novamente em alguma cadeia futura cadeia terá sido de alguma vantagem terem tido mesmo esta leve experiência de vida humana.

Nossa evolução terrestre recebeu um valiosíssimo estímulo com a assistência dada a nós pela nossa esfera irmã, Vênus. Vênus está neste presente momento na quinta encarnação de sua cadeia, e na sétima ronda daquela encarnação, de modo que seus habitantes estão uma cadeia inteira mais metade à nossa frente na evolução. Sendo, pois, seu povo tão mais avançado que o nosso, foi considerado desejável que certos Adeptos da evolução Venusiana se transferissem para nossa Terra a fim de auxiliar na época especialmente trabalhosa antes do fechamento das portas, no meio da quarta raça-raiz.

Estes augustos Seres têm sido chamados de os Senhores da Chama e os Filhos da Névoa de Fogo, e produziram um maravilhoso efeito sobre nossa evolução. O intelecto de que somos tão orgulhosos é quase todo devido à Sua presença, pois no curso natural dos eventos a próxima ronda, a quinta, é que deveria ser a do desenvolvimento intelectual, e nesta nossa atual quarta ronda deveríamos estar nos devotando principalmente ao cultivo das emoções. Estamos pois na verdade em grande medida à frente do programa assinalado para nós; e tal avanço é devido inteiramente à assistência dada por estes grandes Senhores da Chama. A maioria d'Eles permaneceu conosco só durante aquele período momentoso de nossa história; uns poucos ainda permanecem para manter os mais elevados cargos da Grande Fraternidade Branca até o tempo em que homens de nossa própria evolução cheguem a uma altura tal que os capacite liberar seus augustos visitantes.

A evolução que está à nossa frente é tanto da vida quanto da forma; pois em rondas futuras, quando os Egos ainda estarão crescendo

constantemente em poder, sabedoria e amor, as formas físicas também serão mais belas e mais perfeitas do que jamais o foram. Temos neste mundo atualmente homens em estágios muito distintos de evolução, e é claro que há vastas legiões de selvagens que estão muito atrás das grandes raças civilizadas do mundo - tão atrás que é praticamente impossível que eles as alcancem. Mais tarde no decorrer de nossa evolução será atingido um ponto no qual já não será possível para estas Almas subdesenvolvidas avançar ao lado das outras, portanto será necessário que uma separação seja feita.

O procedimento é exatamente análogo à seleção dos alunos de sua classe por um professor. Durante o ano escolar ele tem de preparar seus meninos para certo exame e talvez pela metade do período daquele ano escolar ele sabe muito bem quais deles passarão. Se ele tivesse em sua classe alguns que estivessem irremediavelmente atrás dos outros, ele poderia com razão dizer-lhes quando o período médio chegasse:

"É completamente inútil para vocês continuar com seus colegas, pois as lições mais difíceis que agora devo ministrar seriam inteiramente ininteligíveis para vocês. É impossível que vocês possam aprender o suficiente a tempo de passar no exame, de modo que o esforço lhes seria apenas uma tensão inútil, enquanto que vocês seriam um estorvo para o resto da classe. É portanto muito melhor para vocês desistirem do esforço pelo impossível, e retomar novamente o trabalho da classe inferior que vocês ainda não dominaram, e então se aprontarem para este exame junto com a classe do próximo ano, pois o que agora lhes é impossível será fácil então."

Isto com efeito é o que será dito em um certo estágio em nossa futura evolução, aos Egos mais atrasados. Eles saem da classe atual e voltam com a próxima. Esta é a "condenação eônica" a que se fez referência um pouco antes. É calculado que cerca de dois quintos da humanidade saiam da turma neste dia, deixando os três quintos remanescentes avançar com muito maior rapidez para os gloriosos destinos que estão à sua frente.

Capítulo 10

O RESULTADO DO ESTUDO TEOSÓFICO

"Membros da Sociedade Teosófica estudam estas verdades e Teósofos tentam vivê-las." Que tipo de homem então é o verdadeiro Teósofo em consequência de seu conhecimento? Qual é o resultado em sua vida cotidiana de todo este estudo?

Considerando que existe um Poder Supremo que está dirigindo o curso da

evolução, e que Ele é todo-sábio e todo-amoroso, o Teósofo vê que tudo que existe dentro deste esquema deve ter sido planejado para incrementar o seu progresso. Ele percebe que a escritura que nos diz que todas as coisas estão trabalhando juntas para o bem não está indulgindo em um vôo de fantasia poética ou dando voz a uma esperança piedosa, mas apresentando um fato científico. A obtenção final de glória inenarrável é uma certeza absoluta para cada filho do homem, qualquer que seja no presente a sua condição; mas isso de modo nenhum é tudo. Aqui e neste presente momento ele está a caminho daquela glória; e todas as circunstâncias que o rodeiam são previstas para ajudar e não para bloqueá-lo, se apenas forem corretamente compreendidas. É uma triste verdade que no mundo haja tanto de mal e aflição e sofrimento; já do ponto de vista mais alto o Teósofo percebe que, terrível que seja isso, é só temporário e superficial, e tudo está sendo utilizado como fator de progresso.

Quando nos dias de sua ignorância ele olhou para aquilo de seu próprio nível quase lhe foi impossível perceber isto; enquanto que olhava de baixo para o lado inferior da vida, com seus olhos fixos todo o tempo sobre algum mal aparente, ele nunca poderia ter recebido um vislumbre real de seu significado. Agora que ele se elevou acima disso aos níveis superiores de pensamento e consciência, e olha para baixo com o olho do espírito e o entende em sua inteireza, então ele pode ver que em verdade tudo está bem - não que tudo estará bem em algum tempo remoto, mas que mesmo agora neste momento, no meio da lida incessante e do aparente mal, a poderosa corrente da evolução ainda está fluindo, e assim tudo está bem porque tudo está se movendo em perfeita ordem em direção à meta final.

Alçando assim sua consciência acima da tormenta e da tensão da vida mundana, ele reconhece o que costumava parecer ser o mal, e nota como aparentemente ele está pressionando para trás contra a grande corrente do progresso; mas ele vê também que o fluxo progressivo da lei divina da evolução guarda para com este mal superficial a mesma relação que a tremenda torrente do Niágara guarda para com os borrifos de espuma em sua superfície.

Então enquanto simpatiza profundamente com todos os sofredores, ele também percebe qual será o fim deste sofrimento, e assim para ele o desespero ou a desesperança são impossíveis. Ele aplica esta consideração às suas próprias tristezas e problemas, bem como para os do mundo, e portanto um dos grandes frutos da sua Teosofia é uma serenidade perfeita - e mesmo mais do que isso, uma jovialidade e alegria perpétuas.

Para ele há uma completa ausência de preocupações, porque em verdade não há nada mais com que se preocupar, uma vez que ele sabe que tudo deve estar bem. Sua Ciência superior o torna um inabalável otimista, pois ela lhe mostra que qualquer que seja o mal que possa haver em qualquer

pessoa ou em qualquer momento, necessariamente ele é temporário, porque se opõe à irresistível corrente da evolução; enquanto que qualquer que seja o bem em qualquer pessoa ou em qualquer momento, deve necessariamente ser perdurável e útil, porque tem atrás de si a onipotência daquela corrente, e portanto deve permanecer e prevalecer.

Já não se deve supor sequer por um momento que por ele ser tão plenamente confiante do triunfo final do bem permaneça descuidado ou insensível aos males que existem no mundo em seu redor. Ele sabe que é seu dever combatê-los com o máximo de seu poder, porque assim fazendo ele está trabalhando no lado da grande força evolucionária, e está trazendo para mais perto o tempo de sua vitória final. Ninguém será mais ativo que ele no trabalho para o bem, mesmo estando absolutamente livre do sentimento de desvalia e desesperança que tão amiúde oprimem aqueles que tentam ajudar seus semelhantes.

Um outro valiosíssimo resultado de seu estudo Teosófico é a ausência de medo. Muitas pessoas estão constantemente ansiosas ou preocupadas sobre uma coisa ou outra; estão receando que isto ou aquilo lhes suceda, que este ou aquele plano possa falhar, e assim todo o tempo estão em uma condição de desassossego; e mais grave do que tudo para muitos está o temor da morte. Para o Teosofista todo este sentimento é inteiramente varrido. Ele compreende aquela grande verdade da reencarnação. Ele sabe que já descartou corpos físicos muitas vezes antes, e vê que a morte não passa de um sono - que assim como o sono sobrevém entre dois de nossos dias de trabalho e nos dá descanso e renovação, assim entre estes dias de trabalho aqui na Terra, que chamamos de vidas, existe uma grande noite de vida astral e celeste para nos dar repouso e renovação e nos ajudar em nosso caminho.

Para o Teósofo a morte é simplesmente o abandono por algum tempo desta roupagem de carne. Ele sabe que é seu dever preservar a vestimenta corporal o mais possível, e obter através dela toda a experiência que puder; mas quando lhe chegar o tempo de deixá-la de lado ele o fará agradecido, porque sabe que o próximo estágio será muito mais agradável que este. Assim ele não terá nenhum medo da morte, mesmo que perceba que deve viver sua vida até o final prescrito, porque ele está aqui no intuito de progredir, e que o progresso é a única coisa realmente importante. Toda sua concepção de vida é diferente; o objetivo não é ganhar tanto dinheiro, nem obter tal ou qual posição; a única coisa importante é cumprir o Plano Divino. Ele sabe que é por isso que está aqui, e que tudo o mais deve ceder o passo a isto.

É completamente livre também de todos os temores ou preocupações ou problemas religiosos. Todas estas coisas são afugentadas por ele, porque

vê com clareza que o progresso para o mais alto é a Vontade Divina para nós, que não podemos escapar do progresso, e que seja o que for que encontremos em nosso caminho e o que quer que nos suceda é planejado para nos ajudar ao longo desta linha; que nós próprios somos absolutamente as únicas pessoas que podem nos atrasar ou adiantar. Já não se perturba ou teme por si. Ele simplesmente vai em frente e cumpre o dever imediato do melhor modo que pode, confiante de que se faz assim tudo irá melhor para ele sem sua perpétua preocupação. Ele está muitíssimo satisfeito fazendo seu trabalho e tentando ajudar seus companheiros de raça, sabendo que o grande Poder Divino por trás o impulsionará para diante lenta e constantemente, e fará por ele tudo o que puder ser feito, tão logo sua face se volte decididamente para a direção correta, tão logo ele faça tudo o que razoavelmente puder.

Uma vez que conhece que todos somos parte de uma só grande evolução e literalmente filhos de um único pai, percebe que a fraternidade universal da humanidade não é nenhuma mera concepção poética, mas um fato definido; não um sonho de algo que haverá na vaga distância da Utopia, mas uma condição existindo aqui e agora. A certeza desta fraternidade todo-abrangente lhe dá uma visão mais ampla da vida e um ponto de vista largo e impessoal de onde considerar tudo. Ele percebe que os verdadeiros interesses de todos são de fato idênticos, e que nenhum homem pode jamais fazer alguma aquisição para si à custa do prejuízo ou sofrimento de outrem. Isto não é para ele um artigo de fé religiosa, mas um fato científico provado a ele por seu estudo. Ele vê que uma vez que a humanidade é literalmente um todo, nada que prejudique um homem pode jamais ser realmente bom para qualquer outro, pois a injúria feita influencia não só o que a fez mas também os que o rodeiam.

Ele sabe que a única vantagem real para ele é o benefício que compartilha com todos. Ele vê que qualquer avanço que for capaz de realizar na senda do progresso espiritual ou do desenvolvimento é algo assegurado não só para si mas para outros. Se ele ganha conhecimento ou auto-controle, seguramente adquire muito para si, enquanto não tira nada de ninguém, mas ao contrário auxilia e fortalece os outros. Conhecedor que é da absoluta unidade espiritual da humanidade, ele sabe que, mesmo neste mundo inferior, nenhum verdadeiro proveito pode ser tirado por um homem se não for feito em nome e por amor da humanidade; que o progresso de um homem deve ser um alívio do fardo de todos; que o avanço de um homem em coisas espirituais significa um levíssimo ainda que não imperceptível avanço para a humanidade como um todo; que cada um que nobremente suporta sofrimento e tristeza em sua luta em direção à luz está aliviando também um pouco da pesada carga da tristeza e sofrimento de seus irmãos.

Porque reconhece esta fraternidade não meramente como uma esperança

acalentada por homens desesperados, mas um fato definido derivando em seqüência científica de todos os outros fatos; porque ele vê isso como uma certeza absoluta, sua atitude para com todos à sua volta muda radicalmente. Se torna uma postura sempre de auxílio, sempre da mais profunda simpatia, pois ele vê que nada que colida com os mais altos interesses alheios pode ser a coisa certa para ele fazer, ou pode ser bom para ele de qualquer maneira.

Disto segue-se naturalmente que ele se torna cheio com a mais ampla tolerância e caridade possíveis. Ele não pode ser senão tolerante sempre, porque sua filosofia lhe mostra que importa pouco no que um homem acredita, desde que seja um homem bom e verdadeiro. Também deve ser caridoso, porque seu conhecimento mais vasto o habilita fazer concessões por muitas coisas que o homem comum não entende. O padrão do Teósofo para com o certo e o errado é sempre mais alto que o do homem menos instruído, mas ele é muito mais gentil que este último em seus sentimentos para com o faltoso, porque ele compreende mais da natureza humana. Ele percebe como a falta aparece ao faltoso no momento em que a comete, e assim ele faz mais concessões que jamais são feitas pelo homem que é ignorante disso.

Ele vai além da tolerância, da caridade, da simpatia; ele sente positivo amor pela humanidade, e isso o leva a adotar uma posição de vigilante auxílio. Ele sente que cada contato com outros é para ele uma oportunidade, e o conhecimento adicional que seu estudo lhe terá trazido o torna mais capaz de dar conselho ou ajuda em quase qualquer caso que lhe surja. Não que esteja perpetuamente impondo suas opiniões sobre outras pessoas. Ao contrário, ele observa que fazer isso é um dos erros mais comuns cometidos pelo não instruído. Ele sabe que a argumentação é um tolo desperdício de energia, e portanto ele recusa debater. Se qualquer um quiser dele uma explicação ou conselho ele será mais que desejoso em dá-los, mesmo que não tenha nenhum tipo de vontade de converter qualquer um ao seu próprio modo de pensar.

Em cada relação da vida esta idéia de ajuda entra em ação, não só para com seus semelhantes mas também em relação ao vasto reino animal que o rodeia. Indivíduos deste reino são freqüentemente trazidos para estreita relação com o homem, e isto é para ele uma oportunidade de fazer algo por eles. O Teósofo reconhece que estes também são seus irmãos, mesmo que eles possam ser mais irmãos mais jovens, e que ele tem um dever fraternal para com eles também -agindo e pensando de modo que sua relação com eles seja sempre para seu bem e jamais para seu prejuízo.

Prioritariamente e acima de tudo, sua Teosofia deve ser-lhe uma doutrina de bom senso. Ela põe diante dele, até onde ele puder por ora apreendê-los, os fatos sobre Deus e o homem e as relações entre ambos; então passa a

levar estes fatos em conta e a agir em relação a eles com juízo equilibrado e bom senso. Ele regula sua vida de acordo com as leis da evolução que lhe foram ensinadas, e isso lhe dá um ponto de vista totalmente novo, e uma pedra-de-toque com a qual analisar tudo - seus próprios pensamentos e sentimentos, e suas ações em primeiro lugar, e então aquelas coisas que lhe surgem no mundo externo a si.

Sempre aplica este critério: A coisa é boa ou má, ajuda ou entrava a evolução? Se um pensamento ou sentimento se ergue nele, ele vê de imediato com este teste se é uma coisa que deve encorajar. Se for para o bem da maioria então tudo está bem; se pode limitar ou causar injúria a qualquer ser em seu progresso, então é um mal a ser evitado. Exatamente o mesmo critério funciona bem se ele for chamado a decidir a respeito de qualquer coisa externa a si. Se daquele ponto de vista uma coisa for boa, então ele pode conscienciosamente apoiá-la; se não, então não é para ele.

Para ele a questão de interesse pessoal não entra nunca em jogo. Ele pensa simplesmente no bem da evolução como um todo. Isso lhe dá um parâmetro nítido e um discernimento claro, e remove dele ao mesmo tempo o sofrimento da indecisão e hesitação. A Vontade da Deidade é a evolução humana; portanto o que quer que ajude esta evolução deve ser bom; o que quer que a detenha no seu caminho a atrasa, então deve ser uma coisa errada, mesmo que possa ter a seu lado todo o peso da opinião pública e da tradição imemorial.

Sabendo que o verdadeiro homem é o Ego e não o corpo, ele vê que é apenas a vida do Ego o que interessa, e que tudo ligado ao corpo deve sem hesitação ser subordinado àqueles interesses mais elevados. Ele reconhece que esta vida terrena lhe é dada no intuito do progresso, e que este progresso é a única coisa importante. O propósito real de sua vida é o desdobramento de seus poderes como Ego, o desenvolvimento de seu caráter. Ele sabe que deve haver desenvolvimento não só do corpo físico mas também da natureza mental, da mente, e das percepções espirituais. Ele vê que nada menos que perfeição absoluta é esperada dele em relação a este desenvolvimento; que todos os poderes em relação a isso estão em suas mãos; que ele tem um tempo infinito diante dele para obter tal perfeição, mas o quanto antes ela puder ser obtida mais feliz e mais útil ele será.

Ele reconhece sua vida como nada além de um dia de escola, e seu corpo físico como uma roupa temporária envergada com o propósito de aprender através dela. Ele sabe de imediato que este propósito de aprender lições é o único de alguma importância real, e que o homem que se permite ser desviado deste propósito por quaisquer considerações que seja está agindo com inconcebível estupidez. Para ele a vida devotada exclusivamente a

objetivos físicos, para a aquisição de riqueza ou fama, parece uma mera brincadeira de criança - um sacrifício inútil de toda a posse realmente digna em favor de uns poucos momento de gratificação da parte inferior de sua natureza. Ele "põe seu amor nas coisas do alto e não nas coisas do mundo", não só porque ele vê que este é o rumo certo de atuação, mas porque ele percebe tão claramente a futilidade das coisas da Terra. Ele sempre tenta assumir o mais alto ponto de vista, pois ele sabe que o inferior é completamente duvidoso - que os desejos e sentimentos inferiores se juntam em seu redor como uma densa nuvem, e tornam-lhe impossível ver claramente daquele nível.

Sempre que encontra um conflito ocorrendo em si ele lembra que ele mesmo é o mais alto, e que este que é o inferior não é o Eu real, mas meramente uma parte descontrolada de um de seus veículos. Ele sabe que ainda que possa falhar mil vezes no caminho para sua meta, seu motivo de tentar atingí-la permanece tão forte depois da milésima queda como era no início, de modo que seria não só inútil mas tolo e errado dar vazão ao desânimo e desesperança.

Ele começa sua jornada na via do progresso imediatamente - não só porque ele sabe que é muito mais fácil para ele agora do que deixar para fazer o esforço mais tarde, mas principalmente porque se tentar agora e conseguir fazer algum progresso, se ele se elevar assim a algum nível superior, ele estará em posição de estender uma mão auxiliadora àqueles que ainda não chegaram sequer àquele degrau que ele atingiu na escada. Desta maneira ele faz uma parte, por mais humilde que seja, na grande obra divina da evolução.

Ele sabe que ele chegou a este ponto atual somente por um lento processo de crescimento, e portanto não espera instantâneas conquistas de perfeição. Ele vê quão inevitável é a grande lei de causa e efeito, e que quando ele uma vez entender a operação daquela lei ele poderá usá-la inteligentemente, a respeito do desenvolvimento mental e moral, assim como no mundo físico podemos empregar para nosso auxílio aquelas leis da natureza cuja ação tivermos aprendido a entender.

Compreendendo o que é a morte, ele sabe que não precisa receá-la ou lamentá-la, seja quando chegar para si ou para aqueles que ama. Ela lhe tem chegado tantas vezes antes, então não há nada de estranho nela. Ele vê a morte simplesmente como uma promoção de uma vida que é mais que metade física para uma que é inteiramente superior, de modo que ele destemidamente a acolhe; e mesmo quando chega para aqueles que ama, ele reconhece prontamente a vantagem para eles, mesmo que não possa senão sentir uma pontada de mágoa por dever temporariamente ser separado deles no que se refere ao mundo físico. Mas ele sabe que os assim chamados mortos estão perto dele ainda, e que ele tem apenas de

sair de seu corpo físico um pouco enquanto dorme a fim de ficar lado a lado com eles como antes.

Ele vê claramente que o mundo é um só, e que a mesma Lei Divina rege todo o conjunto, seja visível ou invisível à visão física. Assim ele não tem nenhum sentimento de nervosismo ou estranheza em passar de uma parte a outra, e nenhum sentimento de incerteza do que encontrará no outro lado do véu. Ele sabe que naquela vida mais alta se abre diante dele um esplêndido panorama de oportunidades tanto para aquisição de conhecimento em primeira mão como para fazer trabalho útil; que a vida fora deste corpo físico tem uma vivacidade e brilho para a qual todo o gozo terreno representa nada; e assim através de seu claro conhecimento e tranqüila confiança o poder da vida eterna irradia-se para todos ao seu redor.

Dúvidas sobre seu futuro lhe são impossíveis, pois só de olhar o selvagem ele percebe o que foi no passado, e só de olhar para os maiores e mais sábios da raça humana ele percebe o que deverá ser no futuro. Ele vê uma ininterrupta seqüência de desenvolvimento, uma escada de perfeição se elevando constantemente à sua frente, com seres humanos já sobre cada degrau dela, de modo que ele sabe que aqueles degraus lhe são possíveis de subir. É exatamente por causa da imutabilidade da grande lei de causa e efeito que ele se considera capaz de subir aquela escadaria, porque, desde que a lei trabalha sempre do mesmo modo, ele pode fiar-se nela e utilizá-la, exatamente como ele usa as leis da natureza nos mundos físicos. Seu conhecimento desta lei lhe traz um senso de perspectiva, e lhe mostra que se algo lhe acomete, o faz porque ele o terá merecido como consequência de uma ação que cometeu, das palavras que falou, dos pensamentos que abrigou em dias anteriores ou vidas progressas. Ele compreende que toda aflição é de natureza de pagamento de débitos, e portanto quando ele tem de se haver com os problemas da vida ele os toma e utiliza como lição, porque entende o motivo de surgirem e é contente pela chance que lhe dão de saldar algumas de suas obrigações.

Novamente, e já de outra forma, ele os toma como uma oportunidade, pois vê que há um outro lado neles se ele os enfrenta da maneira correta. Ele não gasta seu tempo assumindo penas futuras. Quando os problemas chegarem ele não os piora com uma tola ruminção mas se dispõe a suportá-los tanto quanto for o inevitável, com paciência e fortaleza. Não que se lhes submeta como um fatalista faria, pois ele toma circunstâncias adversas como um incentivo para um desenvolvimento tal que o faça transcendê-las, e assim a partir do mal ancestral ele engendra uma semente de crescimento futuro. Pois no próprio ato de pagar o enorme débito ele desenvolve as qualidades de coragem e determinação que o colocarão em boa posição através de todas as eras que hão de vir.

Ele é distinguível do resto do mundo por sua perene jovialidade, sua coragem indômita sob as dificuldades, e sua pronta simpatia e prestimosidade; e ao mesmo tempo ele é decididamente um homem que leva a vida a sério, que reconhece que há muito para cada um fazer no mundo, e que não há tempo a perder. Ele sabe com certeza absoluta que ele não só faz seu próprio destino mas ainda gravemente afeta o dos outros que o cercam, e assim, percebe quão pesada responsabilidade acompanha o uso de seu poder.

Ele sabe que pensamentos são coisas e que é facilmente possível fazer um grande mal ou um grande bem por seu intermédio. Ele sabe que nenhum homem vive para si, pois cada pensamento age também sobre os outros; que a vibração que emite de sua mente e de sua natureza mental estão se reproduzindo nas naturezas mentais dos outros homens, de modo que ele é uma fonte tanto de saúde mental quanto de doença mental para todos com que entre em contato.

Isto logo impõe sobre ele um código de ética social muito mais elevado do que é conhecido pelo mundo exterior, pois ele sabe que deve controlar não apenas seus atos e suas palavras, mas também seus pensamentos, uma vez que eles podem produzir efeitos mais sérios e de muito maior alcance que sua expressão externa no mundo físico. Ele sabe que mesmo quando um homem não está nem um pouco pensando nos outros, ele mesmo assim os afeta para o bem ou para o mal. Somando-se a esta ação inconsciente do seu pensamento ele também o emprega conscientemente para o bem. Ele põe correntes em movimento para levar auxílio e conforto mentais a muitos amigos, e neste caminho ele encontra um inteiro novo mundo de utilidade se abrindo diante dele.

Ele se coloca sempre do lado do pensamento mais alto antes do que do mais baixo, do mais nobre antes do que do mais vil. Ele deliberadamente assume a visão otimista antes do que a pessimista em tudo, a auxiliadora antes que a cínica, porque sabe que esta é fundamentalmente a visão verdadeira. Por procurar continuamente o bem em tudo é que ele pode tentar fortalecê-lo, por esforçar-se sempre por ajudar e nunca por atrapalhar, ele se torna sempre de maior utilidade para seus semelhantes, e assim, a seu modo modesto, torna-se um colaborador no esplêndido esquema de evolução. Ele esquece completamente de si e vive apenas por amor aos outros, percebendo-se como uma parte do esquema; ele também percebe em si o Deus interno, e aprende a se tornar cada vez mais uma expressão mais verdadeira d'Ele, e em cumprindo assim a vontade de Deus ele não só estará abençoando a si mesmo, mas se tornando uma bênção para todos.